



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

PAMELA DE BORTOLI MACHADO

FILMEDUCAÇÃO: UM CINEMA POSSÍVEL NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

FILMEDUCATION: A CINEMA POSSIBLE IN CONTEMPORARY SCHOOL

CAMPINAS

2019

PAMELA DE BORTOLI MACHADO

FILMEDUCAÇÃO: UM CINEMA POSSÍVEL NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

FILMEDUCATION: A CINEMA POSSIBLE IN CONTEMPORARY SCHOOL

Tese apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Multimeios.

Thesis presented to the Institute of Arts of the State University of Campinas as part of the requirements for obtaining the title of Doctor in Multimedia.

ORIENTADOR: FÁBIO NAURAS AKHRAS

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSAO FINAL DA TESE DEFENDIDA
PELA ALUNA PAMELA DE BORTOLI
MACHADO, E ORIENTADA PELO PROF.
DR. FÁBIO NAURAS AKHRAS.

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

M18f Machado, Pamela de Bortoli, 1987-
Filmeducação : um cinema possível na escola contemporânea / Pamela de
Bortoli Machado. – Campinas SP : [s.n.] 2019.

Orientador: Fábio Nauras Akhras.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Cinema na educação. 2. Ambiente de sala de aula. 3. Currículos. 4.
Metodologia. 5. Cinema - Produção e direção. I. Akhras, Fábio Nauras, 1954-
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Filmeducation : a cinema possible in contemporary school

Palavras-chave em inglês:

Motion pictures in education

Classroom environment

Curriculum

Methodology

Motion pictures - Production and direction

Área de concentração: Multimeios

Titulação: Doutora em Multimeios

Banca examinadora:

Fábio Nauras Akhras

Marcus César Soares Freire

Carlos Eduardo Albuquerque Miranda

Cesar Donizetti Pereira Leite

Cláudia de Almeida Mogadouro

Data de defesa: 22-08-2019

Programa de Pós-Graduação: Multimeios

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2217-9147>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3014846558660433>

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE DOUTORADO

PAMELA DE BORTOLI MACHADO

ORIENTADOR: FÁBIO NAURAS AKHRAS

MEMBROS:

1. PROF. DR. FÁBIO NAURAS AKHRAS
2. PROF. DR. MARCIUS CÉSAR SOARES FREIRE
3. PROF. DR. CARLOS EDUARDO ALBUQUERQUE MIRANDA
4. PROF. DR. CESAR DONIZETTI PEREIRA LEITE
5. PROFA. DRA. CLÁUDIA DE ALMEIDA MOGADOURO

Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

A Ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da comissão examinadora encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DATA DA DEFESA: 22.08.2019

*Aos meus pais Adelino Machado e Marlei de Bortoli Machado,
minha estrutura nos dias difíceis e minha força para seguir adiante.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus e à vida.

Aos mestres que me guiaram durante os quatro anos de trajetória de doutorado, principalmente ao meu orientador Fábio Nauras Akhras, que desde o mestrado reservou tempo para meus e-mails e reuniões.

Ao Grupo Olho, pelo acolhimento e troca de conhecimentos que aqui foram construídos e reforçados.

À CAPES, cuja pesquisa só se tornou possível graças ao suporte financeiro.

Às escolas CEI Regente Feijó, CEI Cha Il Sun, CEI Brígida Costa e EMEF Júlio de Mesquita Filho, por terem acreditado nas apostas aqui detalhadas e pelas portas abertas para tal empreendimento.

À Prefeitura Municipal de Campinas - CEFORTEPE no que se refere ao Projeto Cinema & Educação. Através deste pude ter a oportunidade de aplicar as ideias da metodologia aqui proposta.

Um trabalho sempre é o resultado do esforço de muitos.

RESUMO

A presente tese propõe uma metodologia que se desenvolve por meio de três apostas de oficinas. Partindo de valores como comunicação, colaboração, criatividade e criticidade, propomos projetos de aulas que têm como norte a aplicação prática em sala de aula, independente da área do currículo. Temos conhecimento da longa trajetória da relação entre cinema e educação no Brasil e, neste sentido, não nos detemos em embasamentos unicamente teóricos. A tese parte da hipótese de que, a partir das oficinas aqui propostas e dos relatos de vivências enquanto formadora de escolas públicas em Campinas, SP, é possível uma reflexão sobre como o cinema pode ser inserido em sala de aula enquanto encontro com a produção fílmica. Considerando-se a problemática de uma aplicação plausível em escolas, tendo em vista os obstáculos relativos aos equipamentos tecnológicos e à necessidade de uma formação para o conhecimento da linguagem cinematográfica, construímos oficinas que avaliam essas lacunas e se propõem a sanar essas dificuldades. Nosso objetivo se deteve na formulação de aulas que pudessem ser replicadas pelos respectivos participantes da formação, de maneira que se tornassem replicadores dessa metodologia junto aos alunos. A prática envolve não somente uma sala de aula isolada, como também a reação em cadeia e a transformação da rotina escolar como um todo. A tese apresenta os resultados vividos a partir da metodologia proposta nas apostas de oficinas, elucidando como o currículo vivido se transforma no encontro com um cinema que não se define como fruição de um produto audiovisual pronto em uma sala escura, mas pelo desenrolar das relações humanas construídas ao longo da trajetória, ou seja, no encontro entre professor e alunos que realizam produções fílmicas a partir dessas oficinas. Um cinema possível, que chamamos como sendo o encontro de escola e produção fílmica, bem como as relações construídas nesse encontro pelos envolvidos e que tem a escola contemporânea como local de atravessamento.

Palavras-chave: cinema na educação; ambiente de sala de aula; currículos; metodologia; cinema - produção e direção.

ABSTRACT

The present thesis proposes a methodology that is developed through three sets of workshops. Based on values such as communication, collaboration, creativity and criticality, we propose projects of classes that have as a practical application in the classroom, regardless of the area of the curriculum. We are aware of the long trajectory of the relationship between cinema and education in Brazil and, in this sense, we do not dwell on purely theoretical foundations. The thesis is based on the hypothesis that, from the workshops proposed here and from experience reports as a teacher of public schools in Campinas, SP, it is possible to reflect on how cinema can be inserted in the classroom. Considering the problem of a plausible application in schools, in view of the obstacles related to technological equipment and the need for training in the knowledge of cinematographic language, we have built workshops that assess these gaps and propose to remedy these difficulties. Our goal was to formulate lessons that could be replicated by the respective participants in the training, so that they became replicators of this methodology with the students. The practice involves not only an isolated classroom, but also the chain reaction and the transformation of the school routine as a whole. The thesis presents the results obtained from the methodology proposed in the workshops, elucidating how the lived curriculum turns into the encounter with a cinema that is not defined as an audiovisual product in a dark room, but by the development of relations between human beings built along the trajectory, in which the school is crossed by this cinema. A possible cinema that has contemporary school as a crossing point.

Keywords: motion pictures in education; classroom environment; curriculum; methodology; motion pictures - production and direction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
------------------	----

Parte I: Panorama sobre a relação cinema e educação

I. Cinema e Educação. Por quê?	17
I.I Quais os benefícios?	22
I.II Transformações e contribuição para a promoção do ensino a partir da produção fílmica em sala de aula.....	28
I.III Algumas dificuldades: como lidar com a mudança em sala de aula?	31
<i>I.III.I A formação docente e o uso de recursos tecnológicos.</i>	31
<i>I.III.II Aparato tecnológico e produção nacional.</i>	37

Parte II: Elementos para uma metodologia

II. O uso de celulares para produzir filmes	42
II.I Por que pode ser uma boa alternativa?	42
II.II Como usar o celular em sala de aula para produzir filmes?.....	48
<i>II.II.I Algumas possibilidades proporcionadas pela inclusão do celular em sala de aula</i>	53
III. Formação de professores para ensinar cinema na escola.....	55
III.I Quais as mudanças na sala de aula com a formação pedagógica?	56
III.II Projetos de formação de professores para o ensino do cinema na escola.	59
<i>III.II.I Inventar com a Diferença.</i>	60
<i>III.II.II Semente Cinematográfica</i>	61
<i>III.II.III Imagens em Movimento</i>	62
<i>III.II.IV Programa de Alfabetização Audiovisual.</i>	64
<i>III.II.V Cartografia de Imagens: Filme-carta, Formação e Experimentação</i>	65
<i>III.II.VI Programa Cinema & Educação.</i>	66
III.III Considerações sobre os projetos de formação de professores no âmbito de cinema e educação	68
IV BFI: outras ideias de formação de professores em cinema e educação	71
IV.I Breve contextualização sobre o BFI.	72
IV.II Contato com o projeto "Le Cinéma, Cent ans de jeunesse" (Cinema: Cem anos de juventude).....	73
<i>IV.II.I Principais ideias de atividades propostas</i>	77

<i>IV.II.II Feedback dos professores ingleses participantes do projeto: resultados obtidos com os alunos</i>	79
<i>IV.II.III Final do projeto - considerações</i>	82
<i>IV.III Frameworks do BFI: outras fontes de ideias</i>	83

Parte III: O cinema na sala de aula: a prática

V. Construção de uma metodologia de cinema e educação para ser usada em sala de aula	87
V.I Oficinas formuladas	88
<i>V.I.I Oficinas de Film Literacy - Primeira aposta</i>	90
<i>V.I.II Oficina Para aprender e ensinar: filmar - Segunda aposta</i>	98
<i>V.I.III Oficina Filmeducação: um cinema possível na escola contemporânea - Terceira aposta</i>	103
VI Aplicação da metodologia na formação de professores de Campinas	109
VI.I Primeiro caso: formação de professores da CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun	109
<i>VI.I.I Resultados e conclusão</i>	114
VI.II Segundo caso: formação dos monitores da CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun	115
<i>VI.II.I Resultados e conclusão</i>	120
VI.III Terceiro caso: formação de professores da EMEF Júlio de Mesquita Filho e CEI Brígida Costa	120
<i>VI.III.I EMEF Júlio de Mesquita Filho</i>	121
<i>VI.III.I.I Resultados e conclusão</i>	124
<i>VI.III.II CEI Brígida Costa</i>	125
<i>VI.III.II.I Resultados e conclusão</i>	127
CONCLUSÃO: Um cinema possível na escola contemporânea	128
REFERÊNCIAS	134
APÊNDICE A - Projetos contemporâneos: principais atividades e realizações	144
APÊNDICE B - Eventos atuais envolvendo cinema e educação	155

INTRODUÇÃO

Os dois pilares da presente pesquisa, cinema e educação, possuem uma história estudada e conhecida. Neste sentido, optamos por apresentar suas trajetórias de forma resumida na primeira parte desta tese. O motivo de nos debruçarmos sobre esses temas está relacionado com nossa experiência enquanto formadora de professores da rede, que integra as áreas de cinema e educação. Tal experiência, que só se tornou possível devido ao percurso impulsionado por discussões, seminários, uma pesquisa no exterior, além da oportunidade de tornar ideias em práticas viáveis para serem aplicadas nas escolas de Campinas, S.P.

A hipótese inicial do doutoramento era distinta da que agora apresentamos. Inicialmente, pretendíamos a aplicação desta pesquisa em uma Organização Não-Governamental - ONG, na qual discutiríamos como o cinema social interage com pessoas que vivenciam situações de pobreza e desigualdade social. Entretanto, ao entrarmos em contato com o Grupo Olho, da Faculdade de Educação da Unicamp¹, percebemos que nossa trajetória de pesquisa seria moldada para outros ares, uma vez desenvolvida a parceria com a Prefeitura de Campinas, resultando em atividades de formação de professores da rede.

Assim, em apenas um ano, a pesquisa se transformou, visando a construção de uma metodologia embasada em oficinas, que pudesse ser aplicada em escolas públicas de Campinas, capacitando professores da rede que replicariam a metodologia para com seus respectivos alunos. Dessa forma, a partir de 2016, cogitamos a hipótese de verificar uma maneira prática de fazer interagir cinema e educação, a partir de um método que pudesse ser utilizado por qualquer professor(a), independente de sua área.

Por quê?

¹ O Laboratório de Estudos Audiovisuais – "Olho" – investiga a educação estética, cultural e política, vistas como formas complexas do viver cultural e social contemporâneo. Pesquisa e estuda a educação, o conhecimento, a linguagem e arte como faces entrelaçadas e como produções materiais coletivas e ideologias complexas, alegóricas, abertas à interpretações não determinadas, fundadas no universo interdisciplinar da cultura, da arte e da ciência. Estas interpretações, como pontos significativos de alegorias do momento presente, partem do movimento do conteúdo manifesto do objeto, para descerrar o seu ordenamento cronológico e rastrear suas origens, na dispersão da História e da Memória. GRUPOS DE PESQUISA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO – UNICAMP. OLHO - LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS . Disponível em: <https://laboratorioolho.weebly.com/>. Acesso em: 18/04/2019.

Certamente, a Lei 13.0006² foi um dos fundamentos que nos impulsionou a formular oficinas com uma metodologia que pudesse ser utilizada diretamente pelos professores em sala de aula. Além disso, durante a pesquisa tivemos conhecimento dos chamados 4Cs - comunicação, colaboração, criatividade e criticidade - “[...] descritos [...] pela Associação Nacional de Educação (NEA) dos Estados Unidos durante a primeira década deste século, como sendo necessários para preparar os estudantes para uma sociedade global” (WUNCH; BLASZKOWSK; CUCH; CRUZ, 2017, p. 13142-43)³.

Esta tese teve por objetivo a construção de uma metodologia que incluísse esses 4 valores, impulsionando-os pela produção fílmica em sala de aula, e que não se limitasse apenas a um resultado fílmico, uma vez que cada professor traria sua bagagem cultural e práticas curriculares. Dessa maneira, a pesquisa se divide em três partes:

Parte I:

Panorama sobre a relação cinema e educação. Iniciamos com alguns dados históricos, que ilustram a trajetória destas áreas, e as consequências de iniciativas que se propuseram a integrá-las. Tais conhecimentos serviram para que percebêssemos o quanto o Brasil já havia realizado na área de cinema e educação, assim como os principais obstáculos enfrentados ao longo do tempo.

Em um segundo momento, apresentamos os benefícios do cinema em sala de aula e as transformações e contribuições para o ensino em geral, ao incluir esta ferramenta. Entretanto, não partimos do princípio de que o cinema poderia “salvar” a educação. Nosso intuito é demonstrar o que ocorre quando o encontro se realiza, ilustrando as possibilidades e reações desse encontro. Justamente por termos consciência de que a escola não pode ser generalizada, que, nesse primeiro momento, apresentamos algumas dificuldades vivenciadas em relação à ausência de aparato tecnológico e de formação de professores.

² No dia 26 de junho de 2014, foi aprovada a Lei nº 13.006/14, que: “Acrescenta §8º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica.” Diz o §8: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm Acesso em: 04/04/2019.

³ In. Anais do XIII Congresso Nacional de Educação Educere. Comunicação, Colaboração, Criatividade e Criticidade: Os 4C e os saberes do docente na Educação Básica. 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24758_13961.pdf Acesso em: 23/04/2019.

Parte II:

Elementos para uma metodologia. Nesta parte, procuramos elucidar alguns porquês de nossa metodologia, como por exemplo, o motivo do uso de celular na produção fílmica ao invés de câmera e filmadora. Além disso, ressaltamos a importância de formação específica dos professores para o uso e o ensino do cinema na escola, uma vez que este profissional replicaria o que aprendeu durante esse processo.

Faremos alguns apontamentos sobre nosso contato com o *British Film Institute* (BFI) - London, no que se refere à aplicação do projeto de cinema para escolas, além de algumas ideias retiradas da oficina presencial em Bradford, no Reino Unido. Esta vivência nos permitiu incorporar essas ideias em nossa experiência como formadora de professores da rede no Brasil, resultando na Parte III da tese.

Parte III:

O cinema na sala de aula: a prática. Neste capítulo, detalhamos as três apostas de oficinas desenvolvidas a partir de uma metodologia embasada pelos 4Cs, juntamente com: cinematografia brasileira, YouTube, curta-metragem, elementos da linguagem audiovisual, produção fílmica e dispositivo.

- Cinematografia brasileira: levar aos professores filmes brasileiros que estão fora do circuito comercial, além de valorização da cultura nacional.
- Youtube: um dos fatores apresentados na tese foi a dificuldade de acesso a acervos, então optamos por uma plataforma que já era conhecida pelos professores e de fácil acesso;
- Curta-metragem: devido ao tempo para cada atividade, a escolha de ser um curta-metragem foi crucial para que pudéssemos aplicar cada etapa. E, concordamos com o projeto “Curta na Escola” – uma de nossas leituras durante a etapa de formulação da oficina – quando menciona que:

Por possuir aproximadamente 15 minutos de duração, o curta-metragem torna-se o formato ideal para utilização em sala de aula, permitindo que os filmes sejam aplicados como “porta de entrada” de um assunto, fonte adicional de informação, motivação para debater um tema ou para “coroar” o final de um projeto. (FAMA EDUCATIVA, 2015, p.1)⁴

⁴ FAMA EDUCATIVA. Projeto Curta na Escola: O potencial do uso do audiovisual na educação. 10/03/2015. Disponível em: <http://famaeducativa.com.br/projeto-curta-na-escola-o-potencial-do-uso-do-audiovisual-na-educacao/> Acesso em 18/04/2019.

- Elementos da linguagem audiovisual: o conhecimento da linguagem audiovisual vem com o viés de “saber tecnicamente” o que está sendo visto na imagem. Porém, não tínhamos o propósito de centralizar a oficina nesses conhecimentos e, concordamos com os princípios de Bergala quando diz que a linguagem audiovisual “não se ensina, ela se encontra, se experimenta, se transmite por outras vias que não a do discurso do saber único e, por vezes, mesmo sem nenhum discurso” (Bergala, 2001 apud MARCELLO, 2009, p. 32).
- Produção fílmica: indo ao encontro de nossos pilares, acreditamos que a partir do ato de experimentar algo novo, ser tocado pelo desconhecido, estamos estimulando a criatividade, criticidade na escolha “do que se vê”, comunicação entre os componentes da produção e colaboração entre a divisão de tarefas de cada um.

Além disso, quando damos espaço para que o aluno experimente por si mesmo a partir do filme visualizado, ressaltamos a riqueza na diversidade de significados que partem do mesmo curta-metragem. Nessa perspectiva, concordamos com Bergala (2008), quando pretendemos deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, que estabeleça uma relação entre espectador e autor dos filmes, e que o leve a acompanhar, em sua imaginação, as emoções de todo o processo criativo

- Dispositivo: colocado aqui como sendo “as regras” que a produção deve ter – observa-se que não se diz o que deve ter na imagem, mas sim um certo “molde” de como ela deve se manifestar. Tomamos aqui o conceito de dispositivo foucaultiano, no qual “o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Primeiramente detalhamos as razões que nos conduziram a essa problemática, ou seja, em relação à proposta de construir oficinas com esses embasamentos, justificando nosso interesse a partir da vivência ao longo dos 4 anos de doutorado. A partir disso, apresentamos os modelos de oficinas que chamamos de “apostas”. Essa nomenclatura foi escolhida pois não sabíamos até a data de sua aplicação, quais os possíveis resultados que seriam viabilizados pela escola do momento. De maneira que o apuramento das vivências em cada escola foi projetado nesta tese, explicitando os resultados e conclusões acerca de cada aplicação de

oficina realizada, viabilizando a procedência da respectiva “aposta”.

Num segundo momento, detalhamos como foram vivenciadas cada uma das apostas de oficina, bem como, a escola que abrigou o projeto e os principais resultados depois da formação de professores. Pretendemos mostrar como se deu a prática a partir de uma metodologia teórica, construída por meio de três apostas de oficinas, que provocaram diferentes comportamentos nos participantes, mesmo partindo do mesmo conteúdo de aula.

Acreditamos que as diferentes respostas dos participantes provam haver distintas possibilidades para o encontro entre cinema e sala de aula: uma delas que se torna “possível” pelo desenrolar das atividades de relações humanas e outra, que se transforma por um atravessamento do cinema na escola que não se coloca como imposição, tampouco como intruso. Essa fruição acontece pelas pessoas, pelos diálogos construídos e embasados na criticidade individual, pelos olhares criativos de mundos que são transformados em filmes, e pelas relações que se fortalecem na comunicação e na colaboração. A toda essa fruição chamamos cinema, a qual se torna possível pela abertura de portas da escola contemporânea.

PARTE I:
PANORAMA SOBRE A RELAÇÃO
CINEMA E EDUCAÇÃO

Nessa primeira parte, iremos apresentar uma ideia geral sobre a relação cinema e educação, buscando ilustrar os principais acontecimentos que norteiam a pesquisa. A partir do momento em que visualizamos a jornada que envolvem tal relação, há o olhar não somente aos acontecimentos que derivaram dessa relação, como também seus principais marcos.

I Cinema e Educação. Por quê?

A temática cinema e educação não é uma novidade no Brasil. Desde o final da década de 1920, o país realiza ações, procurando viabilizar a presença de recursos audiovisuais nas salas de aula. Entretanto, não iremos abranger todos os detalhes do percurso do cinema na educação brasileira, tendo em vista que o esforço em unificar os dois campos de estudos possui uma longa trajetória, conforme explica a pesquisadora de cinema Marília Franco (2011), quando diz que:

[...] já temos uma história construída na educação brasileira, cheia de contradições, preconceitos e mistérios, pois, de um modo geral, essas informações não têm uma ampla difusão na formação do educador brasileiro, mas mesmo assim ele encarna esse fascínio e esse preconceito e fica muito perdido diante da proposta de usar filmes dentro da escola. (FRANCO, 2011, p. 25).

Entendemos que apresentar um recorte do panorama histórico, que mostre sinteticamente o quanto o país já realizou nessa congruência entre cinema e educação, nos ajuda a compreender os percalços do caminho até os dias atuais, observando as mudanças ocorridas ao longo dessa trajetória.

Ao rever essa história, percebemos haver iniciativas no final dos anos 1920. Duarte e Alegria (2008) apresentam documentos históricos da época, bem como citam a fala de Afrânio Peixoto, de 1929, quando ele já entendia que o cinema podia transpor dificuldades de comunicação, no que se referem ao “não saber” compreendido como a ausência da leitura e da escrita.

Pelo cinema os homens se podem comunicar, sem que saibam ler. Basta que vejam. No fundo do Mato Grosso ou de Goiás, uma fita exhibe, mostra, informa, comunica, como se portam as urbanidades polidas de Paris, Nova Iorque, Melbourne ou Rio de Janeiro, como livros, jornais, telegramas, cartas, jamais poderiam fazer [...]. Portanto, o cinema pode e deve ser a pedagogia dos iletrados, dos analfabetos que apenas sabem ler, dos que sabendo ler não sabem pensar, obrigando as inteligências opacas, lerdas e preguiçosas a se revelarem, numa ginástica para compreender, e para acompanhar, e deduzir, e prolongar a fita que, por certo não tem comparação com nenhum dos outros precários e reduzidos e parciais e rudimentares meios de ensino. (PEIXOTO, 1929, p. 5 *apud* DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 65).

É surpreendente o pensamento de Peixoto, uma vez que o primeiro filme da história do cinema havia sido exibido somente 34 anos antes⁵. Não podemos deixar de destacar a exaltação de elementos da relação cinema e educação, tais como: o estímulo à criatividade do indivíduo (independente de ser ou não um estudante); como uma opção para o analfabetismo funcional; o rompimento de limites comunicacionais; e o conhecimento de outras culturas, que se daria pela imagem. A partir desse momento, percebemos uma movimentação do país, no que se refere ao estudo e à pesquisa, com lançamentos de livros nessas áreas.

Fonseca (2015) destaca que os olhares para o cinema como importante instrumento educativo iniciam em 1930, com a chamada “cinematografia educativa”⁶. O lançamento de obras como: *Cinema e educação* (1930), de Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho; e *Cinema contra cinema*⁷ (1931), de Joaquim Canuto Mendes de Almeida, marcam esse momento. E, ainda segundo Duarte & Alegria (2008, p. 61) e conforme citado por Fonseca (2015, p. 36), a primeira legislação que regulamenta o uso de filmes na instrução pública data de 1927, e ficou conhecida como Reforma Fernando de Azevedo. Este também foi um momento em que:

[...] começavam a despontar as primeiras manifestações de intelectuais e educadores que “descobriam” a possibilidade de aproveitamento de filmes para a educação. No entanto, se não houve grande dificuldade em reconhecer o potencial educativo do cinematógrafo e do filme, foi preciso pelo menos mais duas décadas, até o início dos anos 1930, para que se desenvolvesse a apropriação da cinematografia pela instituição escolar. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 62-63).

No desenrolar dos anos 1930, Franco (2011, p. 23) destaca o surgimento do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que integrava o cinema à educação brasileira, chegando a seu ápice, em 1937, com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince). Este, por sua vez, realiza “[...] uma produção de mais de 500 filmes sobre as mais variadas temáticas e nos mais variados formatos, tanto pelas criações geniais de Humberto Mauro, quanto pela integração ao seu acervo de

⁵ Dia 22 de março de 1895, os franceses Auguste e Louis Lumière exibiram nas dependências da Sociedade Francesa o primeiro filme da história, *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon* (A Saída da Fábrica Lumière em Lyon).

⁶ Duarte & Alegria (2008, p. 69) definem “cinematografia educativa” como o uso do cinematógrafo para a educação em geral e, principalmente, para a instrução pública, neste último caso, com o emprego da cinematografia no ambiente escolar.

⁷ Duarte e Alegria (2008, p. 63) mencionam o prefácio deste livro, escrito por Lourenço Filho, no qual “[...] defende uma tese de grande interesse para todos quantos se preocupam com as coisas da educação: a de que o cinema deve curar-se com o próprio cinema, ou seja, a de que, às exibições de mau efeito, sobre crianças e adolescentes, deve contrapor-se o cinema educativo”.

inúmeras produções de outros cineastas.” Aqui, o ideal de Peixoto novamente se faz presente, sendo apoiado por um grupo que via no cinema uma alternativa para a difusão de conhecimentos, uma vez que o analfabetismo continuava sendo um fato alarmante.

A proposta, formulada originalmente por educadores e gestores da educação pública, teve eco entre produtores de cinema nacional, que viam a participação dos filmes na educação das massas incultas como um caminho para a consolidação da indústria cinematográfica no país. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 61).

Duarte & Alegria (2008, p. 66-67) também mencionam a relevância do posicionamento do primeiro governo Vargas (1930-1945) em relação à cultura e à educação, entendidas como uma nova maneira de transformação do país:

Quando Getúlio Vargas assinou o Decreto 21.240, determinando que os distribuidores de filmes seriam beneficiados em sua atividade, isentando de impostos à importação de filmes educativos, a Associação Cinematográfica dos Produtores Brasileiros (ACPB) já tinha seus estatutos, diretoria e conquistado benefícios com a lei. Esta, também atendeu aos interesses dos educadores que, finalmente, haviam conseguido incluir na Legislação Federal o reconhecimento do cinema como um instrumento importante para a educação.

O governo nesse momento via no cinema uma forma de valorar o país, através do que Getúlio chamava de “[...] livro de imagens luminosas, do qual as populações praieiras e rurais aprenderiam a amar o Brasil, ampliando a confiança nos destinos da pátria” (VARGAS, 1938, p. 189 *apud* DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 68). Pacheco (2016) também reforça a ideia de que esse movimento foi uma tentativa de “reforma” através do cinema nacional, como

[...] parte do movimento que tinha como objetivo a renovação da educação, uma população letrada, um país mais moderno e civilizado. A Igreja Católica também influenciou diretamente neste processo, pois acreditava que através do cinema pudesse influenciar na difusão e consolidação dos princípios éticos e sociais. (2016, p. 88).

Além disso, é nesse período de 1940 que se dá a origem do Primeiro Clube de Cinema de São Paulo, que mais tarde, em 1946, viria a se tornar a Cinemateca Brasileira⁸, uma vez que a primeira tentativa foi fechada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Paulo Emílio Sales Gomes, Décio de Almeida Prado

⁸ Atualmente, o Brasil possui três grandes arquivos públicos relacionados ao audiovisual: a Cinemateca Brasileira, a Cinemateca do MAM-RJ e o Arquivo Nacional.

e Antonio Candido de Mello e Souza foram os responsáveis pela fundação, vindo com a proposta de estudar o cinema como arte independente por meio de projeções, conferências, debates e publicações. Segundo Lara (2015), tais ações não contribuíram somente para a cultura, mas também para a aproximação com a educação:

As ações educativas da cinemateca ocorreriam em dois aspectos: as atividades culturais (festivais, mostras) e atividades educativas (cursos, palestras, publicações, seminários). Além disso, a instituição incentivou a criação de cursos universitários de cinema. (LARA, Thais, 2015, p.60)

Quinze anos depois, já na década de 60, o país se posiciona com novas experiências que, segundo a pesquisadora de cinema e educação, Mônica Fantin (2006, p. 2), citado por Fonseca (2015, p. 37), remetem a “[...] associações culturais do tipo cineclubes, círculos de cinema, cine fórum, que envolviam a projeção de filmes para um público com um projeto educativo e de sensibilização em relação ao cinema”. A pesquisadora em educação Rose Clair Matela (2008) também é referenciada por Fonseca (2015), ao mencionar a movimentação dos cineclubes dentro de institutos estudantis desde 1950, destacando a demanda de atividades, como sessões fílmicas e debates, relacionadas ao cinema como parte da educação.

A partir da década de 1970, Fonseca (2015, p. 37) relata movimentos sociais aliados ao cinema, tais como o “[...] movimento do Vídeo Popular, que teve por desdobramento a Educação Audiovisual Popular (EAP)”, com atividades direcionadas às minorias excluídas em comunidades atendidas por entidades do terceiro setor. Percebemos o interesse em fazer com o que o cinema alcançasse a massa, deslocando atividades, inicialmente concentradas em universidades, para comunidades que não tinham acesso ao formato cineclube.

Tudo indica que o reconhecimento de que o cinema tem uma vocação intrinsecamente pedagógica, no que diz respeito à difusão cultural e à formação do espectador, teve origem no próprio meio cinematográfico, que, desde muito cedo, se acreditava capaz de interferir, de algum modo, na educação das massas, fora dos bancos escolares. Não é de surpreender, portanto, que a ideia de fazer uso da produção cinematográfica para alavancar o processo civilizador e formar moralmente os povos tenha sido a base sobre a qual se estabeleceu, originalmente, a relação entre educação e cinema em vários países, incluindo o Brasil. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 61).

Acompanhando as ideias dispostas pelo artigo de Peixoto (1929) até a década de 1970, percebemos uma constante luta para aproximar o cinema dos institutos de educação, da grande massa, enfim, do povo. A credibilidade do cinema em ser um instrumento reacional não se perdeu com o passar dos anos, mesmo que essas ideias não tenham se concretizado. De entusiastas a movimentos sociais, há uma concordância em trazer ao público a formação de pensamento crítico, de gosto, de cultura. Após 90 anos, o pensamento de Peixoto e sua “pedagogia dos iletrados” ainda se fazem presentes nas iniciativas de curadores, organizadores de cineclubes e pesquisadores.

A partir dos anos 90 até a atualidade, houve crescimento na quantidade de trabalhos acadêmicos na área de cinema e educação. Ao longo desse período, a pesquisa foi favorecida pelos cursos de pós-graduação, pelos grupos de estudos na área e por projetos⁹. que o país ainda mantém, numa tentativa válida de instaurar o cinema em sala de aula, após a Lei 13.006.

Assim, a partir dessa breve introdução histórica do tema, que nos possibilita afirmar a ideia de que o país possui as condições necessárias para unificar cinema e educação, essa pesquisa pretende apresentar a construção de uma metodologia prática de produção fílmica, inserida na sala de aula e intrínseca ao currículo escolar. A ideia de que o cinema e a educação formam uma ‘dupla dinâmica’ deve ser extrapolada de maneira que visualizemos como isso, de fato, pode acontecer. Logo, como ponto de partida, propomos pensar a partir de algumas perguntas, a fim de investigarmos de que maneira o cinema e a sala de aula podem se relacionar.

⁹ Os projetos que atravessaram décadas e que possuem seu histórico de feitos e contribuições para a inclusão do cinema nas escolas, foram colocados como anexo ao final desta tese, em forma de catálogo.

I.I Quais os benefícios?

Para responder esta questão, nos detemos inicialmente nas palavras de Alain Bergala, ao afirmar: “[...] As crianças e os jovens de hoje têm cada vez menos chances de encontrar, em sua vida social normal, outros filmes que sejam não os do *mainstream*¹⁰ do consumo imediato.” (2008:92) Essa menção de Bergala é bastante difundida no meio de cinema e educação, e ressalta a questão da escola ser um lugar possível para tal encontro com filmes fora do circuito comercial. Ao longo desta tese apresentaremos os problemas enfrentados pela escola a partir do momento em que tenta ser um lugar para o cinema, ou os motivos pelos quais encontra impedimentos para tal.

De qualquer forma, ressaltamos a importância da escola se tornar apta para que esse encontro ocorra, em que sugerimos colocar o filme intrínseco aos conteúdos do currículo escolar, além de apresentar à criança aquilo com o qual ela não está acostumada no âmbito audiovisual:

Cabe aqui uma preocupação no contato com a cultura fora da grande massa como o cinema comercial. Se a criança tiver contato apenas com o que visualiza na televisão ou no cinema comercial, pouquíssimo será seu contato com culturas diferentes e até mesmo com filmes nacionais que não são lançados no cinema. Ademais, o autor também destaca a aproximação das crianças com o mundo, já que a bagagem cultural e as experiências sociais se desenvolvem ao longo da vida; além da contribuição para o desenvolvimento psicossocial dos estudantes. Assim, autores como Pimentel (2011), reforçam a fala de Bergala e apresentam outros elementos que beneficiam o contato entre a criança e o filme desde cedo, como a ideia de:

[...] contribuir como meio educativo junto às interações sociais de troca de informação, dúvida e conhecimento; como auxílio na partilha de ideias e sentimentos entre os adolescentes; no desenvolvimento da intersubjetividade e da alteridade; na evolução do sentido que eles conferem aos valores humanos universais, na reflexão do que é percebido e reconhecido nas imagens, como oportunidade de reflexão pessoal de atitudes; enriquecimento do senso crítico, estético e moral. (2011, p.182).

¹⁰ Definição de mainstream: aquilo que se considera habitual ou normal porque é feito ou aceito pela maioria das pessoas. MAINSTREAM. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mainstream> Acesso em 02/05/2019.

A autora nos leva a pensar que o encontro de cinema e sala de aula, mesmo tendo por base o conteúdo do currículo, promove uma aproximação com o filme e pelo filme, que pode levar o aluno a um olhar sobre si mesmo. A partir das escolhas individuais realizadas na produção fílmica e pelo debate sobre o filme, há uma exploração dos processos de identificação - autoimagem, autoestima, conceitos sobre o mundo -, que se reforçam ou que são ressignificados. Logo, visualizar contextos sociais por meio do cinema desde a infância, possibilitaria o contato com essas questões, favorecendo a formação de ideias sobre determinadas vivências.

Percebemos que esse atravessamento do cinema na escola levaria as crianças a questionarem. Esses questionamentos seriam sobre o mundo que a cerca e as complicações concernentes ao mesmo, possibilitando assim espaço para a sensibilidade, criatividade e criticidade. Ao aproximar imagens de contextos reais ou poéticos, a criança pode ser capaz de aplicar sua personalidade perante a imagem; o que ela pensa ou não pensa sobre; quais são seus conceitos já formados ou que ainda precisam ser repensados; quais os paradigmas que estão sendo derrubados com a imagens ou quais novos que se formataram. Existe uma provocação na imagem que pode reforçar algo na criança ou lançar uma problemática. Uma vez que:

Para as crianças, o cinema é uma possibilidade de experimentar a vida. Quando jovens, já temos certa bagagem e nos apropriamos do que vimos na tela de outro modo, e não como um anúncio de sentimentos e emoções. Quando pequenos, temos experiências e vivências sobre a família, a casa, a escola. O restante, como o mundo, o amor e a violência, pode ser aprendido com diversos vieses por meio dos filmes. Muito do que se vê nas telas é uma prefiguração da vida dos adultos e ajuda a criar suposições sobre o futuro. (BERGALA, 2012. s/n).

A citação de Bergala serve como suporte ao desenvolvimento de alguns projetos brasileiros no âmbito de cinema e educação, conforme anexo desta tese. E, sua ressalva é de relevância não só para o Brasil como também para outros países, como o Reino Unido. O projeto *Bradford City of Film*, por exemplo, tem por base a ideia de que a sociedade tem a responsabilidade de assegurar que as crianças aprendam a ler e a escrever, propondo uma “alfabetização midiática¹¹”:

Em 2013, numa época em que as crianças e jovens recebem grande parte de sua educação, informação e entretenimento por meio de imagens,

¹¹ Nesse caso o projeto amplia o audiovisual além do cinema, se preocupando também com as informações de outros recursos de informação, como a televisão.

sugere-se que as crianças e os jovens devem igualmente ser alfabetizados midiaticamente também. O filme-educação permite compreender como o filme e as imagens e textos em movimento fazem sentido, encorajando-os a assistir filmes de diversas fontes e os inspira a criar filmes por eles mesmos¹². (BRADFORD CITY OF FILM; 2010. s/n– tradução nossa).

O projeto valoriza essa dinâmica de ensino e seus benefícios quando inseridos na construção da aprendizagem infantil. Em síntese, o projeto realiza alguns procedimentos que se baseiam na menção de Bergala, no que diz respeito ao encontro com o cinema e suas possibilidades de criação, trabalho em grupo e ampliação de repertório fílmico:

- Oferece às crianças e aos jovens a oportunidade de assistirem a uma ampla variedade de filmes (em cinemas, escolas etc.), utilizando as novas tecnologias e as plataformas multimídias;
 - Incentiva a aprendizagem, o pensamento crítico, a escrita, a fala, a escuta, o debate, e promove a conversação sobre os filmes e as questões e emoções que eles suscitam;
- Permite que as crianças e jovens usem o filme como um veículo para sua própria criatividade, incentivando a indústria cinematográfica a respeitar suas opiniões.¹³

A ressalva ao final dessa síntese se justifica pela importância do cinema na formação de crianças acostumadas à dinâmica do audiovisual desde os primeiros anos de ensino formal. Isso porque deve-se levar em consideração os impactos na formação delas como futuros adultos. Se a criança levar em conta que a imagem pode representar uma realidade, ela também pode a partir desta, formar opiniões que se fortalecerão (ou não) na idade adulta. De qualquer forma, considerar que a linguagem audiovisual faz parte da rotina da criança, também deve haver preocupação com o que ela está assimilando “audiovisualmente”.

Napolitano (2003) lista alguns impactos determinantes nas crianças:

- a) elas desenvolvem a habilidade de ler imagens em movimento desde cedo e são muito adaptáveis para interpretar filmes, pois gastam um tempo considerável do seu lazer em frente à tela da TV; b) ao verem imagens em movimento, as crianças aprendem a compreender as convenções narrativas e a preverem possíveis desenvolvimentos na história, o que lhes será

¹²“In 2013, in an age when children and young people receive much of their education, information and entertainment via moving images it is suggested that children and young people should similarly be enabled to be media literate too. Film literacy enables them to understand how the film and moving image texts that they consume make meaning, encourages them to watch films from a variety of sources and inspires them to create films of their own.” Matéria realizada por Bradford City of Film. Disponível em: <https://www.bradford-city-of-film.com/learn/film-literacy/> Acesso em: 08/04/2019.

¹³ FILM LITERACY. Dados disponíveis em: <https://www.bradford-city-of-film.com/learn/film-literacy/>. Acesso em 08/04/2019.

benéfico nos primeiros contatos com textos escritos; c) o estímulo e o interesse da criança provocados pelos filmes podem incentivá-las a ler textos mais complexos. (NAPOLITANO, p.22-23)

Tendo em vista que os itens listados por Napolitano (2003) são observações baseadas na nova geração e que nunca fomos tão massacrados por imagens e sons como agora, seja de ordem informativa ou de entretenimento, cabe ao educador repensar a forma como o ensino que faz uso do cinema vem sendo desenvolvido. No que diz respeito às consequências da tecnologia, Bergala (2012) sinaliza que:

Os filmes são uma fonte muito importante para a formação do imaginário, ainda mais na atualidade, em que as crianças leem pouco. A garotada também passa bastante tempo jogando videogame e na internet. Quando defendo a cultura cinematográfica, considero válido assistir aos vídeos na televisão ou em salas de exibição. Não importa o local, desde que garantidas a qualidade e a diversidade do material. (2012, s/p).

Salientamos uma questão apontada por Bergala no que se refere à alfabetização. As crianças de hoje estão acostumadas com tablets e celulares. Os livros estão se tornando digitais para se aproximarem dessa geração acostumada com o *touch*. Essas alterações no modo como as crianças interagem com a cultura atual, deve ser levada em conta já que o modo de consumo mudou. As crianças não leem pouco porque as histórias se tornaram chatas, mas sim porque o modo como elas são apresentadas não são atrativas para quem está em constante contato com a informação em formato de sons e imagens.

Levar a cultura audiovisual para a sala de aula incorporaria não só os equipamentos tecnológicos que os alunos já estão acostumados a usar fora da escola, como também contextualizaria situações vivenciadas no dia a dia. Essa mudança de postura poderia proporcionar um novo olhar da criança sobre a escola, sobre o modo como aprende. O professor pesquisador Casemiro Campos, em entrevista ao jornal "O Povo online", argumenta que a aproximação com questões reais pode ajudar os alunos a entenderem melhor o que estão estudando, sem que os alunos indaguem o porquê de estarem aprendendo determinados assuntos:

Quando o professor não faz com que o conteúdo interaja com a realidade da vida do aluno, ele vai ficando mais distante, porque fica muito abstrato. [...] O professor passa uma atividade e o aluno a responde, mas ele não tem a relação daquilo com o concreto das suas relações do dia a dia. Isso deixa a

aprendizagem mais distante¹⁴.

Campos (2018) também menciona nesta entrevista a questão da 'decoreba' e da repetição em sala de aula, como procedimentos relacionados ao ensino tradicional. Ele acredita que as metodologias problematizadoras — como a "aprendizagem baseada em problemas" (*problem-based learning*, em inglês) — podem estimular a curiosidade dos alunos: "Ao invés de o professor fazer uma aula expositiva, puramente teórica, ele vai problematizar. Quando problematiza, ele mobiliza os alunos sobre a circunstância da atenção, para que guardem significativamente aquilo que tem sentido na vida deles" (2018, s/p)¹⁵. Nesse sentido, o cinema pode contribuir para um novo formato de aprendizagem, uma vez que as imagens podem remeter a situações da vida real, unificando a compreensão da linguagem audiovisual com as problematizações dos temas estudados. Conforme Pimentel (2011):

Não é apenas o sujeito cognitivo que se sente na carteira da escola, mas é também o sensível que necessita estar em um constante despertar para o novo, para o diferente, preparando-o para o amanhã. Neste sentido, o cinema surge como oportunidade de colocar ao adolescente outros desafios que atuem como filtros prazerosos no contato que ele tem com o mundo, estimulando seu desejo de saber que depende de representações das práticas sociais e não de discursos distanciados da vida. (2011, p.183).

Essa postura atualiza um modo de ensinar ainda preso a moldes antigos, trazendo novas oportunidades tanto para o professor quanto para o aluno, permitindo ao primeiro que explore outras maneiras de ensinar e aprender, e o segundo se descobre em contato constante com outros mundos e sociedades, que tanto o filme lhes apresenta quanto a comunicação entre o professor e os outros colegas. E, nessa abertura a novos mundos, dá-se espaço para a criatividade e liberdade artística do aluno que não se vê preso por padrões pré-estipulados. A partir do momento em que o professor permite que o aluno se expresse, ele não só possibilita a troca de experiências entre a classe, como também dá lugar para o sensível e à voz daqueles que se emudecem.

¹⁴ CAMPOS, Casemiro. Aulas em campo ajudam alunos a entenderem assuntos estudados. Entrevista concedida a Lourenço Filho. In. O Povo Online. 17/02/2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/lorencofilho/2018/10/como-as-aulas-de-campo-auxiliam-no-aprendizado.html> Acesso em: 08/04/2019.

¹⁵ Ibidem. Disponível em <https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/lorencofilho/2018/10/como-as-aulas-de-campo-auxiliam-no-aprendizado.html> Acesso em: 08/04/2019.

De maneira que concordamos com Fresquet (2013) na ideia de que:

Quando a educação – tão velha quanto a humanidade mesma, ressecada e cheia de fendas – se encontra com as artes e se deixa alagar por elas, especialmente pela poética do cinema – jovem de pouco mais de cem anos – renova sua fertilidade, impregnando-se de imagens e sons. Atravessada desse modo, ela pode se tornar um pouco mais misteriosa, restaura sensações, emoções, e algo da curiosidade de quem aprende e ensina. (FRESQUET, 2013, p.19-20).

Fresquet nos faz repensar o ensino e a relação professor-aluno. O espaço escolar, aqui focado na sala de aula e no currículo, se transforma ao abrir espaço para algo novo. Indo além do espaço físico, as relações humanas também se modificam no atravessamento que o cinema faz e que a sala de aula pode permitir. Desde professores com anos de carreira até crianças cercada de telas, esse encontro favorece uma nova aprendizagem, mais dinâmica e atual. Esse cenário é favorável e determinante de um futuro promissor, já que o estudante do mundo contemporâneo nasceu em meio às tecnologias, que podem ser viáveis para a mudança na rotina escolar:

O cinema como ilustração didática está inserido na escola há muito tempo, mas essa é uma geração que está exposta o tempo inteiro à linguagem visual - via televisão, celular, internet. Temos de aprimorar o uso desse recurso e encará-lo de forma crítica¹⁶.

Assim, entendemos que a adaptabilidade aos recursos disponíveis traria uma mudança na rotina escolar. De fato, os professores precisariam se adequar à presença do audiovisual como possível norteador do conteúdo a ser estudado. Entretanto, em meio a uma possível dificuldade vista pela frente, destacaremos que inúmeras são as vantagens de quando a escola abre a porta para algo diferente e ali deixa ser transformada.

¹⁶ O cinema como um aliado. Entrevista de Sílvia Meirelles, pedagoga e coordenadora do projeto Cine Educação da Cinemateca de São Paulo, concedida a Maíra Kubik Mano. In. Nova Escola. s/d. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7591/o-cinema-como-um-aliado> Acesso em: 05/04/2019.

I.II Transformações e contribuição para a promoção do ensino a partir da produção fílmica em sala de aula:

Considerando o exposto, podemos afirmar que, a partir do momento em que o cinema entra na sala de aula, mudanças significativas ocorrem na rotina escolar. Uma vez que o professor não é a única referência de conhecimento, há uma “democratização do saber”, em que o aluno passa a ser protagonista de seu aprendizado e o docente, um mediador. O professor passa a ser um guia do processo de aprendizagem, no qual o aluno possui liberdade para apresentar seu ponto de vista a partir de seu contato com o filme, bem como experienciar, pela produção fílmica, não só o que aprendeu de conhecimentos técnicos, como também a sua visão de determinado assunto.

Como relata Almeida (2015), citado abaixo, a partir de suas experiências em sala de aula, observa-se o desenvolvimento de habilidades como: pensamento crítico, criatividade, comunicação e colaboração entre os colegas, mas cabe ao professor ser norteador dessas. De maneira que não estamos apresentando o audiovisual como “salvador” da aula, mas sim uma alternativa de didática em que o professor é mediador das possibilidades:

Os filmes colaboram para o acesso a diferentes formas de apreensão do mundo local e global, portanto, contribuem para a construção identitária pessoal e profissional dos estudantes de qualquer nível. Além disso, embora estejamos todos imersos em uma cultura cujos discursos audiovisuais são cada vez mais contundentes, a experiência vivenciada pelos alunos no espaço educativo pôde levá-los a perceber que a mediação do professor ainda é essencial para propiciar formas diferenciadas de refletir sobre o funcionamento dos discursos visuais. (ALMEIDA, 2015, p.132).

Por meio de um único recurso visual (filme), a sala de aula pode gerar novas perspectivas de aprendizagem, a partir de uma mudança na aplicação do currículo escolar. Compreendemos que, por meio do uso do filme, é possível construir uma aprendizagem que destaca atividades que envolvam o olhar individual, o debate sobre a obra fílmica em sua temática social, bem como em seus aspectos técnicos, além da experiência de colocar em prática o conhecimento despertado e assimilado individualmente.

Consideramos que o debate é uma ação pedagógica enriquecedora, principalmente, pelo fato de possibilitar a troca de opiniões e de diferentes olhares sobre o filme. As vivências individuais são importantes, pois facilitam que cada olhar

apresente e crescente algo vigoroso para ser debatido e contextualizado de acordo com o que se deseja focalizar no filme assistido.

Também se torna válida a proposta de ver e rever o filme como uma construção de algo que não precisa ser assimilado na primeira apreciação. Isso porque a repetição pode despertar conhecimentos distintos em relação ao primeiro contato com o filme. A postura do professor em permitir que a mesma sequência seja vista, experimentada e revista, propicia que a criatividade se alie à criticidade, no qual o aluno é incentivado a ir além da primeira análise do filme feita a partir de uma única exibição. Isso também serve para a repetição na produção filmica, ou seja, no ato de ver e rever o que foi filmado e fazer modificações, caso assim seja necessário. Ao promover o ato de repetição de cena vista ou filmada, o professor estimula o olhar crítico do aluno sobre o que está sendo apresentado, ora repensando sua opinião sobre a cena vista ora construindo de outra forma a cena filmada, tornando-o exigente naquilo que quer transparecer e criativo em repensar em outras formas de realização da filmagem:

A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio. (NAPOLITANO, 2011, p. 15).

O aprendizado com o cinema é uma imersão em seus elementos constituintes, ou seja, além da imagem, o que nela está transcrito: concepções de mundo, de ideias, de valores. A partir da subjetividade da imagem, do olhar de quem a vê e de sua percepção, o aprendizado não será apenas resumido ao conteúdo programático do currículo, mas moldado a partir das experiências culturais de cada aluno, que será enriquecido pela troca de olhares e falas a partir da mesma problemática.

A premissa de que a sala de aula é lugar para o cinema se baseia na possibilidade de o professor poder quebrar paradigmas. Sousa (2015) aborda as potências de criticidade com criatividade do trabalho com o filme em sala de aula, que pode levar, professor e aluno, a reflexões que geram conhecimento.

As inteligências e as vontades de estudantes e docentes que trabalham em conjunto, e direcionados para um pensar sobre o cinema, podem produzir olhares, despertar sensibilidades, instigar reflexões e potencializar a criação de filmes. É um processo que pode culminar na construção de

conhecimentos, e também em uma forma de pensar e dispensar o que não contribui para as relações socioespaciais que atingem cada sujeito e seu lugar. (SOUSA, 2015, p. 45).

Entretanto, cabe aqui ressaltar que a transformação também está relacionada ao modo como o professor irá fazer uso desse espaço, que a sala de aula oferece ao cinema. Não se torna válido usar o filme como ‘tapa-buracos’, tampouco resumilo a uma atividade de redação passiva, tendo apenas uma resposta correta a partir de leituras simplistas, sem qualquer tipo de provocação, pois:

[...] cabe ao sujeito receptor apreender (e se apropriar, no sentido conceitual e não apenas existencial) das temáticas significativas do filme. O que significa que o filme não é apenas um texto a ser lido, sendo, portanto, objeto de intervenção hermenêutica, mas um pré-texto para desenvolver novas formas de experiências de conhecimento e de autoconhecimento de uma experiência crítica individual-coletiva (ALVES, 2006, p. 294).

Alves chama de “pré-texto”, uma vez que uma leitura inicial do filme provoca outras. O filme se torna um ponto de partida para uma discussão entre os estudantes, para a troca de olhares, e as reflexões que permeiam concordâncias e discordâncias. A sala de aula se abre a novos mundos, construídos com o desamarrar das tradições do ensino. O cinema se torna uma prática vinculada ao ensino, em que ele faz parte do próprio jeito de ensinar, em que o desenvolvimento do conteúdo curricular interage com a bagagem cultural.

Acreditamos na proposta de educar pelo filme, fazendo uso dele de forma a conectá-lo ao currículo, tornando-o o caderno do aluno; e que este uso esteja de tal forma enraizado, que o aluno possa criar suas produções fílmicas a partir daquilo que o currículo escolar propõe como obrigatoriedade. E, na mescla dessas obrigações com atitudes criativas, cabe ao educador guiar o aluno para que este tenha liberdade de compartilhar sua leitura fílmica, sabendo “que o cinema é uma complementação lúcida, rica em temáticas e detalhes, provocadora de encontros, pronta para contribuir na eficácia de sua atuação educativa” (PIMENTEL, 2011:84).

Assim, conforme destacamos inicialmente pela fala de Bergala, a escola pode e deve ser um espaço de atravessamento do cinema. Não se trata de dar espaço ao filme somente, mas sim a toda a ação que aqui chamamos de cinema – do ato de escolha do tema até a apresentação de produções fílmicas para a comunidade escolar. A missão está em colocar num lugar que já se propõe a ensinar, novas aprendizagens.

I.III Algumas dificuldades: como lidar com a mudança em sala de aula?

Conforme apresentado anteriormente, a presença do audiovisual em sala de aula é muito positiva, contribuindo fortemente para o ensino-aprendizagem. Sendo assim, por que não é uma realidade nacional? O que impede que o cinema seja presença contínua nas escolas brasileiras? Moran (2000) destaca algumas das questões que têm dificultado a mudança no contexto atual:

Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida. (MORAN, 2000, p. 29).

Pelas palavras de Moran percebemos que uma das dificuldades da escola é compreender como o filme poderia estar inserido em sala de aula, e assim se fazer um bom uso do mesmo. Sabendo que há uma obrigatoriedade em cumprimento do currículo escolar, a escola pode não ter abertura para modificar a forma como este é transmitido. Além disso, nunca tivemos tanto acesso a tanta informação, e a escolha de quais serão transmitidas e como, também fazem parte desse percalço. Temos claramente a ideia de que nem todas as escolas possuem as mesmas dificuldades, não podendo haver generalização destas. Pela fala do autor também se nota que são necessárias brechas para que o cinema possa estar inserido da forma pretendida. Entendemos ainda que dentro de um sistema fechado como a escola, vários serão os empecilhos para uma mudança no ritmo da rotina escolar. Logo, indicaremos alguns fatores que impedem que a produção fílmica chegue até a sala de aula e faça parte do cotidiano escolar.

I.III.I A formação docente e o uso de recursos tecnológicos

Conforme Liliana Passerino, professora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação e da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em entrevista ao Correio Braziliense, há mitos que atrapalham a inserção de tecnologias em sala de aula, o que pode dificultar a aplicação de mudanças, mesmo quando a escola se disponibiliza a ter equipamentos tecnológicos. No caso dos recursos audiovisuais, Passerino menciona a presença de obstáculos metodológicos, uma vez que “o ensino brasileiro está

muito centrado no conteúdo, e não nas estratégias metodológicas, o que dificulta mudanças estruturais nessa linha. É um modelo de educação bancária, já criticado por Paulo Freire há décadas. Nós não conseguimos fugir muito disso”¹⁷.

Isso mostra que, embora haja a tentativa de ir modificando aos poucos o ensino no Brasil, há detrimento entre o currículo engessado e a pressão de passa-lo (o que eu ensino) com a metodologia (como eu ensino). Além do despreendimento do professor de sua habitual forma de ensinar, há ainda a necessidade de capacitá-lo para o uso de novos recursos, caso estejam disponíveis.

Entretanto, em 2017 houve alteração na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e tais mudanças irão implicar diretamente na forma de ensino. Segundo as alterações, haverá necessidade do educador vincular tanto questões de ordem cultural, quanto artística e tecnológica. Segundo o portal oficial da Presidência da República do Brasil (2017), as competências incluem:

(...) valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre os mundos físico, social e cultural para entender e explicar a realidade; exercitar a curiosidade intelectual; desenvolver o senso estético para valorizar e participar de diversas manifestações artísticas e culturais; **utilizar tecnologias digitais** (grifo nosso) de comunicação e informação de forma crítica; valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais; exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação. Além disso, há competências específicas para cada disciplina.¹⁸

Assim, é importante ver nessas mudanças da BNCC uma oportunidade de reinvenção do papel docente, em que o professor pode aprimorar sua prática de ensino através de uma capacitação continuada. Aplicando os elementos mencionados pela BNCC, o docente pode incorporar tecnologia ao mesmo tempo em que trabalha valores sociais.

Entretanto, ao vincularmos as tecnologias digitais como sendo os recursos audiovisuais, aqui no caso sendo o filme, observamos que pode haver situações em que a aplicação é inadequada.

Conforme listagem abaixo mencionada por Moran (1995, p.29), há diversos usos equivocados do filme em sala de aula mas que, pode ser reflexo de uma

¹⁷ CORREIO BRAZILIENSE. O Papel da tecnologia. Entrevista de Liliana Passerino ao jornal Correio Braziliense. In. **Correio Braziliense** – Projetos Especiais. s/d. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/escolhaaescola/papel-da-tecnologia-escolha-a-escola/> Acesso em: 08/04/2019.

¹⁸ Entenda o que muda com a nova Base Nacional Comum Curricular. 20/12/2017. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/mandatomicheltemer/acompanhe-planalto/noticias/2017/12/entenda-o-que-muda-com-a-nova-base-nacional-comum-curricular> Acesso em 09/04/2019.

ausência de planejamento/metodologia/didática. Tais situações servem para destacar o fato de que o filme embora já esteja presente desde muito tempo, é a forma como ele é apresentado que estamos questionando:

- **Vídeo tapa-buraco:** colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas se for feito com frequência, desvaloriza o uso do vídeo e o associa -na cabeça do aluno- a não ter aula;
- **Vídeo enrolação:** exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria. O aluno percebe que o vídeo é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso;
- **Vídeo deslumbramento:** O professor que acaba de descobrir o uso do vídeo costuma empolgar-se e passa vídeo em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas;
- **Vídeo-perfeição:** Existem professores que questionam todos os vídeos possíveis porque possuem defeitos de informação ou estéticos. Os vídeos que apresentam conceitos problemáticos podem ser usados para descobri-los, junto com os alunos, e questioná-los.
- **Só vídeo:** não é satisfatório didaticamente exibir o vídeo sem discuti-lo, sem integrá-lo com o assunto de aula, sem voltar e mostrar alguns momentos mais importantes.

O filme neste caso é visto como um produto sem propósito. Assim que a forma como é introduzido e interagido com outros elementos, cabe ao educador. Existe nesta prática também a desmistificação de que “filme é recreio”, por parte dos educandos, e não associá-lo a uma atividade isolada, sem propósito, deve ser bem esclarecido. O estudante precisa compreender que só porque o filme também é visto fora da escola, isso não significa que a forma como ele está a aprender determinado assunto também precisa ser visto com o mesmo divertimento e distração. Logo, cabe aqui uma mudança de perceptividade, destacada por Fernandes (2015) como:

Do “não vai ter aula porque é filme”, estando associada a essa fala a ideia de que filme é apenas entretenimento, para o “a aula hoje é o filme”, na qual se amplie a concepção de que os filmes, assim como os livros, são também elementos de aprendizagem. (FERNANDES, 2015, p. 100).

Neste caso, percebe-se que não há falta de estrutura, mas o desconhecimento de como utilizar este recurso de maneira correta. O simples fato de existir um filme e uma forma de apresentá-lo, não significa que o potencial fílmico será explorado em sala de aula. Assim que, muitas vezes, embora pareça ser descaso ou pouca preocupação do professor para com a didática, pode ser falta de conhecimento sobre a aplicação do filme de uma maneira mais participativa e instigante. Conforme veremos posteriormente, há uma série de fatores que implicam

na atualização de pedagogias e pedagogos, dificultando o acesso à formação docente concernente à aplicação do cinema em sala de aula. Referenciando novamente Moran (2000), notamos que não há como exigir do docente algo que ele não possui acesso, tampouco colocando-o na posição de aprender por si mesmo:

A educação avança pouco - nas organizações empresariais e nas escolas - porque ainda estamos profundamente inseridos em organizações autoritárias, em processos de ensino e aprendizagem controladores, com educadores pouco livres, mal resolvidos, que repetem mais do que pesquisam, que impõem mais do que se comunicam, que não acreditam no seu próprio potencial nem no dos seus alunos, que desconhecem o quanto eles e seus alunos podem realizar. (MORAN, 2000, p. 62).

Assim, percebemos que uma adequação metodológica na forma de ensinar pode resultar uma nova forma de aprender. Porém, o caminho até que essa mudança ocorra, implica posturas diferenciadas do docente, que, conforme menção do autor, muitas vezes não possui estímulos ou condições para fazer isso. Abaixo, listamos alguns dos problemas atuais dos professores, relatados por Rozemberg (2018, s/p) e pela pesquisa realizada pela BBC News Brasil (2017,s/p). O conhecimento desses problemas nos ajuda a entender as dificuldades do docente brasileiro em realizar mudanças em sala de aula:

a) Falta de tempo e desvalorização da carreira:

Recebendo, em geral, um baixo salário, somado à desvalorização da carreira, os professores procuram por estratégias que visam a manter a qualidade de vida. Assim, muitos preferem aumentar seus turnos de trabalho ou assumir funções extras (como coordenação e outros cargos administrativos), o que leva a uma maior dificuldade do professor em conciliar suas atividades pessoais e profissionais, influenciando negativamente o cotidiano da sala de aula.

Pela fala de Rozemberg (2018) percebemos a desvalorização do professor como profissional, refletida pelos baixos salários e pela solução encontrada com cargos extras para compensação. Um professor que se coloca numa situação de várias funções e pouco tempo, não terá brecha para realizar ainda uma formação docente, tampouco refletir na ideia de mudar sua dinâmica de aula.¹⁹

¹⁹ ROZEMBEG, Eduarda. Conheça os 5 maiores desafios do professor. **SomosPar**. 13/07/2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/maiores-desafios-do-professor/> Acesso em: 08/04/2019

b) Dificuldade em lidar com diferentes perfis de estudantes ao longo de toda trajetória profissional:

O professor deve lidar com alunos de variados perfis: desinteressados, desmotivados, despreocupados, irresponsáveis, tímidos, distraídos, impacientes. Mas também os motivados, interessados, ávidos por conhecimento, alegres etc., que mesmo que sejam minoria numa sala de aula, fazem a diferença.

Deve, contudo, saber instigar a curiosidade de cada um deles ao longo de toda sua trajetória profissional e motivá-los, respeitando as particularidades de cada um, para que suas turmas tenham maior engajamento na realização de atividades e maior participação durante as aulas.²⁰

As salas de aulas possuem em média 30 alunos para o Ensino Médio e 23 para o Fundamental.²¹ Sendo o professor único, há a dificuldade de colocar cada aluno como indivíduo também único. Isso porque, conforme salientamos anteriormente, há uma força maior em transmitir o currículo obrigatório. Assim que, mesmo que saibamos as vantagens de instigar o individual, há a pressão de cumprir aquilo que foi proposto.

c) A necessidade de realizar atividades diversas:

Cada aluno é único e apresenta competências e dificuldades específicas. O educador também deve lecionar os conteúdos a serem passados por meio de atividades variadas, atendendo às necessidades de todos. Pensando além do desenvolvimento cognitivo dos alunos, o docente ainda possui o desafio de propor atividades para trabalhar as competências socioemocionais em sala de aula. Essas competências são tão importantes que inclusive são previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende a formação integral do aluno.²²

Tal dificuldade é parecida com o item b), no qual o professor deve levar em conta a bagagem cultural de cada aluno, e ainda explorá-la da melhor forma. Novamente, se há uma demanda considerável em sala de aula, junto com a falta de

²⁰ Ibidem. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/maiores-desafios-do-professor/> Acesso em: 08/04/2019

²¹ Dados retirados do Censo Escolar. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/dados-do-censo-escolar-ensino-medio-brasileiro-tem-media-de-30-alunos-por-sala/21206 Acesso em: 08/04/2019.

²² Ibidem. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/maiores-desafios-do-professor/> Acesso em: 08/04/2019

tempo para refletir sobre determinada metodologia que não atrase o planejamento escolar, não há como o docente modificar a sua dinâmica de aula.

d) Defasagem e indisciplina dos alunos

A violência para com os educadores é um dos elementos que, infelizmente, deve ser colocado em pauta, mesmo que isso não se enquadre no contexto de todas as escolas públicas e privadas. Com carga horária de trabalho exaustiva e baixo salário, o professor ainda pode sofrer com a falta de autonomia em sala de aula, como por exemplo, para a necessária reprovação de um aluno sem que haja uma ação contrária imediata, ou no caso de não poder reagir com veemência ao estar sujeito a crianças e adolescentes marginalizados, conforme relato da pesquisa abaixo²³.

Uma pesquisa realizada em 2015 pela Fundação Lemann perguntou a professores quais problemas requeriam solução mais urgente nas escolas, e dois dos mais citados foram a defasagem de aprendizado dos alunos e a indisciplina em sala de aula. A cada cem alunos do ensino básico, cerca de 12 estão com um atraso escolar de dois anos ou mais, segundo dados de 2016 compilados pela plataforma QEdu. "É diferente se preparar para dar aula para uma sala de crianças de dez anos e (ter na mesma sala) crianças de 14 anos, que têm outros interesses e percepções", explica Mônica Gardelli Franco, ex-professora e atual superintendente da organização Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária). Sobre a indisciplina, ela conta que os professores não costumam receber, em sua formação, ferramentas para lidar com a dispersão dos alunos e a falta de foco. E o tempo gasto com isso consome minutos preciosos de aula, que deixam de ser usados na transmissão de conteúdo.

Conforme já mencionamos, o cinema não entra na escola para salvá-la. O trecho acima menciona que de forma geral, o país enfrenta a defasagem de aprendizado juntamente com a indisciplina. Assim, temos em mente de que a produção fílmica não servirá para acabar com tais problemas, mas sim propomos um novo jeito de ensinar que tente, ao menos, atrair os jovens e crianças para a aprendizagem em sala de aula.

De maneira que os fatores listados reforçam as razões pelos quais o cinema encontra dificuldades de fazer parte da rotina escolar. Entretanto, foram aqui enumerados, por termos consciência de algumas realidades sociais (evasão e

²³ Idoeta, Paula. 4 coisa ainda desanimadoras da rotina do professor no Brasil – e 3 coisas que estão melhorando. **BBC Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41520242> Acesso em: 08/04/2019.

violência discente, desvalorização profissional) e, da mesma forma, a compreensão de que não se trata de uma realidade generalizada. Assim, com o propósito de apresentar, na segunda parte da tese, possíveis soluções para as dificuldades da inclusão do cinema em sala de aula, pautamos abaixo outros fatores, que não fazem parte do corte acerca da carreira, pois são elementos referentes à falta de aparato e de acesso aos materiais audiovisuais.

I.III.II Aparato tecnológico e produção nacional:

Em 17 de julho de 2014, o *site* Compromisso Campinas publicou uma reportagem de Leonardo Vieira, que tratava das dificuldades relacionadas à aplicação da Lei 13.006, que regulamenta o audiovisual nas escolas²⁴. Com o título “Infraestrutura deficiente é obstáculo a filme em escola”, o autor descreve os “tropeços” que esta Lei enfrenta no que se refere aos aparatos tecnológicos. Segundo Vieira, uma em cada cinco escolas do país não possui TVs (nas públicas, significa 26%), e em relação aos retroprojetores, apenas 33,2% de todos os colégios brasileiros possuem²⁵.

Faltam televisores em 43 mil escolas, sobretudo nas públicas, com ausência em 26%, e 29% delas não possui reprodutores de DVD.²⁶ Nesse sentido, o vice-presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), Alessio Costa Lima, pondera:

Infelizmente, a lei ainda vai permanecer como desafio e não será implementada imediatamente. Somos um país gigante, com muita diversidade. Temos escolas que não dispõem de recursos mínimos como TV e vídeo. (LIMA in GLOBO DIGITAL, 2014, p. 2).

²⁴ “Lançado em 2007, sob liderança da Fundação FEAC, o Compromisso Campinas pela Educação visa sensibilizar e mobilizar a sociedade para contribuir com a defesa e garantia dos direitos à educação pública de qualidade, especialmente na cidade de Campinas/SP.”

²⁵ Segundo as informações contidas no *site*, os dados se referem ao “Levantamento do portal QEDu, a pedido da Agência Brasil, conforme dados do Censo Escolar 2013 para traçar a realidade da infraestrutura audiovisual da educação básica.” Disponível em: <https://compromissocampinas.org.br/infraestrutura-deficiente-e-obstaculo-a-filme-em-escola/> Acesso em: 08/04/2019.

²⁶ Pelo menos 43 mil escolas brasileiras não tem equipamentos para exibir filmes. **O Globo – Educação**. 14/07/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pelo-menos-43-mil-escolas-brasileiras-nao-tem-equipamentos-para-exibir-filmes-13249911> Acesso em: 08/04/2019.

Diante desses números, percebemos que a ausência de equipamentos tecnológicos é um impasse para a aplicação efetiva da Lei 13.006/14, e uma das razões para a dificuldade de implantar a ideia do cinema na escola. São muitas as dificuldades, como destaca Pinheiro (2015):

Começamos pelas condições físicas de exibição, porque isso interfere diretamente na qualidade de fruição de um filme. Toda escola terá uma sala especial com um bom projetor e som adequado para as pessoas assistirem aos filmes? Ou será que vão assistir aos filmes numa televisão pequena e quase inaudível? Haverá uma verba para a manutenção dos equipamentos disponibilizados? Para a implementação da Lei é necessário que todas as escolas sejam providas de equipamentos adequados para exibição dos filmes, com suporte técnico para uso dos equipamentos e que esses tenham sua manutenção assegurada (2015, p. 78).

A fala de Pinheiro nos preocupa, uma vez que os professores podem se sentir desestimulados com a ausência de um artefato para exibição de filmes. E, ainda seguindo as pontuações da autora, mesmo superado o problema técnico, surge o questionamento de como ter acesso aos filmes nacionais.

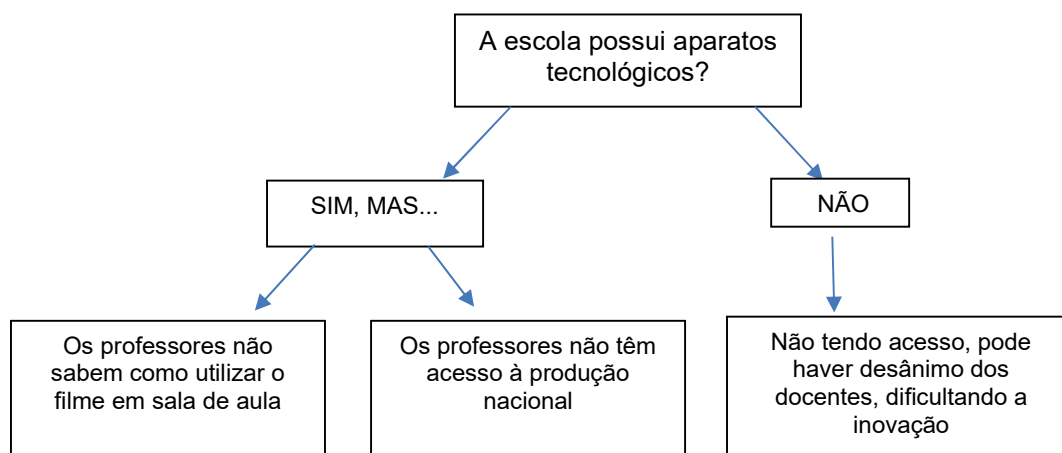
A produção cinematográfica nacional é de uma diversidade poética, temática, estética muito grande. Teríamos que pensar em como torná-la acessível à população. E aqui eu não estou me referindo apenas aos longas, mas a uma frutífera produção de médias e curtas que não deveria ser ignorada. (PINHEIRO, 2015, p. 78).

Frisamos ainda que a cultura brasileira não é de fácil acesso à população. Seria necessário possibilitar para a grande massa o acesso aos filmes apresentados em festivais e também os independentes, que não conseguem sair do circuito fechado. Essa preocupação se reflete também na falta de acesso a outros produtos audiovisuais, tomados pelas novelas e filmes hollywoodianos. Nas palavras da produtora teatral do Paraná, Carolyne D. Melo:

Além dos empecilhos burocráticos e econômicos, a produção cultural precisa lidar também com a formação do público. As novelas, os programas de humor e os filmes exibidos nos grandes meios de comunicação atuam sobre o consumo cultural da população. Isso, claro, é consequência de todos os obstáculos que o Estado coloca para a democratização da arte, impedindo que as classes populares tenham acesso a formas variadas de produção teatral e cinematográfica. Não significa que aquela parcela da população não possa vir a se interessar por distintas produções. Pelo contrário, a questão é justamente que teatro e cinema não estão entre os produtos consumidos pela maioria devido àqueles obstáculos impostos ao acesso e à produção de espetáculos²⁷.

²⁷ MELO, Carolyne Dornelles. **Produção cultural brasileira: dificuldade e resistência**. In. Jornal (online) A Verdade. 03/10/2016. Disponível em: <http://averdade.org.br/2016/10/producao-cultural-brasileira-dificuldade-e-resistencia/>. Acesso em: 08/04/2019.

No diagrama abaixo, ilustramos realidades que estão atreladas aos desafios da inserção do cinema na sala de aula:



Ultrapassado os obstáculos em relação ao equipamento e ao acesso à produção nacional, juntamente à necessidade de apoio à formação docente na atualização dos modos de aprendizagem, nos vemos diante de outra questão: como realizá-la em sala de aula, entendendo que se trata da atualização dos modos de aprendizagem? A partir de quais atividades os professores poderiam fazer uso da Lei 13.006/14? Existe um “melhor jeito” de fazer isso?

Se pensarmos que resolvemos as dificuldades de acesso e seleção dos filmes, basta projetar os mesmos e a Lei estará sendo cumprida? Ou a Lei pressupõe a necessidade de fruição desses filmes? Como ampliar a qualidade de fruição desses filmes? Ampliar a fruição pressupõe a compreensão da relação forma/conteúdo. A percepção de que o filme é mais do que um tema. Que existem escolhas estéticas, formais e que essas escolhas são conteúdo. Mas quem educará os educadores? Essa é uma pergunta importante e recorrente em todo processo de mudança em educação. (PINHEIRO, 2015, p. 79).

A questão proposta por Pinheiro foi uma das inquietações que nortearam a formulação desta tese. Sabemos que não há “um melhor jeito”, mas novas possibilidades a partir de uma formação docente capaz de replicar as principais ideias em sala de aula com os alunos. Tais ideias como: debates sobre um trecho de filme, revisão do primeiro olhar e produção fílmica, implicam em resultados que reforçam os 4Cs: criatividade, criticidade, comunicação e colaboração. De maneira que nos detemos no questionamento dos autores abaixo, reforçando a ideia de que a Lei pode ser um canal para a aplicação dos pilares que, junto com o cinema, impulsiona a abertura das portas da escola:

[...] como a Lei 13.006/2014 pode fazer ampliar e assentar em bases fecundas a presença do cinema brasileiro nas escolas? Essa é uma questão para se pensar com calma, dialogando tanto com as concepções que orientam os fazeres, as experiências e práticas de educação e cinema no Brasil ontem e hoje quanto com as experiências de outros países. (TEIXEIRA; AZEVEDO; GRAMMONT, 2015, p. 87).

Como pode-se observar, desde o início da proposta da Lei existem dúvidas no que se refere a como fazer um uso efetivo do cinema em sala de aula. A interação entre cinema e educação possui uma trajetória histórica mas, talvez, somente agora com a regulamentação, estejamos de fato tendo que enfrentar um desafio que pode abrir portas para novas maneiras de ensinar e de aprender.

Assim, nos propomos desmistificar algumas 'pedras do caminho', sugerindo possibilidades que vão ao encontro das principais dificuldades aqui mencionadas: não há TV nem DVD, como fazer? Que tipo de formação é necessária para que o professor consiga aplicar novas metodologias em sala de aula com seus alunos? Como é uma formação que faz uso do cinema para integrar os componentes do currículo escolar?

PARTE II:

ELEMENTOS PARA UMA
METODOLOGIA

A construção dessa metodologia se baseou em pilares. Tais, são resultantes da pesquisa bibliográfica e da interação com professores(as) que aderiram à ideia de apresentar à sala de aula um novo olhar perante o currículo vivido: o filme.

II O uso de celulares para produzir filmes

Não importa a marca, modelo, ou se é novo ou usado, a presença do celular na vida contemporânea é inquestionável. Mesmo que existam muitos que não fazem uso deste equipamento/aparelho móvel por não compreenderem a tecnologia, convicções pessoais e políticas ou porque não têm acesso, o fato é que o celular está cada vez mais ao alcance da população, principalmente nos primeiros anos de vida. A criança e o jovem têm o celular como um objeto que faz parte de sua rotina, de seu entretenimento, de sua cultura, de seu círculo social. Prova disso é a preocupação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC em incluir nas salas de aula o uso de tecnologias digitais, uma vez que fazem parte da nossa realidade atual. Sendo assim, levar esse objeto, que é familiar e de vasto uso, para a sala de aula, pode ser uma estratégia eficiente, pois, “[...] esse conhecimento vem com eles para a escola” (STECZ, 2015, p. 145).

O forte vínculo entre os jovens e as tecnologias repercute no processo educativo em todos os níveis, por isso consideramos importante que cursos de formação para a docência sistematizem discussões sobre a centralidade dos meios de comunicação e de informação na configuração do modo de vida atual. (ALMEIDA, 2015, p.126).

Em conformidade ao pensamento de Almeida (2015), entendemos que esse vínculo entre tecnologia e a vida social dos jovens (e de entretenimento para muitas crianças) pode ser encarado como uma alternativa pedagógica para a sala de aula. Tal aproximação possibilitaria processos educativos insertos nas tecnologias digitais atuais, além de valores sociais, conforme detalharemos a seguir.

II.1 Por que pode ser uma boa alternativa?

Ao lidarmos com a escola pública (detalhada na parte III, quando tivemos contato com o projeto da prefeitura de Campinas), percebemos que possui diretrizes e projeto político pedagógico e que nem sempre há espaço para inserção das tecnologias. Assim, tendo mencionado anteriormente que a aplicação do cinema na escola pode ocorrer na ausência de artefatos tecnológicos, cabe apontar como e porque o celular pode ser uma boa alternativa quando não há câmeras profissionais, televisão e retroprojetores disponíveis, uma vez que:

[...] sempre foi muito comum a falta de recursos tecnológicos nas escolas, principalmente nas escolas públicas. Com o telefone celular passamos a ter muitos desses recursos disponíveis não apenas pela escola, mas também pelos alunos! Isso deveria ser comemorado, mesmo que não concordemos que os alunos prefiram ganhar celulares dos seus pais do que enciclopédias, pois com os celulares eles também ganham diversas possibilidades de aprendizagem que antes não tinham porque a própria escola não dispunha desses recursos. (ANTONIO, 2010, s/p).

Segundo o autor, os celulares possibilitariam atividades diferenciadas em sala de aula, além de aproximar do aluno uma tecnologia que está presente em sua rotina. Mantendo o foco na inclusão da tecnologia com os valores dos 4 Cs (comunicação, colaboração, criatividade e criticidade), podemos dizer que seria uma alternativa viável, mesmo quando algum aluno não portar o aparelho. A partir da atividade em grupo (comunicação e colaboração), o aluno não estaria na posição de excluído, podendo participar ativamente da produção fílmica.

Além disso, o aluno assiste o que quer direto do celular, além de compartilhar com os amigos o que é de interesse comum, ou seja, o consumo do audiovisual mudou muito com as novas tecnologias da informação. O professor pode, então, fazer uso dessa dinâmica que é cultural e social para os jovens, estimulando a troca de produções entre os estudantes e com a comunidade escolar.

Quando o professor se dispõe a aprender e a se atualizar, fazendo uso pedagógico de um equipamento tecnológico corriqueiro para seus alunos, há troca de conhecimentos e saberes distintos, que possibilita uma abertura na forma de ensinar. A partir da mediação do docente e não de uma postura ativa, a relação de saberes se dá de maneira colaborativa. E esses conhecimentos vão além do currículo, já que fortalecem o contato humano, social e empático, nos quais “[...] os docentes reconhecem o maior saber das jovens gerações em relação ao uso das novas mídias, e não se pode negar que esse reconhecimento também pode abrir a porta para outros” (CORROCHANO; PISTILLI, 2015, p. 161).

O fato é que, mesmo sendo um modelo antigo, todo celular possui câmera. Não nos cabe julgar a qualidade do vídeo, mas a reação que a inclusão de uma atividade como produção fílmica em sala de aula pode causar. A transição de espectador para realizador de imagens instiga o ato criativo, e o cinema, tendo uma potência que permite o desdobramento da criatividade, pode ser um incrível aliado do currículo escolar. E, em complemento a isso, pode permitir que os professores aprendam mais sobre uma tecnologia que não fez parte de sua geração como

estudantes, destacando que não se trata de não saber, trata-se de não terem sido preparados (em qualquer idade) para fazer uso pedagógico desta ferramenta, com formação continuada, aprendendo e se atualizando.

Claro que devemos ter em mente que não é tão simples. Sempre há um problema e, nesse caso, pode ser o receio de usar o celular, como o uso indevido (navegar nas redes sociais, por exemplo) e isso se tornar um motivo de dispersão ou confusão em sala de aula. É importante que o docente, enquanto mediador, explique a seus alunos qual a conduta de uso do aparelho, bem como, as vantagens de aprendizagem a partir dessa alteração na rotina escolar. Conforme Antonio (2010), essa preocupação não é incomum, cabendo ao docente observar que a distração sempre existiu, porém, por outros meios:

Alguns professores se queixam que os telefones celulares distraem os alunos. É verdade. Mas antes dos telefones celulares eles também se distraiam. A única diferença é que se distraiam com outras coisas; como aliás, continuam fazendo nas escolas onde os telefones celulares foram proibidos. O que causa a distração nos alunos é o desinteresse pela aula e não a existência pura e simples de um telefone celular. Exemplo claro disso é que em muitas escolas e em muitas aulas os alunos não se distraem com seus celulares, apesar de estarem com eles em suas mochilas, nos bolsos ou mesmo sobre as carteiras. (ANTONIO, 2010, s/p).

Segundo o autor, há preconceitos sobre a inserção do celular em sala de aula. Entretanto, havendo o diálogo entre professor e estudante, em que se distingue os momentos de divertimento e de aprendizagem ativa, pode-se estipular regras para a utilização do aparelho, fazendo um bom uso deste equipamento em sala de aula. Santos e Faria (2016) ressaltam outros fatores que precisam ser trabalhados e repensados se a produção fílmica através do celular, de fato, for efetivada em sala de aula. Abaixo, outras realidades contrárias à presença do celular em sala de aula são destacadas pelos autores (SANTOS; FARIA, 2016, p.124):

- o baixo investimento para equipar as escolas e capacitar os professores, porquanto faltam políticas públicas voltadas para sua formação inicial e a continuada;
- o receio de alguns professores em realizar intervenções em sala de aula utilizando as novas tecnologias, quase sempre, porque não acreditam em seu potencial pedagógico ou por se sentirem seguros em lecionar da mesma forma que aprenderam.

Ao primeiro item, é vigente a necessidade de investimento nas escolas tanto no que se refere a aparatos tecnológicos, quanto à capacitação docente. Quanto ao segundo, é necessária formação docente continuada para que os paradigmas sejam

quebrados e o docente possa observar na prática a contribuição deste aparelho em sala de aula. Assim, tendo esses empecilhos, mas reconhecendo a realidade da presença do *smartphone* no cotidiano, podemos dizer que, dentro das possibilidades, trazer o celular como componente educacional, permitiria fazer uso pedagógico do celular tão presente na vida dos estudantes fora da escola, pois, “[...] somente o quadro, o caderno e a caneta não são mais suficientes para manter os alunos interessados em aprender” (VIEGAS, 2018, s/p).²⁸

A fala de Viegas traz, ao mesmo tempo, uma provocação e um choque de realidade, uma vez que algumas escolas brasileiras possuem somente a instrumentação de cadernos e giz. Assim como muitas escolas não dispõem de TVs, existem realidades em que até mesmo as tecnologias digitais como o celular podem demorar a chegar. Silva (2016, s/p), destaca este ponto, quando apresenta o fato de que:

[...] apesar da nossa população se concentrar na sua maior parte em centro urbanos, ainda possuímos uma parcela significativa da população vivendo em áreas rurais, onde a realidade da cultura digital não se encontra na mesma intensidade que nos centro urbanos. Ou ainda, quando analisamos nossos centros urbanos, percebemos que eles não são homogêneos na composição de seus grupos, ou seja, diferentes grupos sociais experimentam com intensidades diferentes a realidade da cultura digital²⁹.

Nota-se que o problema se assemelha aos impedimentos encontrados na inclusão do cinema em sala de aula, no que dizem respeito às diferentes realidades sociais dos professores no país.³⁰ Ressalvamos que não se pode generalizar situações, assim, é importante termos noção de que elas são existentes e que a aplicação da produção fílmica em sala de aula nem sempre vai ter um caminho livre de obstáculos, que muitas vezes não dependem da escola para resolvê-los. Exemplo disso é a proibição, em alguns Estados brasileiros, do uso do celular em sala. Entretanto, com a alteração da BNCC, a regra de proibição vem sendo modificada desde 2017. Prova disso é a realidade atual do Estado de São Paulo, no qual há Lei estadual que autoriza o uso de celulares em sala de aula:

²⁸ VIEGAS, A. Como aproveitar o uso de celular em sala de aula. **PAR** – plataforma educacional. 27/06/2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/uso-do-celular-em-sala-de-aula/> Acesso em: 23/04/2019.

²⁹ SILVA, Ricardo Augusto da. Com telas e robôs ou lousa e giz, o importante é a qualidade do ensino. **Blog UNICAMP A Pedra**: educação, tecnologia e movimento “open”. 29/09/2016. Dados disponíveis em: <https://www.blogs.unicamp.br/apedra/2016/09/29/com-telas-e-robos-ou-lousa-e-giz-o-importante-e-qualidade-do-ensino/> Acesso em: 09/04/2019.

³⁰ Destacados em I.III.I.

A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou, em outubro de 2017, a proposta que permite o uso de celulares, alterando a lei 12.730/2007, que proibia o seu uso. [...] Agora o maior desafio das escolas é aprenderem a inserir esses aparelhos de forma eficiente e adequada para o melhor desenvolvimento e aproveitamento dos estudantes. (VIEGAS, 2018, s/p).

Por Viegas percebemos que a permissão gera o desafio de integrar o uso de celulares juntamente com o do cinema no currículo vivido. Já que a sociedade está imersa no meio digital e que os professores fazem parte dela tanto quanto seus alunos (de acordo com TIC Educação de 2015, mais de um terço dos docentes (39%)³¹ afirmou utilizar o celular para realizar alguma atividade com os alunos³²), a escola também se vê na posição de fazer parte disso, não só para manter o interesse dos alunos no aprendizado, como também para explorar os recursos tecnológicos e criativos, visando à formação e interação, mas também à perspectiva do aluno no mundo que o cerca. E, para isso:

[...] não basta liberar o uso do celular para que eles façam videoselfies. Cabe aos educadores orientar produções com objetivos de aprendizagem claros, que podem envolver conhecimentos interdisciplinares e outras competências, como trabalho em equipe, resolução de problemas e criatividade. Além disso, é preciso estabelecer desafios e temas aos estudantes, propor etapas de trabalho (pesquisa, elaboração de roteiro, pré-produção, gravação e edição), combinar processos, dividir tarefas e cobrar prazos para que os projetos se concretizem³³.

Destacamos a importância do planejamento das atividades que envolvem o uso do celular. Para que os receios de tumulto ou dispersão em sala sejam evitados, o docente deve estar seguro da ideia que levará para a sala de aula, demonstrando como o celular será utilizado dentro da produção fílmica. Tal atividade pode ocorrer depois do debate sobre um contexto fílmico e a disciplina em questão, assim, os alunos estarão cientes de que essa criação está alinhada com o que foi discutido e

³¹ Os dados fornecidos pelo TIC Educação são realizados pelo Cetic.br que, 2010, realiza entrevistas com alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores para mapear o acesso, o uso e a apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em escolas públicas e privadas de educação básica. A pesquisa tem abrangência nacional e considera as escolas públicas (municipais e estaduais) e privadas (a partir de 2011). Em áreas urbanas, são selecionadas escolas com turmas regulares do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e do 2º ano do Ensino Médio cadastradas no Censo Escolar conduzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Em áreas rurais (a partir de 2017), são selecionadas escolas públicas e privadas também cadastradas no Censo Escolar.TIC EDUCAÇÃO. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>. Acesso em 23/04/2019.

³² **Cresce o uso de Internet pelo celular entre professores de escolas públicas e particulares.** 29/07/2016. Disponível em: <https://www.cetic.br/noticia/cresce-o-uso-de-internet-pelo-celular-entre-professores-de-escolas-publicas-e-particulares/> Acesso em: 09/04/2019.

³³ *Op. cit.* Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4927/blog-de-tecnologia-video-em-aula-engajamento-e-maior-quando-alunos-produzem-os-seus>. Acesso em: 09/04/2019.

visto anteriormente, enriquecendo ainda mais o conhecimento acerca do currículo proposto.

Além dessas etapas de trabalho, há a questão do compartilhamento como ação comum entre os jovens, conforme mencionado anteriormente. O professor pode criar um acervo com as produções de seus alunos, para que as turmas posteriores possam ter acesso ao que foi feito. Dependendo do filme produzido, os alunos podem atingir a comunidade escolar como um todo e indo além, compartilhando em redes sociais como *facebook*, além de canais de vídeos como *youtube* e *vimeo*. O ato de compartilhar é um incentivo para que as produções sejam feitas cuidadosamente, contribuindo para a autoconfiança de seus produtores, para o trabalho em equipe e feedback do que foi realizado. Somando-se ao fato de os alunos perceberem o porquê de estarem aprendendo determinado tema, eles são motivados a exteriorizarem seus pensamentos e pontos de vista sobre ele.

Entretanto, muitas das escolas podem não ter internet, impedindo o compartilhamento, mas partimos da ideia de que mesmo sem internet, o aluno pode ser capaz de produzir, já que necessita apenas de um celular com câmera, além de poder compartilhar com a comunidade escolar através do próprio aparelho. Isso porque nem todas as escolas (principalmente as públicas), possuem internet conectada para uso das atividades.

Nesse sentido, nos detemos na produção fílmica via celular, subsidiada pelas crenças de que:

- a prática transforma o aluno em protagonista de seu próprio aprendizado;
- o aluno é motivado em seu processo de aprendizagem a partir do momento em que possui espaço para demonstrar não só o que aprendeu, mas sua visão do conteúdo;
- o aluno é desperto para participar do processo como um todo, transformando a relação com o professor e com seus colegas.

Santos e Faria (2016) trazem ideias que fortalecem essas crenças, ao mencionarem ser imprescindível que a escola e os professores acompanhem essas transformações e que procurem se adequar ao terceiro milênio. Citando Pontuschka (2009, p. 283), ressaltam: “[...] a população hoje está sendo educada pela linguagem de imagens e dos sons, ou seja, pelo cinema e pelos programas de TVs mais do que

pela linguagem escrita”. Essa constatação reforça a preocupação de Bergala (2008) com a ausência da prática da leitura nas crianças hoje em dia. Percebemos que os quatro autores nos conscientizam sobre como o modo de aprender mudou, e de como a linguagem audiovisual está influenciando essa mudança.

Assim, reforçando as vantagens que a inclusão do celular traria para a sala de aula, bem como, que ela se constitui como suporte para as transformações na aprendizagem, destacamos as argumentações de Santos e Faria (2016, p. 124), que afirmam:

- a) é importante situar os educadores no momento histórico, tecnológico e econômico vigente.
- b) vivemos na era da globalização, em que os mais diversos meios de comunicação, como o rádio, a TV, a internet, o cinema, entre outros, tende a transmitir notícias, principalmente, por meio de imagens, responsáveis por criar opiniões e homogeneizar gosto e costumes.

Esses argumentos dialogam com as questões levantadas sobre a necessidade de atualização da pedagogia e do pedagogo, e a presença do audiovisual na formação de opinião e como bagagem cultural. Entendemos que com a inclusão do celular em sala de aula, o professor se apropria de uma tecnologia atual, além de trabalhar com uma linguagem que as crianças e jovens estão habituados, e que diariamente interfere em seus modos de ver o mundo.

No próximo item, verificaremos de que maneira o celular pode ser utilizado em sala de aula, bem como os principais valores em torno dessa prática.

II.II Como usar o celular em sala de aula para produzir filmes?

Conforme detalharemos na terceira parte desta tese, a metodologia proposta *estimula* o uso do celular como produção filmica em sala de aula a partir de atividades que estejam de acordo com os valores da BNCC e que tenham como base os 4Cs. Relacionando-os com a temática da tese, eles se enquadram como:

- a) **Comunicação:** troca de ideias entre os proponentes do trabalho, colegas e professores, desde a pré-produção do filme, até o debate sobre a produção final;
- b) **Colaboração:** os estudantes se dividem em tarefas distintas, em que cada um pode contribuir com aquilo que mais se identifica. Essa atitude possibilitaria a liberdade para o estudante se expressar naquilo que tem por aptidão, tais como:

facilidade para atuar, roteirizar, filmar, desenhar, etc., além de valorizar o sensível do indivíduo;

c) **Criatividade:** os conteúdos curriculares são expressos a partir do olhar do aluno sobre o tema, fazendo uso de elementos visuais que são de sua cultura;

d) **Criticidade:** escolhendo os componentes da imagem, os alunos estimulam seu olhar crítico sobre o que acham que ‘funciona’ na ideia do que querem transmitir.

Para além disso, o debate e a troca de opiniões estimulam o pensamento crítico sobre a produção e a forma como o tema foi exposto, porque:

[...] com o celular eles dispõem de gravador de voz, imagem e vídeo, muito embora eles mesmos não tenham o hábito de registrar suas atividades. Isso é o que chamamos de “making-off” das atividades e, ao fim e ao cabo, é esse o único registro que nos interessa e não o resultado final da atividade. Por exemplo, se eles têm que confeccionar uma maquete, porque não fotografar todas as etapas e depois transformar isso em um filme (animação) que pode ser incluído como parte da própria atividade? O telefone celular é uma ferramenta de registro, edição e publicação. (ANTONIO, 2010, s/p).

Concordamos com o autor sobre as funcionalidades do aparelho, mas salientamos que mais do que encarar o celular como uma ferramenta, vemos nas possibilidades sociais a potencialidade de seu uso. Conforme os itens abaixo, detalhamos como percebemos a relevância dos 4 Cs e seus efeitos práticos em sala de aula a partir da produção fílmica.

a) Comunicação:

O professor pode sugerir a temática, sem definir COMO os alunos devem fazê-la. Assim, é importante que os alunos tenham liberdade para definir quais elementos devem fazer parte da imagem, através da organização das tarefas que se dá pelo diálogo. Além de estimular a comunicação, os estudantes estarão aptos a usar uma tecnologia digital de maneira bem esclarecida e com um propósito, retirado da problemática apresentada pelo professor.

b) Colaboração:

Trocando opiniões sobre a produção, os alunos são capazes de falar sobre suas aptidões e das referentes áreas que gostariam de atuar. O trabalho em equipe é muito enriquecido pela ideia de que os alunos devem entregar algo pronto, assim,

a parceria é fortalecida:

A colaboração envolve mais do que apenas os alunos que trabalham lado a lado, ela envolve ações de interação, de apoio, de participação mútua. E, por mais que os meios digitais intensifiquem, a colaboração é inerente a forma como o trabalho é realizado em nossa sociedade. [...] É preciso compreender que em perspectiva de ruptura de paradigmas tecnicistas, nos dias atuais o conhecimento é construído em comunidades, as quais podem ser on line/digitais, nas quais todas as partes envolvidas tenham, verdadeiramente, respeito sobre a opinião das outras pessoas. (WUNSCH; CRUZ; BLASZKOWSK; CUCH, 2017, p. 13144).

Os valores sociais são então exaltados, uma vez que o grupo trabalha com companheirismo, evitando situações como o *bullying*. É importante que ao longo das produções desenvolvidas, o professor perceba os “grupinhos fechados”, tentando mesclar ao máximo os integrantes. Essa interação criará um fortalecimento das relações, evitando desavenças entre os colegas.

c) Criatividade:

Uma vez que o professor deixa de dizer como o aluno deve realizar uma atividade, ele possibilita outras maneiras de trabalhar o conteúdo curricular. A produção fílmica proporciona diferentes olhares a partir de um tema, mas com variáveis que serão escolhidas pelos estudantes durante o processo de comunicação e colaboração. Essa postura enriquece não só a aprendizagem, como também estimula o rendimento dos alunos:

No mundo com uma decorrência tão intensa global, o pensamento criativo está se tornando requisito chave para o sucesso pessoal e profissional. Quando falamos de criatividade, não queremos criar algo para uma audiência fechada, mas sim para uma audiência global. Para isso, é importante conhecer metodologias que a estimulem a criatividade [sic], nas quais uma ideia inicial criada seja ampliada continuamente por outros de um mesmo grupo. (WUNSCH; CRUZ; BLASZKOWSK; CUCH, 2017, p. 13145).

A criatividade é uma das chaves para o processo de produção. Respeitando as ideias de cada um, o produto final será enriquecido por diferentes opiniões. Mas não apenas isso: como a proposta é fazer vários filmes com uma mesma turma, ampliam-se as opções criativas a partir de uma única temática. Na posição de mentor, o professor deixa o aluno livre para explorar seu lado artístico, e, ao

estimular sua criatividade única, fortalece sua autoconfiança.

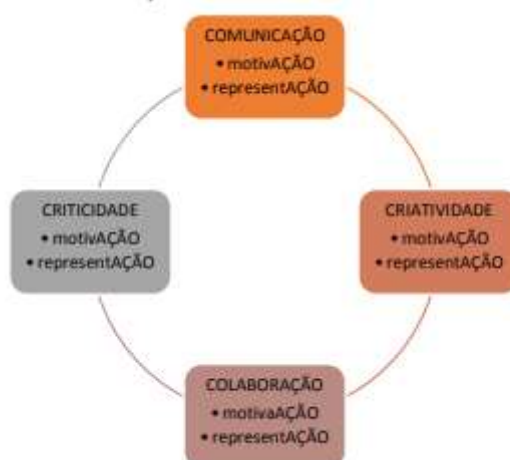
d) **Criticidade:**

Durante todo o processo, os alunos são condicionados a fazerem escolhas. Em função disso, há reforço do senso crítico, já que eles devem escolher como e o que deve constar nas imagens, avaliando por si mesmos a qualidade do trabalho realizado durante todo o percurso.

[...] o objetivo na sociedade do conhecimento é, certamente, estimular o pensamento crítico, permitindo a superação do discurso singular, respeitando o seu contexto de vivência e suas experiências anteriores para estimular a reflexão em prol da orientação em busca do desenvolvimento de soluções para dilemas concretos por meio de exercícios de argumentação e reflexão crítica. (WUNSCH; CRUZ; BLASZKOWSK; CUCH, 2017, p. 13145).

A criticidade é estimulada antes mesmo da pré-produção fílmica. Com o olhar sobre o trecho fílmico, os alunos expõem sua opinião sobre e um olhar crítico perante a imagem. A partir do diálogo, novas opiniões e (pre)conceitos podem ser reformulados, realizando uma autocrítica. Já na produção, com as escolhas feitas pelo grupo, há reflexões sobre aquilo que querem transmitir na imagética.

Mesmo destringindo cada elemento dos 4Cs, é importante visualizar que eles não se separam e que a atividade com/pelo/a partir do filme é uma das possibilidades de correlacioná-los. O gráfico abaixo construído por WUNSCH, CRUZ, BLASZKOWSK e CUCH (2017, p. 13150) ilustra claramente como os pilares estão relacionados:



Notamos que os autores frisam a palavra “ação”. Isso porque deve existir uma ação docente para que esses 4 pilares sejam uma realidade em sala de aula. A escola se torna um lugar de atravessamentos por permitir esses acontecimentos – a exaltação da criatividade do indivíduo, uma mudança de olhar sobre o mundo que o cerca, a construção de sua bagagem cultural e sua capacitação como cidadão em um mundo digital.

Apresentar uma proposta de metodologia que faz uso do celular vai além de uma atualização das tecnologias digitais, trata-se de perceber o alcance das possibilidades a partir dessa ação, tanto no que se refere à mudança de postura do professor quanto aquilo que é despertado no aluno:

É possível verificar que, sob esta perspectiva, perante a realidade estudada, o que é comum é a necessidade em se pensar a AÇÃO do professor. Sim, temos que pensar com projetos formativos, em inclusão de recursos digitais na escola, mas é preciso, sobretudo, entender o contexto e as especificidades deste docente. (WUNSCH; CRUZ; BLASZKOWSK; CUCH, 2017, p. 13150).

O professor, assim como o aluno, também constrói sua aprendizagem, tendo por foco seu contexto e o planejamento pedagógico. Como cada experiência será única, ele também estará na situação de constantes desafios. Existe uma ação a ser feita para cada pilar, mas dada a continuidade, as ações vão se modificando. Com essa atitude, ocorre uma mudança nas relações professor-aluno, em que este, enquanto centro de sua aprendizagem, tem no professor um guia e mentor e, acima de tudo, alguém que permite que o conhecimento seja realizado como uma troca de saberes, e não como via unilateral. Reconhecemos nisso uma transformação, pois, quando o ensino se dá

[...] de forma mais motivadora e representativa, os alunos podem reconhecer seus saberes, analisando os desafios das escolas em nível mais amplo. E não irão constituir, assim, ações pontuais, mas planos, programas e projetos capazes de orientar e de fornecer os meios pelos quais passaram, com histórias de vida, necessários ao alcance dos objetivos. (WUNSCH; CRUZ; BLASZKOWSK; CUCH, 2017, p. 13151).

Assim, nesse primeiro momento, apresentamos os valores que consideramos necessários no modo como o celular deve ser usado em sala de aula. Da mesma forma que não acreditamos no filme como um “tapa-buracos”, também achamos que o celular não deve ser apenas um cumpridor das mudanças propostas pela BNCC, no que diz respeito à inclusão de tecnologias digitais.

II.II.I Algumas possibilidades proporcionadas pela inclusão do celular em sala de aula

Além dos benefícios já listados, relacionamos algumas possibilidades que também são possíveis de serem trabalhadas, quando assim houver espaço para fazê-las e oportunidades no ambiente escolar:

a) Inclusão social para estudantes com deficiência auditiva:

Uma das possibilidades de trabalho com produção fílmica é a adição de legendas na fase da edição, além de facilitar a compreensão sonora, caso o filme não tenha uma boa captação por falta de equipamento especializado.

b) Uma chance para o inusitado:

São “[...] possibilidades de fragrantes do cotidiano – registro de algo que se perderia” (BARRAL, 2012, p. 114). Quando o professor sugerir que não se tenha um roteiro pronto, os alunos podem realizar filmagens sem uma intencionalidade de narrativa construída previamente, abrindo espaço para o espontâneo.

c) Uso de aplicativos de edição de vídeo gratuitos:

Uma possibilidade para alunos e professores, é fazerem uso de aplicativos para celular e, assim, se familiarizarem com a linguagem audiovisual. Já que “[...] geralmente os alunos dominam os celulares melhor do que seus professores e aprendem rápido a usá-lo”. (ANTONIO, 2010, s/p). Assim, aplicativos como Vídeo Show³⁴ podem ser uma boa alternativa, por serem de uso gratuito e por possuírem vários recursos de edição, como legendas e locução.

d) Consciência digital:

Quando os alunos começam a fazer seus próprios vídeos, compartilhamentos *online* podem surgir. Nesse momento, é importante que se tenha em mente o que pode ou não ser compartilhado, bem como:

³⁴ VideoShow é um aplicativo gratuito para Android e iOS, utilizado para edições de vídeos e slideshow, além de ter o recurso de compartilhamento direto para o Youtube e Facebook. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.xvideostudio.videoeditor&hl=pt_BR. Acesso em: 23/04/2019.

[...] discutir as questões éticas e morais envolvidas no uso de imagens e registros, além do uso indevido dos celulares. [...] Também é importante discutir com os alunos os limites éticos e morais do uso do celular, e de outros instrumentos tecnológicos modernos, fora da escola. O celular é parte do cotidiano deles e ensiná-los a usá-lo com sabedoria é também parte da nossa tarefa como educadores. (ANTONIO, 2010, s/p).

Antonio (2010) nos mostra que, ao ser inserido no mundo digital, o jovem deve tomar cuidados tanto com o que publica na rede, quanto com o tipo de informação que busca. Outras questões podem ser levantadas, como o *Cyberbullying*³⁵ e as consequências dessa violência. Esses assuntos vão além da produção fílmica, ressaltando a importância de o jovem entender que estão inseridos no mesmo universo digital.

Em síntese, nesse primeiro momento, defendemos a ideia da inclusão do celular em sala de aula como alternativa viável, no que diz respeito à adaptação e à inserção de tecnologias, bem como, como alternativa para a produção fílmica quando da ausência de outros artefatos, como câmera, TV, DVD ou Datashow. Novamente fazemos a ressalva de que é necessária a formação do docente para que essa ferramenta seja aplicada da melhor forma possível. Esta é a temática do próximo tópico, em que detalharemos as relevâncias dessa prática e alguns exemplos de projetos que vêm sendo realizados no campo do cinema e da educação escolar.

³⁵ Amado (2009) conceitualiza como sendo uma nova expressão do bullying, enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditadas e repetidas, realizadas com recursos tecnológicos de comunicação, tais como o e-mail, o chat, o blogue, o telemóvel, etc., contra uma vítima de estatuto semelhante, mas que tem dificuldade em defender-se. AMADO, João et al. *Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação*. Interacções, Santarém, v. 13, p. 301-326, 2009.

III Formação de professores para ensinar cinema na escola

Se a escola permitiu a entrada do celular em sala de aula, ela possui gestores que apoiam a medida e professores engajados em incorporar o cinema às atividades pedagógicas e, assim, modificarem a rotina escolar, mas ainda assim um dos desafios é como aplicar esta ferramenta. A formação de professores no ramo do cinema veio com a Lei 13.006 e as preocupações para sua efetividade.

É fácil constatar que o professor se constitui um público “comum” do cinema, isto é, o repertório cinematográfico dos professores reproduz as estatísticas das bilheterias. A pequena parcela de professores que conhece uma filmografia mais diversificada equivale à pequena parte da população das grandes cidades, que frequenta os cinemas de rua, por exemplo, voltados para uma programação independente, mais autoral. (MOGADOURO, 2016. s/p).³⁶

A autora nos remete à questão da bagagem cultural filmográfica dos docentes, uma vez que a ideia é fugir do padrão dos filmes de circuito comercial, ampliando o conhecimento com filmes brasileiros apresentados em festivais ou de países diferente dos EUA. Para que os professores possam apresentar aos seus alunos filmes que não estão no circuito comercial de cinema, é necessário que o formador mostre as opções disponíveis, norteando a escolha da filmografia.

Como falamos anteriormente, a presença do filme e do audiovisual nas escolas não é um assunto novo, conforme Campos (2006) destaca. Para o autor, o uso dos recursos audiovisuais é conhecido por seu potencial didático, havendo, como apresentamos no início desta tese, uma construção de pensamento em torno das vantagens da inclusão do cinema na escola. Cabe a nós esmiuçar maneiras de como o filme chega na sala de aula, explorando sua potencialidade como linguagem artística e permeada por valores.

Não existe muita novidade em utilizar recursos audiovisuais como recurso didático. Pode se utilizar de músicas, slides, fotos, poesia, literatura e filmes como ilustração e para melhor compreensão do conteúdo. É sempre um instrumento para a aprendizagem. O cinema, enquanto arte tem a vantagem de poder usar das várias formas de linguagem pelas outras artes,

³⁶ MORGADOURO, C. Formação audiovisual dos professores. Instituto Net Claro Embratel – Educação. 14/06/2016. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opiniao/formacao-audiovisual-dos-professores/> Acesso em: 23/04/2019.

conseguindo, desta maneira, se comunicar com profundidade e envolvimento. Como em qualquer arte, o cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado (CAMPOS, 2006, p. 22).

Assim que pela fala de Campos, temos a ideia de utilizar da característica de ilustração do cinema e explorar os olhares dos alunos acerca dos valores apresentados pela imagética, juntamente com uma atividade vinculada ao currículo. Logo, detivemo-nos inicialmente no modo como o filme é apresentado na sala de aula e na importância da formação docente. Para que exista um alinhamento entre o que a BNCC propõe, juntamente com o uso da produção fílmica na escola, é preciso que o docente esteja capacitado para desenvolver as habilidades necessárias.

III.I Quais as mudanças na sala de aula com a formação pedagógica?

Nesta pesquisa, temos por norte a questão de *como* o filme é utilizado em sala de aula, além das possibilidades do uso do celular através da produção fílmica. A formação de professor está relacionada a esses dois aspectos de nossa investigação, uma vez que a partir da Lei 13.006 houve a necessidade de repensarmos como o docente está encarando o filme e a sua aplicação.

Assim, uma vez que destacamos as vantagens da inclusão do cinema e seus desafios em sala de aula, veremos inicialmente o porquê da necessidade da formação dos professores. Não basta apontar que a aplicação do filme em sala de aula é inadequada e quais os benefícios de aplicá-la com o estímulo dos 4Cs. Para que o docente saiba como usar o filme em sala de aula, é necessário um suporte de projetos e de iniciativas que tenham por objetivo capacitá-lo para isso.

A instrução de professores, neste caso, é necessária para sanar as lacunas sobre como usar o filme, e sobre quais elementos (imagem, som, narrativa) podem ser trabalhados. Acreditamos que destacando fatos que mostrem como o cinema pode contribuir para a criticidade, curiosidade, cooperatividade e comunicação, os professores receberão estímulos para realizarem a prática docente de forma dinâmica, ao mesmo tempo em que aprendem com seus alunos.

A importância da utilização de filmes no contexto educativo acaba refletindo na formação dos professores uma vez que os docentes necessitam adequar-se à ótica do filme como elemento comunicacional e pedagógico no ensino. Assim, o valor das produções cinematográficas para a formação docente está presente na sensibilização do professor em temáticas que se fazem presentes no contexto educativo. (SOUZA, LINHARES, 2012, p.13)

O desafio está em construir esse atravessamento sensível que o cinema realiza na prática docente, ou seja, permitir que haja espaço na instituição para que a produção fílmica se instale, se possibilite e se firme como uma presença contínua em sala de aula. Assim, é necessário que haja “[...] reconhecimento – por parte das instituições que oferecem cursos de formação de professores – da existência de diversas linguagens em nossa sociedade, para além da oralidade e da escrita, nas quais se respalda a cultura escolar” (SILVA; SANTOS, 2017, p. 37).

Consideramos dois aspectos: um diz da compreensão do professor sobre como fazer uso do filme ou da produção fílmica; o outro, de como o formador deve realizar a atividade com os professores. Se o formador se coloca na posição ativa de “única fonte de conhecimento”, nada adiantará para o reforço da ideia de dinâmica. Tendo isso em vista, é necessário desde o início da formação, que haja incentivo ao diálogo, à troca de saberes e percepções, à exaltação da criatividade dos professores, do trabalho em equipe e da criticidade nas escolhas das imagens.

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. (FRESQUET, 2013, p. 19).

Com a disposição de aprender, o professor é capaz de criar novas perspectivas para o ensinar. Logo, pode ser capaz de reinventar os modos de lidar com os filmes a partir dos aprendizados da formação, ao passo que os alunos terão novas experiências a partir da réplica dessa formação. Também deve-se levar em consideração o contato que o professor costuma ter com o filme. Se ele, assim como seu aluno, está limitado pela filmografia do cinema comercial, é preciso que o formador o oriente sobre outras fontes nacionais e internacionais, para além da cultura e do povo estadunidense.

Além disso, é importante que o formador ressalte que não é somente no ato de ver um filme que há possibilidades de instigar o outro, mas também no ato de criação e na produção fílmica. Dialogando sobre o filme, o aluno expõe sua visão e

constrói uma ideia com seus colegas e professores e a partir da produção, ele manifesta sua bagagem cultural, sua criticidade, sua criatividade e sua sensibilidade.

O pesquisador de cinema e educação, Carlos Miranda (2010), cita Bergala (2002) e reforça a ideia das duas vertentes em que o cinema se envolve, de espectador para produtor, na chamada “análise de criação”, em que:

[...] contrariamente à análise fílmica – cuja finalidade é compreender, decodificar e ler um filme –, [a análise de criação] deveria preparar ou iniciar o aluno na prática da criação. Nessa perspectiva, a análise não ocorre como finalidade em si mesma, mas prepara uma passagem para outra coisa. (BERGALA, 2002, p. 128-129 *apud* MIRANDA, 2010, p. 41 – acréscimos nossos).

Apoiamo-nos em Bergala (2002) e em sua visão sobre a importância da criação, a qual, insistimos, deve se fazer presente na formação dos professores, para que compreendam os processos práticos quando forem replicar o modelo com seus alunos. Isso porque aprender com e pelo cinema vai desde o planejamento da atividade até à visualização das produções, reforçando a ideia de que o cinema inclui todo o processo - interatividade e reflexão sobre o ato de assistir, discutir e realizar.

Fazer cinema é criar imagens para contar histórias e fazer história. Deslocar-se da apreensão empírica da realidade, que floresce na possibilidade técnica de reprodução do real, para focar-se no desejo de construção da expressão da realidade com a própria realidade. (MIRANDA, 2010, p. 42).

A perspectiva apresentada por Miranda serviu de base para a construção da metodologia proposta na terceira parte desta tese, a ser realizada em sala de aula, a qual vem ao encontro da ideia de formação de professores, por proporcionar aos docentes a experiência vivida, ou seja, o contato com a experimentação fílmica. Percebemos que a formação docente, mesmo tendo inicialmente o propósito de sanar as lacunas da aplicação da Lei, ultrapassa barreiras e transforma o conceito do que é cinema, ou seja, não se limita a assistir a um produto audiovisual pronto em sala escura, mas também cria diálogos sobre o mesmo antes e depois da exibição, projetando atividades em grupo que se relacionam com essa conversa. Do diálogo inicial com os alunos até a contemplação de suas produções finais, tudo é cinema.

Nesse primeiro momento, entendemos qual a relevância da formação de professores, e então, num segundo momento, apresentaremos alguns projetos que

desenvolvem a formação de professores no âmbito do cinema e da educação, bem como seus valores e objetivos. Por fim, num terceiro momento desta tese, poderemos compreender como essa formação pode ser aplicada a partir da metodologia proposta.

III.II Projetos de formação de professores para o ensino do cinema na escola

Selecionamos alguns projetos que estão em atuação no país, buscando apresentar quais os principais objetivos e realizações destes. A ideia é ilustrar como o país está se posicionando perante as alterações propostas pela Lei 13.006, bem como ter noção da demanda atendida por esses projetos que atuam com o propósito de capacitar professores, sanando lacunas de formação:

Obviamente o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho. Boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes a que assistimos se efetiva não tanto pela história contada em si, e sim pela forma de conta-la. Existem elementos sutis e subliminares que transmitem ideologias e valores tanto quanto a trama e os diálogos explícitos. (NAPOLITANO, 2003, p.57)

Assim que, a partir da atividade dos projetos que se propõem a sanar as lacunas, há uma construção de aprendizagem para com o docente, como também o envolvimento de toda a comunidade escolar por meio de eventos, mostras e festivais. Infelizmente, percebemos ao longo da pesquisa que haviam outros nomes (até o ano de 2015) e, ao entrar em contato com alguns ou por pesquisa, verificou-se que foram cancelados ou interrompidos por falta de recursos ou apoio governamental. Tal realidade esbarra nas iniciativas que resistem e persistem com eventos e oficinas, procurando levar o cinema aos docentes de maneira que este seja mediador nos processos de aprendizagem, transformando e ampliando o mundo cultural daqueles que participam. Logo, alguns que seguem ativos são:

III.II.I Inventar com a Diferença:

Em 2013 o projeto foi desenvolvido pelo Departamento de Cinema da Universidade Federal Fluminense em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República:



Inventar com a diferença é um projeto que parte de um sonho de muitos que trabalham com cinema, com os direitos humanos e com a educação e esperamos que o trabalho aqui concentrado ajude a muitos a levar o cinema para escola, estimulando um olhar para outro que invente um mundo mais justo, diverso e democrático. (MATERIAL DE APOIO, Inventar com a Diferença, 2014, p.4)

Dada a referida menção, o projeto se debruça sobre a produção estudantil com a temática voltada para os direitos humanos e a educação, fornecendo materiais para uso nas escolas, tais como: câmera, tripé, microfone e computador para edição. Assim que o projeto trabalha com cartilhas que auxiliam como sugestões para o trabalho com as temáticas de cinema e os direitos humanos.

A metodologia adotada se foca em 3 principais abordagens:

- a) Atividades que fazem uso do kit audiovisual para produzir imagens;
- b) Não fazendo uso do kit: aqui o foco está na visualização e discussão/debate sobre as imagens que foram produzidas; além da comunicação sobre quais lugares serão filmados, quem será entrevistado, e outras funções estabelecidas para cada componente do grupo;
- c) Filmes-carta: o projeto define como sendo a etapa final da oficina. O exercício terá remetentes e destinatários de uma escola para outra em algum lugar do País. Ao conectar histórias, sentidos, emoções, identidades e diversidades, o Filme-carta traz a possibilidade de se corresponder através do cinema, enfatiza a potência de fazer com que as imagens e os sons desses estudantes falem sobre eles e de alguns de seus territórios, sobre o que conhecem e inventam com o cinema e com o outro. (2014, p.10)³⁷

Com a atividade do filme-carta, percebemos que os 4 pilares se encontram aqui a partir dos seguintes atos: na escolha das imagens o aluno demonstra como ele vê o mundo que o cerca, ou inventa novos olhares sobre algo que enxerga cotidianamente (criatividade e criticidade); pelo diálogo entre seus colegas, o aluno

³⁷ FILME CARTA. **Inventar com a diferença – material de apoio**. Disponível em: https://www.redekino.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Inventar_com_a_Diferenca_UFF.pdf
Acesso em: 25/04/2019.

constrói a narrativa da carta e, ao se aproximar daquele que está distante, o destinatário se coloca como um amigo, como um colega que não se vê todo dia, mas que compartilha da mesma posição estudantil (comunicação e colaboração).

Assim, percebemos que o projeto aproxima não só aqueles que fazem parte da mesma escola, como também rompe fronteiras territoriais, criando vínculos e diálogos possíveis através do compartilhamento de imagens.

III.II.II Semente Cinematográfica:



É uma iniciativa que teve início em 2014 na região de João Pessoa – PB. Desenvolve práticas com o uso do cinema em colaboração com a produtora Pigmento Cinematográfico. Além disso, possui parceiros no desenvolvimento das atividades como: Projeto Inventar com a Diferença (Universidade Federal Fluminense / RJ e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), Cinemateca Brasileira, Tintin Cineclube, Instituto Cultural Beradêro, Cearte – Centro Estadual de Arte e o Grupo de Pesquisa Jornalismo, Gênero e Educomunicação da UFPB.³⁸

No que diz respeito a sua atuação enquanto formação de professores, o projeto fornece cursos de iniciação à pedagogia do cinema em diversos formatos e cargas-horárias. Durante os encontros, o conteúdo é trabalhado em palestras, rodas de conversa, exibição de filmes e atividades práticas, tendo por base os seguintes objetivos:³⁹

- Apresentar diferentes métodos de mediação da aprendizagem através da linguagem do cinema;
- Desenvolver habilidades como a leitura crítica de imagens e a criação fílmica colaborativa;
- Compartilhar experiências, saberes e conhecimentos relacionados ao uso educativo do cinema na escola.

O projeto também atua como colaborador em mostras, consultorias, produções de eventos, laboratórios, ateliers e publicações no âmbito de cinema e educação. Entretanto, como estamos focando no âmbito da formação de

³⁸ QUEM SOMOS. **Semente Cinematográfica.** Disponível em: <http://www.sementecinematografica.com.br/quem-somos/> Acesso em: 25/04/2019.

³⁹FORMAÇÃO DE PROFESSORES. **Semente Cinematográfica.** Disponível em: <http://www.sementecinematografica.com.br/o-que-fazemos/formacao-de-professores/> Acesso em: 25/04/2019.

professores, observamos que os objetivos abarcam toda a comunidade escolar, uma vez que fornece subsídios para os docentes que, ao replicar os saberes em sala de aula, impulsionam seus alunos para participarem das mostras e eventos. Há um diálogo construído a partir da iniciativa da formação dos professores e que se desenrola até a participação ativa de professores e alunos nas atividades realizadas tanto pelo projeto quanto pelas parcerias do mesmo.

III.II.III Imagens em Movimento:

O projeto Imagens em Movimento teve início em 2011 no Rio de Janeiro, inaugurando a participação do Brasil na parceria com o programa internacional “Cinema, cem anos de juventude”, coordenado pelo professor,



diretor e crítico de cinema, Alain Bergala. Sobre o projeto, há realização de oficinas de cinema para estudantes de escolas públicas, cursos de capacitação e eventos de exibição. Já sobre o programa “Cinema, cem anos de juventude”, trata-se de uma criação da Cinemateca Francesa e que engloba 13 países, tendo Alain Bergala como coordenador principal e desenvolvedor dos principais ideais envolvendo cinema e educação:

Bergala criou o programa Cinema: Cent Ans de Jeunesse (Cinema: Cem Anos de Juventude) que envolve turmas das escolas, desde o primeiro ano do ensino escolar (crianças com mais ou menos seis anos) ao último (jovens com mais ou menos 17 anos), de várias regiões da França e de meios sociais contrastantes. Depois o programa expandiu-se para Guadalupe e Martinica, além de países como Portugal, Espanha, Itália, Reino Unido, Cuba e Brasil, atualmente encontra-se em 13 países. (PACHECO, 2017, p.84)

Conforme detalharemos na pesquisa de campo realizada no British Film Institute, que também participa do programa, esse projeto é desenvolvido a partir do mesmo tema em todos os países envolvidos, aonde as atividades e os filmes também são padronizados para todos. Assim, o programa sugere alguns filmes e atividades possíveis para com os filmes, bem como a temática a ser focada. É importante ressaltar que, mesmo dando os moldes para a confecção da imagem, os alunos são estimulados a fazerem escolhas sobre quais elementos devem constar na mesma:

Bergala (2008) acredita que o aluno necessita da experiência do fazer e do contato com o artista, o profissional de cinema, que é entendido como um estranho, o outro dentro do contexto escolar, este passa a ser o elemento positivamente perturbador. O autor acredita que, para que o jovem tenha uma percepção maior sobre o cinema, é necessário mais do que apenas estar em sala de aula a analisar filmes. (PACHECO, 2017, p.86)

Tais valores voltados para a produção são também incorporados no projeto Imagens em Movimento, tais como a realização de filmes-ensaio.⁴⁰ Segundo dados fornecidos pelo projeto, entre 2011 e 2017, foram realizadas 55 oficinas de cinema em escolas públicas do Rio de Janeiro, São João da Barra, Paraty e Belo Horizonte, com a participação de mais de 870 alunos e de 122 curtas metragens produzidos por eles.⁴¹

Além disso, o projeto também apresenta os seguintes objetivos:⁴²

- Despertar o encontro dos estudantes com a arte cinematográfica, desenvolvendo suas capacidades crítica e criadora;
- Oferecer alicerces para que cada estudante possa construir uma linguagem criativa própria;
- Promover um ambiente em que o jovem poderá adquirir cada vez mais recursos para expressar sua percepção sensível;
- Estabelecer uma relação entre professores e alunos capaz de agir no sentido inverso à dinâmica tradicional, regida por uma lógica vertical de transmissão de um saber pré-concebido. Convidamos o aluno a expressar seus próprios conteúdos, transformando-os em histórias e em imagens à sua maneira;
- Criar uma rede de comunicação entre os estudantes das escolas municipais participantes, de forma a diluir fronteiras sociais e culturais entre estas instituições de ensino;
- Transformar a relação dos jovens com o espaço da escola, fazendo deste um local de criação e experimentação, aberto a experiências de autoria e de responsabilidade dos alunos, contribuindo para a diminuição da evasão escolar;
- Promover intercâmbios pedagógicos, artísticos e culturais entre os nossos alunos e os jovens envolvidos nas ações promovidas pelas organizações internacionais parceiras, valorizando a diversidade cultural e estética presentes nas produções audiovisuais desta rede;
- Contribuir para a educação em tempo integral nas escolas da rede pública.

Através dos objetivos, percebemos que os ideais se relacionam com os de outros projetos, no que diz respeito ao encontro dos alunos com o desenvolvimento de suas habilidades, bem como visualizamos seus propósitos alinhados com os

⁴⁰ Segundo Almeida (2017, p.3) o filme-ensaio pode ser pensado como linguagem que mobiliza diversas matérias expressivas e traz ao primeiro plano uma voz reconhecível, uma expressão pessoal. No entanto, mesmo que essa expressão pessoal eventualmente assuma um tom autobiográfico, ela não é confessional, uma vez que o ensaio pressupõe a manifestação de um sujeito que se coloca em abertura para o mundo.

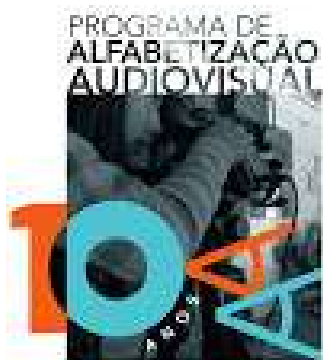
⁴¹ O PROJETO – **Imagens em Movimento**. Dados disponíveis em: <http://imagensem movimento.com.br/o-projeto/#apresentacao> Acesso em: 24/04/2019.

⁴² Ibidem. Disponível em : <http://imagensem movimento.com.br/o-projeto/#apresentacao> Acesso em: 24/04/2019.

pilares de 4Cs:

- Criatividade e criticidade: quando o aluno tem espaço para construir sua própria linguagem, ele estimula seu senso de criador e olhar crítico sobre a imagem que está sendo construída com base em sua vivência cultural e, uma vez que o projeto traz novos filmes e diálogo, sua base é enriquecida e refletida no processo de criação;
- Colaboração e comunicação: há fortalecimento entre os laços de professores e alunos, além da proposta que o projeto salienta no que diz respeito à inversão da dinâmica tradicional, em que o professor direciona seu saber e o aluno o absorve; aqui, o aluno possui liberdade para expressar seus saberes. Além do fato de que os alunos são estimulados a compartilharem suas produções com outros de outras escolas.

III.II.IV Programa de Alfabetização Audiovisual:



O Programa de Alfabetização Audiovisual é uma iniciativa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Cinemateca Capitólio, tendo apoio do Ministério da Cultura do Governo Federal e da Secretaria Municipal de Cultura. Iniciou suas atividades em 2008, com o propósito de exibir filmes para estudantes e professores da educação básica, formações docentes, cursos de extensão universitária, oficinas de introdução à realização audiovisual e mostras de cinema estudantil. Além disso, produz pesquisa, reflexão teórica e publicações na área do cinema, audiovisual, educação e formação de público para o cinema nacional.

Outra ação relacionada ao Programa é o Festival Escolar de Cinema, tendo início no mesmo ano do surgimento do projeto, e tendo já atendido mais de 70 mil alunos e professores das redes pública e privada de ensino. Observamos a relevância do projeto não só pelo alto número de participantes, como também por suas iniciativas como o Kino Clube. No ano de 2019, o Kino Clube vem com a proposta de se colocar como um cineclube escolar, ampliando as exhibições de filmes ao público, além da troca de conversas e de uma programação voltada para o

público infanto-juvenil. O projeto também menciona que oferecerá uma sessão mensal gratuita que será precedida de uma breve apresentação do filme e uma conversa posterior. Com agendamento prévio e com programação especial, o Kino Clube visa acolher grupos escolares em busca da experiência de assistir a filmes na sala de cinema, em consonância com o desejo de expressão e sociabilidade que se firmam no ritual cineclubista que caracteriza o Kino Clube.⁴³

A partir das menções sobre o projeto, percebemos sua relevância de atuação para o Estado do Rio Grande do Sul. Com 11 anos de atuação, o projeto procura ampliar suas atividades, inovando no ano de 2019 com o Kino Clube. Tal atitude proporciona aos estudantes uma nova experiência com o cinema, tendo contato com filmes que usualmente não seriam passados no âmbito comercial e, dá a chance para aqueles que não possuem oportunidades de ir ao cinema. Observamos que todas as ações estão interlaçadas, de maneira que tanto os professores quanto os estudantes são enriquecidos culturalmente e, tal enriquecimento se refletirá nas produções.

III.II.V Cartografia de Imagens: Filme-carta, Formação e Experimentação:



Públicas e ONGs.

Os principais objetivos e atividades a serem desenvolvidas são:

- distribuição de kits de produção audiovisual;
- consultoria técnica e acompanhamento pedagógico;
- cursos de capacitação de professores;
- ateliês de criação cinematográfica com os estudantes;
- estruturação de cineclubes educativos;
- desenvolvimento de metodologias com o objetivo de contextualizar as práticas de cinema na realidade social e educacional na instituição contemplada.⁴⁴

⁴³ KINO CLUBE – Cineclube Escolar. **Programa de Alfabetização Audiovisual.** Dados disponíveis em: <http://alfabetizacaoaudiovisual.blogspot.com/2019/04/kino-clube-cineclube-escolar.html>. Acesso em: 24/04/2019.

⁴⁴ RUMOS ITAÚ CULTURAL – CARTOGRAFIA DE IMAGENS: FILME CARTA, FORMAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO. **Semente Cinematográfica.** Disponível em:

Através dos objetivos listados, percebemos que há uma preocupação em levar aos docentes os subsídios necessários para a continuação das atividades a longo prazo, após o término do projeto. Também podemos refletir sobre o impacto social e cultural que tal projeto pode causar através da estruturação de cineclubes educativos, além de abarcar não somente a formação docente, mas também permitir que os estudantes tenham um espaço de criação cinematográfica.

Além disso, o projeto propõe que ao final das produções haja exibição de todo material em mostras de cinema e educação locais e no I Seminário de Cinema e Educação da Paraíba, com previsão de realização no segundo semestre de 2019. Tal posicionamento reforça a valorização da cultura local, além de incentivar e motivar os docentes e alunos para seguirem produzindo e criando, participando de outros eventos de mostras que impulsionam a produção escolar.

III.II.VI Programa Cinema & Educação:

O programa “Cinema & Educação: a experiência do cinema na escola de educação básica” teve início em 2016, através de uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, sendo formado pelo Círculo de Cultura da Coordenadoria Setorial de Formação/CEFORTEPE – Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional “Prof. Milton de Almeida Santos”.



Conforme publicado em Resolução SME 07/2016, de 28 de março de 2016, p.5, o Programa tem como objetivos:

- I – planejar e coordenar ações que subsidiem os profissionais de educação, na aplicação da Lei 13.006, de 26 de junho de 2014 na Rede Municipal de Ensino de Campinas;
- II – incentivar o desenvolvimento, bem como a divulgação, de estratégias pedagógicas que estimulem a formação de atitudes, posturas e valores que contribuam para uma vida em sociedade na qual todos possam se reconhecer na cultura nacional;
- III – enfatizar o cinema como arte e promotor de experiências estéticas, estabelecendo relações por um lado com a fotografia, com o teatro e também com a música; por outro, com a literatura e a poesia, tomando como referência as vivências cotidianas dos educandos e educadores, além de considerar a especificidade dessa expressão artística no contexto escolar;
- IV – revitalizar e ampliar os títulos do acervo material e digital de filmes de curta e longa duração, para acesso das Unidades Escolares e comunidade;
- V – organizar as formas de acesso e utilização do acervo material e digital

de filmes de curta e longa duração, pelas Unidades Escolares e comunidade;

VI – desenvolver, gerenciar e disponibilizar, para todos os educadores da Rede Municipal de Ensino de Campinas, plataforma on-line para:

- a) sistematização de registros de memória;
- b) divulgação de relatos de experiências, pesquisas e produção de conhecimento, vivenciadas nos diversos espaços formativos;
- c) mediação do fórum permanente de discussão sobre temas educacionais relacionados às exibições e produções de filmes.

VII – revitalizar e ampliar o acervo bibliográfico específico que subsidia a reflexão sobre a educação nas relações que o cinema permite instaurar entre o sujeito e a realidade social, a arte em geral, o conhecimento e a cultura;

VIII – promover intercâmbios, mostras, seminários, encontros, publicações ou outros eventos, que possam oferecer subsídios sobre a temática aos Projetos Pedagógicos das Unidades Educacionais, às propostas e ações dos Núcleos de Ações Educativas Descentralizadas, das Coordenadorias/ Departamento Pedagógico e outras instâncias da SME;

IX – elaborar estudos e propostas visando a progressiva implementação de cineclubes nas Unidades Educacionais da SME, pressupondo-os como espaços de interação de educandos, educadores e comunidade com expressões artísticas do cinema, mobilizadoras de experiências estéticas que promovem a construção de novos sentidos em meio a debates e reflexões sobre produções cinematográficas;

X – propor, organizar e avaliar formação específica para implementação e desenvolvimento do Programa, objetivando impulsionar a construção de conhecimentos teóricos e práticos entre educadores e educandos e integrar diferentes saberes e campos de conhecimentos que possam vir a enriquecer as relações propostas, e

XI – estabelecer parcerias objetivando a qualificação do desenvolvimento do Programa com:

- a) Museu da Imagem e do Som, da Secretaria Municipal de Cultura;
- b) Universidades públicas, em especial com institutos e Faculdades de artes e de educação, cinematecas e centros de estudos sobre o cinema;
- c) cineastas, atores, escritores, poetas, educadores e cinéfilos em geral, e
- d) instituições sociais e educacionais que visem contribuir com o desenvolvimento do cinema na escola.⁴⁵

Assim como o restante dos projetos vistos., também existe uma preocupação em ter as práticas com o cinema nas instituições de ensino a longo prazo, principalmente no que se refere a uma aplicação efetiva da Lei 13.006. Através das estratégias pedagógicas relacionadas à produção docente e estudantil, bem como as expressões artísticas que estas produções podem ter, há uma valorização da cultura e vivência individual, além de influenciar na rotina escolar de ambos (professor e aluno). De maneira que, além de impulsionar a produção, o projeto também vem com a ideia de ampliar o acesso à filmografia nacional através de cineclubes realizados com parcerias da área.

Além disso, o projeto conta com a participação de coordenadores

⁴⁵ OBJETIVOS. **Educação Conectada.** Disponível em: <http://educacaoconectada.campinas.sp.gov.br/programa-cinema-educacao/objetivos/> Acesso em 24/04/2019.

pedagógicos e professores da educação infantil, ensino Fundamental e EJA – Educação dos Jovens, adultos e idosos, além de parceiros como o Grupo OLHO da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Assim que, desde 2016, as oficinas e cursos visam a formação de professores com a perspectiva de inserir o cinema dentro das escolas.

E, uma vez que a pesquisadora desta tese faz parte do Grupo OLHO, foi de nosso interesse a participação neste projeto desde 2016, no qual detalharemos na terceira parte da tese sobre as oficinas aplicadas, bem como as escolas participantes e as principais mudanças ocorridas com e a partir das aulas de formação.

III.III Considerações sobre os projetos de formação de professores no âmbito de cinema e educação

A partir da descrição desses projetos percebemos que há uma valorização em ampliar o significado comum de “cinema”, uma vez que a atividade com o filme é realizada de um jeito que não é apenas o ponto de vista do espectador. Salientamos as preocupações do projeto da Bahia – formação e qualificação em cinema e educação da Pró-Reitoria de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -, por exemplo, e sua abordagem de formação tanto em espaços escolares quanto em comunidades rurais e tradicionais. As ações não se limitam aos docentes, possibilitando que muitas pessoas de diferentes contextos possam ter acesso à filmografia e cultura nacionais, incluindo os próprios estudantes:

A exibição compulsória de filmes nacionais nas escolas de educação básica visa preencher uma lacuna fundamental na formação do educando: o autorreconhecimento em sua cultura local. Por outro lado, é importante ressaltarmos que ver filmes não se resume somente a uma complicada questão de acesso, mas sobretudo de hábitos culturais. (AMÂNCIO; CHALUPE; SALVATIERRA; NÚÑEZ; NOVA; BRAGANÇA; FREIRE, 2015, p. 27).

Essa é a premissa do projeto da Paraíba – Cartografia de Imagens: filme-carta, formação e experimentação – para que os docentes sejam capazes de desenvolver as práticas da formação, propiciando uma inovação no processo de ensino-aprendizagem na escola, considerando que “[...] a reflexão sobre esse valioso processo será parte dos próximos passos que o educador se sentirá apto a enfrentar” (SANTOS; BARBOSA; LAZZARETI, 2015, p. 35). Essas perspectivas

também são compartilhadas pelo projeto de Campinas – Programa Cinema & Educação, do qual participamos. Apresentaremos na terceira parte da tese detalhes dessa experiência, bem como, as transformações observadas na rotina escolar.

O projeto de Porto Alegre – Programa de Alfabetização Audiovisual – contempla reflexões teóricas e publicações na área do cinema e exibições dos filmes para estudantes e professores, reforçando os valores do Projeto de Formação e Qualificação em Cinema e Educação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, uma vez que é rica a variedade de filmografia nacional. A partir de sua contextualização no Festival Escolar de Cinema, o projeto gaúcho se dispõe a apresentar filmes de diferentes épocas e culturas que “[...] permitem se aproximar de incontáveis gêneros, estilos, autores que no seu conjunto garantem a diversidade cultural” (SANTOS; BARBOSA; LAZZARETI, 2015, p. 36).

Temos ainda os projetos do Rio de Janeiro – Imagens em Movimento e Inventar com a Diferença – junto com outro da Paraíba – Semente cinematográfica -, que ilustram iniciativas realizadas por todo o país, que valorizam o contato com a experimentação, com questões sociais e olhares críticos desse mundo social a partir da aproximação com o filme e a produção fílmica. Salientamos que o primeiro possui colaboração de Bergala e, a partir do projeto “Cinema, cem anos de juventude”, percebemos que os valores do autor e do projeto se encontram e se reforçam. Assim que:

Resta-nos acreditar na busca consensual, construída pelo trabalho constante de formação docente, aliada a uma busca constante de melhoria nas condições de exibição e apoiada num amplo e rico repertório de cinema nacional de fácil acesso às escolas, para professores e alunos. Resta-nos acreditar no pacto social que possa, cada vez mais, emergir da obrigatoriedade o prazer e o interesse, e da pluralidade de experiências audiovisuais a construção de um público exigente e interativo. (SANTOS; BARBOSA; LAZZARETI, 2015, p. 38).

Na medida em que observamos a trajetória do cinema e educação no Brasil, percebemos mudanças consideráveis decorrentes da realização dos projetos brasileiros. Graças a essas iniciativas de formação, os professores têm a oportunidade de aprender como aplicar o filme na escola, dependendo de seus respectivos contextos e espaços. A formação contribui para instruir como o filme deve ser utilizado, preocupando-se com a exploração de todo potencial artístico, criativo e colaborativo que a imagem pode proporcionar.

Procuramos deixar claro os fatos concernentes ao uso de celular em sala de

aula e o motivo de ser uma boa alternativa de tecnologia digital, bem como, sua aplicabilidade na produção fílmica. Esclarecemos como o celular pode ser capaz de estimular os 4 pilares presentes na reformulação da BNCC - comunicação, colaboração, criatividade e criticidade - e também a partir da experiência com o filme.

Por fim, chegamos à formação de professores capaz de dar o suporte necessário para que o uso do celular em sala de aula seja efetivado da melhor forma, de maneira que celular, produção e formação não se separam. Há um diálogo entre os três, resultando na promoção de uma dinâmica escolar que explora tanto o potencial de uma ferramenta digital quanto o filme.

Tendo observado a demanda de projetos brasileiros e de parcerias com projetos estrangeiros, como é o caso de Imagens em Movimento, decidimos investigar outras realidades em que o cinema também está sendo aplicado em sala de aula. A ideia central foi trazer algo diferente para o país, adaptando as ideias conforme nossa realidade social e indo ao encontro dos valores dos projetos nacionais, tais como: apresentação do cinema aos docentes como uma forma crítica, sensível e contextualizada e autonomia nas práticas educativas com o uso do audiovisual, contribuindo para a inovação do processo de ensino-aprendizagem da escola.

IV BFI: outras ideias de formação de professores em cinema e educação

No período entre setembro de 2017 e junho de 2018, realizamos a pesquisa de doutoramento no *British Film Institute*, em Londres, com o propósito de investigar outras abordagens sobre o uso do celular na sala de aula. De maneira que nos posicionamos conforme a menção de Godoy (1995), acerca de pesquisa qualitativa:

Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p.21)

Assim, procuramos investigar, quais as atividades propostas para os professores ingleses participantes do projeto Cinema, Cem anos de Juventude através do BFI e quais os resultados obtidos a partir das mesmas. Nossa motivação se deteve nas indagações de “como são realizadas as atividades” e “qual o efeito dessas atividades no contexto de sala de aula”, uma vez sendo o foco da metodologia proposta nesta tese.

Foi considerado que as escolas envolvidas eram do ensino fundamental I e II, e que a somatória dos professores foi um total de 10, responsáveis por diferentes disciplinas e séries escolares do 1º ao 6º ano:

Esta pesquisa se realizou a partir de encontros com os professores e formadores, além do acesso à biblioteca do BFI (BFI Reuben Library), que serviram de suporte para a construção da metodologia proposta nesta tese, além de nos proporcionarem conhecer outras possibilidades para o uso do celular na aprendizagem escolar.

A escolha de realizar a pesquisa no *British Film Institute* (BFI) se deu porque a instituição faz parte do projeto “Cinema, cem anos de juventude”, e pela aproximação com os valores de Bergala, no que diz respeito à análise de criação. Outro fator foi a semelhança com os projetos de formação de professores no Brasil, nos quais os professores são convidados a fazer *workshops* e a replicá-los em sala de aula. Entendemos ser possível aplicar as ideias das oficinas inglesas com os nossos docentes, uma vez que o modelo de formação é semelhante.

IV.I Breve contextualização sobre o BFI

O BFI Southbank foi fundado em 1933, sendo uma instituição de caridade governada por uma Carta Real. Suas atividades combinam diversos papéis culturais, criativos e industriais. O espaço ainda reúne o Arquivo Nacional e a BFI Reuben Biblioteca, oferecendo ao público a chance de conferir filmes, exposições, publicações e festivais.⁴⁶

Assim, percebemos o incentivo da instituição para a incorporação do filme tanto nos ciclos de festivais quanto no meio comercial. O BFI, assim como os projetos brasileiros mencionados, incentiva o contato dos professores com as imagens, uma vez que os jovens e crianças da geração atual são cercados por estes equipamentos no que se refere à informação e ao entretenimento, conforme menciona Sarah Mumford (National Museum of Photography, Film and Television):

Ser alfabetizado no cinema e nas mídias no século XXI é vital. A educação em cinema nas escolas está aumentando o engajamento dos alunos, inspirando a escrita, melhorando o nível de alfabetização e melhorando o comportamento. Em 2018, crianças e jovens recebem grande parte de sua educação, informação e entretenimento por meio de imagens fixas e em movimento nas telas - em telefones celulares, notebooks, ipads, tvs ou cinema⁴⁷.

Assim, uma vez que os valores do BFI convergem com a ideia de inserir o cinema em sala de aula, investigamos como eles o fazem e como poderíamos usufruir de suas ideias. Mark Reid, coordenador de projetos de educação do BFI, ilustra em sua apresentação (slide abaixo)⁴⁸ durante o Bradford Film Education Symposium, o que acontece quando o currículo e o cinema se encontram. Nota-se que as habilidades desenvolvidas não só ampliam a criatividade e a bagagem cultural, como também estimulam valores sociais:

⁴⁶ BFI Southbank. **Geleia Cultural**. Disponível em <https://www.geleiacultural.com/londres/cinema-teatro/bfi-southbank/> Acesso em 23/04/2019.

⁴⁷ “Being film and media literate in the 21st century is vital. Film education in schools is increasing pupil engagement, inspiring writing, improving literacy attainment and improving behaviour. In 2018 children and young people receive much of their education, information and entertainment via still and moving images on screens – on mobile phones, notebooks, ipads, tvs or cinema. Whilst it has always been accepted that being able to read and write was essential to live life to the full as active citizens, never before has the need to be fully media literate too been more important – not least with the plethora of recently coined ‘fake news’ on social media.” (Tradução nossa). MUMFORD, Sarah. **The Benefits of Film Education in Schools**. 13/05/2018. Disponível em: <https://weareive.org/the-benefits-of-film-education-in-schools/> Acesso em: 12/04/2019.

⁴⁸ REID, Mark. Film Literacy in a contemporary landscape. **Bradford Film Education Symposium** 25/03/2019. Disponível em: https://www.slideshare.net/markreid1895?utm_campaign=profiletracking&utm_medium=sssite&utm_source=ssslideview. Acesso em: 25/04/2019.

A NEW FILM-RICH CURRICULUM

Creativity and imagination

Critical thinking

Cultural breadth

Collaboration

Problem solving

Tolerance

Emotional intelligence

Através deste slide, notamos a presença dos 4Cs (criatividade e imaginação, pensamento crítico e colaboração), além de valores que os projetos brasileiros também inserem em seus objetivos, como a amplitude da cultura. Compreendemos que os outros itens citados como: a solução de problemas, tolerância e a inteligência emocional fazem parte da comunicação, uma vez que para o filme tenha êxito em sua finalização, é necessário que haja a construção de um diálogo entre a equipe, desde a formulação da ideia do que vai ser filmado (e como), até a apresentação final para os professores e colegas.

A experiência com a produção fílmica não se limita a uma atividade isolada, demonstrando que todo o processo reforça os elementos citados por Mark, enriquecendo o currículo quando trabalhado junto ao filme. Assim, com a preocupação voltada para a educação e sendo o principal projeto da Grã-Bretanha relacionado ao uso do cinema nas escolas, passaremos a apresentar seus principais programas e realizações, assim como, as ideias pesquisadas em campo.

IV.II Contato com o projeto “Le Cinéma, Cent ans de jeunesse” (Cinema: Cem Anos de Juventude)

O projeto tem abrangência mundial (no qual o Brasil faz parte através do projeto Imagens em Movimento), e atua por meio de temáticas, sendo que no ano de 2017, o tema central foi Lugares e Histórias, no qual as crianças do ensino Fundamental I e II (de 7 a 11 anos) poderiam escolher trabalhar em torno de lugares fictícios ou históricos. Entre o ano de 2017 e 2018 as três escolas inglesas participantes foram: New Wave Teaching School, Ricards Lodge High School e Telferscot Primary School, totalizando 10 professores das escolas, além da presença

de formadores do BFI e do IntoFilm.⁴⁹

Durante os encontros com os professores, Mark Reid, formador do BFI, demonstrou a relevância do diálogo para com os alunos antes da produção fílmica, destacando que mesmo a partir de uma mesma atividade, as imagens seriam diferentes. O quadro abaixo relata a temática⁵⁰, e também ilustra algumas ideias de atividades e filmes sugeridos para a realização:

SAMPLE Cinema Cent ans de jeunesse scheme

2017/18: PLACES AND STORIES

NB: This sample structure for following *Cinema cent ans de jeunesse* is set out assuming the maximum time available – around 90 minutes a week for 25 weeks, between November and May. **BUT IT'S A FLEXIBLE PROGRAMME!** It's possible to follow in the spirit of the programme in a reduced format, maybe in even as few as 8– 10 weeks, an hour a week. The key thing is to make sure some of the watching gets done, following some of the categories for the theme, and carrying out the three 'Exercises' and the final film. How you do it is really up to you. Exercises and Final Film are block shaded below.

Date	Theme	Activities	Possible clips
Week 1	Introductions Places and Stories	Introductory questions about PLACES Clips to introduce key categories of place: Forbidden Places; Memorial Places; 'Otherness'; Revisiting places from the past; AND EXAMPLES: Islands; Gardens and Parks; Boats; Prisons; Libraries and Museums;	Moonfleet; Indiana Jones; Rebecca; Edward Scissorhands
Week 2	Exercise 1: Personal places	Talk about a place that means something to you – maybe teacher/ leader brings photos or video of a place that means something to them. Children briefed to create something at home	Examples of 'places' in previous CCAJ years: Legsby Shadows of the Past Clips of 'Revisited Places'
Week 3	SUGGESTION: Lumiere minute shooting (in pairs)	Introduction to the Lumiere brothers with clips About how we can reveal lots of information about a place by our choice of angle and	Train arriving at the station Workers leaving the factory Lumiere Minutes from BFI Cinematheque Youtube Channel:

⁴⁹ O IntoFilm é uma iniciativa inglesa que realiza formação de professores das escolas de ensino infantil e fundamental I e II, além de organizar mostras e festivais. Disponível em: <https://www.intofilm.org/about> Acesso em: 26/04/2019.

⁵⁰ SAMPLE Cinema Cent ans de jeunesse scheme. British Film Institute, London – UK, 18/10/2017.

		frame – Lumiere Minute about a particular place	https://www.youtube.com/playlist?list=PLIsXkcf1dA9711CbH0gAJKE-jxJyDI3TD	
Week 4	Different types of places	Places where stories happen in film [AND MAYBE IN BOOKS?]: children suggest examples; collect them; do some categorising OR share some photographs or paintings of Places and invite children to imagine stories	Maybe prompt with some clips of Moonfleet [OR OTHER?] OR USE EXAMPLES FROM LITERATURE?	
Week 5	Sound OF PARTICULAR PLACES	Activity based on the sounds of specific places: choose examples that the children will know well. Compare the real sounds of places with the ways in which films give us those sounds.	[just sound] CHOOSE CLIPS THAT HAVE EVOCATIVE SOUNDTRACKS Or invite children to design sounds that would go with places in picture books/ novels or plays	
Week 6	Entrances and exits	Activities around how different kinds of places have specific entrances and exits. Think of the different kinds of entrances and exits there are: Prisons, schools, parks, fairgrounds, football grounds.	Pauline at the Beach Rebecca opening – (both on CCAJ Vimeo channel) Oliver Twist opening (David Lean): 00.00 – 05.00 https://www.youtube.com/watch?v=SUMCPdpkIAQ Lumieres Workers Leaving a Factory/ Mitchell and Kenyon ditto	
Week 7	Exercise 2	Exercise 2: to film a place with attention to the entrance/ exit, and to observe people both/ either coming in or leaving.		

CHRISTMAS

Week 8	Screening: feature film	Screening	MOONFLEET? REBECCA? EDWARD SCISSORHANDS?	
--------	-------------------------	-----------	---	--

Week 9	Places, memory, time passing	Children's experience of places that have changed over time – examples from literature? Are children too young for nostalgia?	Picturebooks?	
Week 10	memorial places	Mindmap different types of Places that help us/ society remember significant events – war memorials eg – maybe with a visit; how are these places used?		
Week 11	Exercise 3:	Film a Place and introduce an element of another time, whether that be the past or the future. This will be mainly, but not exclusively, indicated by the soundtrack, through voice, sounds and music. The sound and the images don't have to be synchronous		
Week 12	Continue Exercise 3	Finish shooting, playback, discuss		
Week 13	Alternative places	Thinking of places which are 'other'; out of bounds; segregated; inhabited by 'others'.	Stig of the Dump The Jungle in Calais Traveller sites Edward Scissorhands	

HALF TERM

Week 14	Final Film Prep:	Make a film where a character brings another character, or characters, into a Place that he knows. The discovery of this place must be linked to an emotional or dramatically significant response for one of the characters. The work explored in the exercises should inform the way that the Place is filmed. The film, including credits, will be between 5 – 8 minutes maximum.		
Week 15	Planning final film			

Week 16	Planning final film			
Week 17	Planning final film			

EASTER

Week 18	Planning final film	Finalising shooting schedule		
19/04	Filming	Contingency date for recording foley / reshoots as necessary		
26/04	Editing	Introduction: editing workshop Editing		
03/05	Editing	Editing		
10/05	Editing (if needed)	Final edit: sound Cutaways if necessary		
17/05	Evaluating films	Reviewing films as a group Evaluation of learning process		
June 22 nd (primary) or 25 th (secondary)	Screening	Screening	Students' films	

Através da tabela, observamos a dinâmica na aplicação do projeto com flexibilidade para a escola em relação ao tempo de aplicação, e para com o aluno, ao modo de construir as imagens. Além disso, estipula atividades para serem desenvolvidas na turma e, tal estipulação é considerado por nós como dispositivos, uma vez que coloca regras na imagética. Concordamos com Agamben que define dispositivo como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2005, p. 13). De maneira que a produção é estabelecida por regras no olhar, em que se estabelece um norteamento sobre deve ser realizada – estabelecimento de algo que é engessado para que o restante se torne livre, único e autêntico.

O projeto também destaca que os filmes (disponíveis no *youtube* ou *vimeo*) dão subsídios para a ideia central do tema. Há no planejamento a indicação para que o professor dialogue com seus alunos sobre o filme, para depois realizar a produção. O formato dessa proposta serviu para a formulação de nossa metodologia, ou seja, estipular ao aluno a temática sem dizer como ele deve fazer,

além de buscar filmes acessíveis na internet, uma vez que a escola pode não dispor de equipamento para DVDs.

IV.II.I Principais ideias de atividades propostas:

Conforme mencionado anteriormente, algumas ideias de dispositivos foram apresentadas para os professores⁵¹ que, assim como idealizamos, deve servir como uma regência da imagem, mas sem interferir nos elementos escolhidos pelos alunos. E, em meio a esse dispositivo que possui um tema estipulado pelo projeto Cinema, Cem anos de juventude, são desenvolvidas as habilidades que impulsionam a criatividade, a comunicação entre o grupo e o professor, a amplitude cultural e a tolerância e empatia ao ter que colaborar dentro de um trabalho em grupo.

Exercise 1

This exercise is to be performed individually or in pairs, outside of school hours if possible:

Share a Place with us that is important to you. Take 3 or 4 photos, or between 1 & 4 shots of the space (2 minutes maximum). Try to find ways to convey the sensation that this Place creates. The space should not have any fictional characters in it.

A ideia deste exercício é a primeira aproximação do aluno com a câmera, podendo escolher entre a fotografia ou filmagens curtas. Observamos que o dispositivo determina um número máximo de imagens e o tempo máximo do filme. Tal delimitação estimula a criticidade do aluno, que deve fazer escolhas sobre quais fotografias ou quais filmagens apresentar. Além disso, o exercício exacerba a bagagem cultural, uma vez que o aluno deve refletir sobre um lugar especial e transparecer o motivo dessa unicidade. E, na exteriorização do sensível, os alunos trocam entre si suas experiências únicas, fortalecendo laços de coleguismo e amizade.

⁵¹ SAMPLE Cinema Cent ans de jeunesse scheme. British Film Institute, London – UK, 18/10/2017.

Exercise 2

To be performed by a small group: Choose a location and film how you enter in to this Place. Film the space before it is entered in to and the moment it is entered in to. **The film must last a maximum of 2 minutes.** If possible the location chosen should be one of the Places identified in exercise 1.

Dispositivo de entrada e saída de um lugar, após filma-lo externamente. A ideia central é a perceptividade deste local através de diferentes pontos de vista. Novamente o aluno é estimulado criativamente, uma vez que ele deve enxergar esse local inicialmente corriqueiro, sob um novo patamar e pelo filme, ele cria novos olhares de um lugar conhecido.

Exercise 3

To be performed by a small group: Film a Place and introduce an element of another time, whether that be the past or the future. This will be mainly, but not exclusively, indicated by the soundtrack, through voice, sounds and music. The sound and the images don't have to be synchronous. **The film must last a maximum of 2 minutes**

Dispositivo temporal: passado ou futuro. Aqui, o aluno deve usar elementos que remetam a um período deslocado do presente, podendo ser (ou não) através de sons.

É interessante observar que o exercício também tira a necessidade de sincronicidade entre som e imagem, uma vez que a parte de edição pode não ser possível de ser feita. Isso possibilita maior liberdade de criação para o aluno, que deve construir, a partir de sua criatividade, uma visão sobre o lugar fora de seu tempo.

Assim, nas três atividades vimos que há ressalva para os seguintes pontos:

- Consideração da temática como sendo uma prática de contar histórias, envolvendo o local da filmagem;
- Noções, através da imagem, sobre onde a história se passa;
- Procuraram evitar a influência do cinema hollywoodiano, optando por filmes curtos que desenvolvam a criatividade através dos dispositivos;
- A criticidade do olhar é desenvolvida a longo prazo, mas não colocada como prioridade, buscando evidenciar a opinião dos próprios alunos na construção da imagem;
- Colaboração e comunicação: valorização do trabalho em grupo.

IV.II.II Feedback dos professores ingleses participantes do projeto: resultados obtidos com os alunos

No dia 9 de março de 2018, foi realizado um encontro no British Film Institute, previsto pelo cronograma do projeto Cinema, Cem anos de Juventude, com os 10 professores das 3 escolas participantes, no qual eles mencionaram quais os principais resultados obtidos com as atividades propostas.

Participar dessa reunião foi importante para termos ideia das reações dos alunos diante da temática, bem como observar a variedade de ideias propostas por eles através dos dispositivos de cada exercício.

Exercício 1:

Ideia principal: lugar especial.

- Observaram que as escolhas dos ângulos de filmagem nem sempre foram conscientes;
- Quando aplicado a uma turma de pequenos (até 8 anos) as fotografias foram substituídas por desenhos, usando um sistema de *slides*;
- Ressaltaram a importância de uma sentença escrita junto ao desenho.

Em razão de muitos alunos terem optado por filmarem seus próprios quartos, os professores conduziram a discussão pelos moldes da produção, evitando

constrangimento de qualquer ordem, uma vez que há exposição pessoal do aluno.

Exercício 2:

Ideia principal: entradas e saídas dos lugares.

- Uso de *storyboards*⁵² como apêndice;
- Criaram uma narrativa a partir de um lugar existente;
- Escolha de P&B com propósito de representação (tempo antigo ou memória) e como justificativa que traz sentido ao filme;
- Escolha de uma trilha sonora que reforça a condução da narrativa;
- Observou-se que alguns alunos fizeram uso da câmera em primeira pessoa, como também o uso do *travelling*⁵³;
- Tentou-se dar espaço para a repetição: filmar – olhar – repetir;
- Concepção de início, meio e fim;
- Evidências culturais transmitidas pela imagem.

Exercício 3:

Ideia principal: antes e depois

- A maioria optou por trazer um discurso de flashback – de como o lugar era e de como está atualmente.
- Lugar histórico;
- Alguns alunos usaram materiais de arquivo como fotos e sons, que remetiam ao que o lugar era, misturando com imagens atuais;
- O “antes e depois” foi ampliado com histórias baseadas em “me lembro quando... e agora”, ou seja, com situações de cunho pessoal;
- Num outro aspecto foi explorado por noções de geografia e química – disciplinas que envolvam um fenômeno de transformação;
- Alguns alunos fizeram uso de voz *over*⁵⁴ para explicar o que aconteceu ou para explicar o fenômeno-mudança;

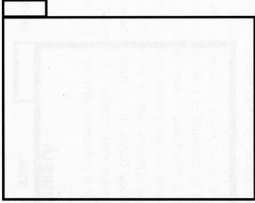
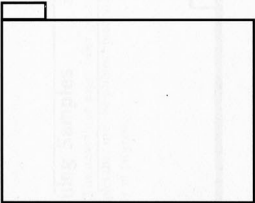
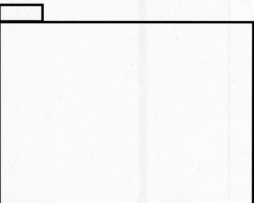
⁵² *Storyboard* é uma ferramenta em que o aluno pode ilustrar (desenhar) em quadros a cena, com o objetivo de pré-visualizá-la.

⁵³ No *travelling* a câmera acompanha o personagem, seja na mão do operador ou em um carrinho.

- Outra situação observada foi a lembrança de alguém que havia sido uma companhia – ilustrada por uma imagem em P&B, remetendo tanto ao passado quanto a sentimentos de saudade ou tristeza;
- Sonho: construção de uma história e ao final revelar que era um sonho.

A partir dessas atividades, observamos que algumas produções mesclaram conteúdo curricular (história, geografia, química, gramática) à produção fílmica. Ainda assim, é importante ressaltar que os professores não impuseram o conteúdo da imagética, apresentando apenas o tema central.

Pelo *storyboard* abaixo, percebe-se a preocupação com o desenvolvimento da parte escrita. Mesmo que a atividade gire em torno do filme, os professores destacaram que o aluno foi incentivado a escrever, uma vez que as atividades se dirigiram também às crianças a partir do Fundamental I, momento em que estão em processo de alfabetização.

SCENE _____		PAGE _____	
SHOT #	SHOT #	SHOT #	
			
ACTION _____	ACTION _____	ACTION _____	
DIALOGUE _____	DIALOGUE _____	DIALOGUE _____	
FX _____	FX _____	FX _____	

Os alunos detalharam os principais elementos da cena com pequenas sentenças. Assim, além de estimular a escrita, o professor pôde trabalhar também a parte gramatical, por exemplo, substantivos, sujeitos e pronomes. A ideia foi que o aluno não sentisse a atividade como uma imposição, mas que por meio de uma produção fílmica, que ele também desenvolvesse a escrita.

⁵⁴ Ramos (2008) define como voz over uma fonte que está fora-de-campo e que tudo sabe a respeito do que é exibido na tela. RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac/SP, 2008. 447p.

IV.II.III Final do projeto - considerações

Ao final do período, no dia 25 de junho de 2018, realizou-se uma reunião com as escolas participantes, bem como seus respectivos alunos e produções filmicas. Foi interessante observar que todas as escolas partiram de um mesmo protótipo, ou seja, todas se valeram dos mesmos motivos para as atividades e desenvolveram filmes completamente diferentes. Percebeu-se que isso reforça a ideia da variedade na criação de filmes, além da interação com os princípios de compartilhamento, cooperativismo e confraternização.



Com a mesma concepção da atividade filmica realizada em diferentes escolas com as mesmas séries e idades de alunos, foi notável a riqueza de olhares e contextos a partir de um único tema. Essa experiência nos incentivou a formular uma metodologia que, partindo de uma única premissa, pode apresentar diferentes olhares, filmes e experiências.

Com a trajetória construída até aqui, em que conhecemos as razões dos projetos brasileiros ou britânicos, que têm em comum a crença de que a produção filmica estimula fortemente a criatividade do aluno, bem como, o prepara para as habilidades do século XXI. E, à frente dessa movimentação de saberes está o professor, como um guia que aprende diariamente com seus alunos. De maneira que concordamos com os dizeres de outro guia do BFI para professores, *Look Again!*⁵⁵, quando diz que:

Os professores devem fornecer contextos ricos e variados em que os alunos podem gerar e ampliar ideias, sugerir hipóteses, usando a imaginação e procurando alternativas para os resultados. Na escola, os jovens alunos podem fazer progressos significativos para se tornarem criativos com a tecnologia de comunicação, compreendendo os significados essenciais dos textos visuais, trabalhando para produzir suas próprias imagens, analisando criticamente uma gama de textos e aprendendo, vitalmente, a mudar de uma tecnologia de comunicação para outra. (LOOK AGAIN, 2013, p. 5).

⁵⁵ A teaching guide to using film and television with three to eleven-year olds. **BFI Education**. Disponível em: <https://www.bfi.org.uk/sites/bfi.org.uk/files/downloads/bfi-education-look-again-teaching-guide-to-film-and-tv-2013-03.pdf> Acesso em: 26/04/2019.

O que levamos dessa pesquisa é o foco na alfabetização de alunos do Fundamental I. A partir de ferramentas como o *storyboard*, percebemos que os alunos são incentivados a praticarem a escrita, o que pode estimular a alfabetização nas séries iniciais. Entretanto, mesmo que os professores coloquem essas intenções predefinidas, compreendemos ser importante que os alunos não encarem como algo engessado.

IV.III Frameworks do BFI: outras fontes de ideias

Durante nossa pesquisa, tivemos acesso à biblioteca (BFI Reuben Library), e aos *frameworks* do British Film Institute - BFI, podendo investigar os livros utilizados pelos professores e seus respectivos objetivos. Esse material serve como “guia” para que os professores utilizem o filme em sala de aula de maneira prática, elucidando como fazer isso, além de oferecer dicas sobre filmes para cada disciplina.

Segundo um desses guias, “Moving Images in the Classroom” (2013, p. 5)⁵⁶, o filme pode ser aplicado em todas as partes do currículo escolar. O livro se propõe a exemplificar cada disciplina, explicando porque o filme contribui para o conhecimento:

Inglês (língua nativa) → a partir de filmes nacionais com narrativas e personagens, o aluno observa a sua língua materna em diferentes contextos, podendo contribuir para o estímulo da escrita e da leitura a partir da escuta e da visualização. Além disso, quando a narrativa é clara, o aluno tende a escrever/ler/pesquisar narrativas semelhantes, estimulando sua autoconfiança.

História → O cinema e a televisão são importantes fontes primárias de evidências sobre a história do século XX, assim, os tratamentos fictícios e os documentários de eventos históricos anteriores precisam ser considerados como exemplos de historiografia;

Geografia → o filme é amplamente utilizado como representação de espaços geográficos, assim, os alunos precisam ser capazes de avaliar qual é seu espaço de

⁵⁶ **Moving Images in the Classroom**: film education a secondary teacher’s guide to using film & television. Disponível em: <https://www.bfi.org.uk/sites/bfi.org.uk/files/downloads/bfi-education-moving-images-in-the-classroom-2013-03.pdf> Acesso em: 12/04/2019.

pertencimento, evidenciando elementos sobre os povos e os lugares;

Música → Os alunos podem explorar a música para compreender ou resignificar as imagens visuais, podendo combiná-las com a finalidade de anunciar gêneros ou emoções que gostariam de transmitir através do audiovisual;

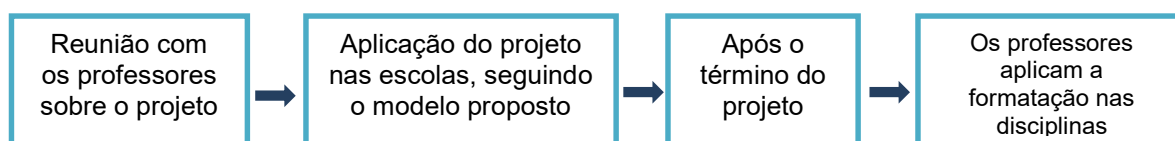
Artes → O mundo da Arte reconhece cada vez mais as artes do tempo, como o filme e o vídeo, ampliando as oportunidades de ver e de se expressar artisticamente através deles;

Línguas estrangeiras → mídias como *youtube* e *vimeo* possibilitam o acesso a filmes de origem estrangeira, contribuindo para o contato dos alunos com o cinema fora do circuito comercial;

Ciências → Os alunos podem explorar com mais facilidade os temas de aprendizado na área de Ciências, através de imagens em movimento, do que por meio de diagramas ou material impresso. Além disso, existem vários canais no *youtube* que desenvolvem a temática de ciências, e por acessarem a plataforma com regularidade, os alunos já estão familiarizados com a linguagem audiovisual;

Cidadania → A partir dos filmes, os alunos podem refletir como o cinema contribui para a formação de pensamentos sobre grupos sociais e ideias políticas, da mesma forma que contribui para a desconstrução dos mesmos.

Correlacionando essas disciplinas com o “Cinéma, Cent ans de jeunesse”, montamos o gráfico abaixo para melhor observar como se dá a trajetória a partir da aplicação do projeto e os procedimentos a longo prazo em sala de aula:



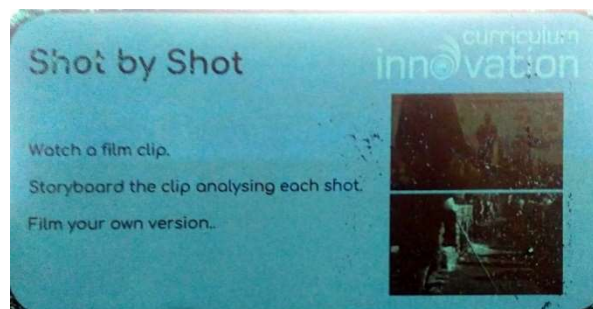
Frisamos a questão das disciplinas, uma vez que em nossa metodologia incorporamos o currículo à produção, concentrando o foco em instigar o filme dentro da sala de aula, fazendo parte da rotina escolar. Os *feedbacks* dos professores também serviram para termos noção do efeito gerado nos alunos, sempre observando que deve existir liberdade de produção, mesmo havendo planejamento docente. Por exemplo: peguemos o *card* abaixo, disponibilizado em

em um dos *workshops* de formação dos professores realizados pelo IntoFilm:⁵⁷

Shot by shot:

- Assistir a um clipe de vídeo;
- Escrever um *storyboard* sobre o clipe, analisando cada tomada;
- Filmar sua própria versão.

OBJETIVO: estimular a construção de pequenas sentenças a partir do clipe existente e estimular a produção fílmica original a partir daquilo que foi escrito.



Esse modelo de atividade estimula as crianças a escreverem frases curtas a partir da visualização de um clipe e com a construção do *storyboard*.

Sobre os verbos:

O QUE NÃO FAZER: determinar quais verbos devem usar;

O QUE FAZER: determinar quantos verbos devem usar.

Sobre a narrativa:

O QUE NÃO FAZER: impor aos alunos que as sentenças precisam ser exatamente de acordo com o clipe;

O QUE FAZER: deixar que os alunos ilustrem de forma livre, demonstrando criativamente sua visão sobre o clipe.

Destacamos o fato de que os alunos assumem o controle de sua produção, conjugando valores a partir da escolha dos verbos (criticidade), do que querem que conste na imagem (criatividade), da apresentação do tema para os colegas (comunicação) e do apoio do professor como um mentor que o guia (colaboração).

Conhecendo os valores dos projetos brasileiros, somados à pesquisa de campo realizada no BFI e à nossa experiência como formadora no projeto Cinema & Educação da prefeitura municipal de Campinas (detalhada na terceira parte), partimos para a construção de uma metodologia para ser usada em sala de aula.

⁵⁷ No dia 24 de novembro de 2017, participamos do workshop THE FILM LITERACY 2017 PROJECT, realizado pelo IntoFilm em The Innovation Centre Bradford, na cidade de Bradford-UK.

PARTE III:

O cinema na sala de aula: a prática

A prática extrapola os dizeres. Apresentar os principais resultados nos dá não somente o respaldo para comprovar os benefícios do cinema para a educação (e vice-versa), como também apresenta a experiência, o efeito do contato com a produção fílmica, e suas repercussões nas paredes da escola.

V Construção de uma metodologia de cinema e educação para ser usada em sala de aula:

Nossa jornada envolvendo o cinema em sala de aula começou em meados de 2015, quando realizamos o curso Estudos em Educação Visual: Imagens e Educação, pela Extecamp⁵⁸. Ao termos contato com os valores do curso, tais como: experimentação e práticas de cineclube (debates), percebemos que muito poderia ser feito para ampliar o leque de aplicação do filme em sala de aula. Assim, com a proposta dos realizadores em aplicarmos na prática tudo que estávamos aprendendo, começamos a idealizar uma metodologia que pudesse ser compreendida por qualquer docente e aplicada na prática do cotidiano escolar.

Na época estávamos atuando junto a uma ONG para crianças e jovens da periferia de Campinas e o desafio do curso foi a aplicação da dinâmica de câmera parada com o estilo dos irmãos Lumière. A proposta foi feita para as crianças de 9 a 11 anos, e para os adolescentes de 12 a 14 anos. Tanto um grupo quanto o outro realizaram filmagens da comunidade, da saída da escola, do momento de brincadeira de seus vizinhos. A reação dessa atividade foi não somente a novidade de produção para aquelas crianças, como também a participação delas na I Mostra Kino de Campinas.⁵⁹

A partir desse momento houve o estalo para o aprofundamento de como poderíamos fazer uso do filme para estimular aprendizagens que são obrigatórias no currículo escolar, aqui com enfoque na educação infantil e fundamental I. Ao vermos crianças de 8 e 9 anos tendo intimidade com a câmera, procurando imagens para ilustrar algo que queriam dizer, percebemos que tanto a sensibilidade quanto a criatividade também deveriam ser exploradas por vertentes educacionais.

De maneira que, a partir do ano de 2015, nos detivemos em participar de eventos, circuitos de palestras e workshops que se propusessem a discutir como o cinema poderia estar presente das mais diferentes formas na escola.

Em 2016 ingressamos no Grupo OLHO da Faculdade de Educação da UNICAMP com o propósito de aprofundar a discussão sobre os vieses que o filme

⁵⁸ Curso de extensão realizado pela EXTECAMP, no período de 18/09/2015 a 27/11/2015, com carga horária de 60 horas.

⁵⁹ Arte e cinema: adolescentes da OSSJB participam da 1ª Mostra Kino Campinas. Disponível em: <http://www.salesianos.com.br/arte-e-cinema-adolescentes-da-ossjb-participam-da-1a-mostra-kino-campinas/> Acesso em 17/04/2019.

poderia ter em sala de aula. Uma vez sendo o foco de pesquisa do grupo, encontramos docentes e discentes nas mais variadas áreas e ideias sobre como o cinema e a escola poderiam se encontrar.

Assim, ao ingressar no Grupo Olho mudou não somente nossa rotina com reuniões, como também contribuiu para que exercitássemos com frequência reflexões sobre a construção de uma metodologia. Tal foi o desafio apresentado quando o grupo se propôs a realizar uma parceria com a prefeitura municipal de Campinas, aplicando a partir de 2016 o projeto “Cinema & Educação: a experiência do cinema na escola de educação básica”. A partir do projeto seriam realizadas oficinas com as escolas municipais, apresentando ideias de como usar o filme na escola e formando professores para que pudessem replicá-las com seus alunos.

Podemos afirmar que tal trajetória foi de suma importância para a reflexão, construção e aplicação da primeira ideia de metodologia, sendo o programa municipal decisivo para que isso pudesse acontecer. As menções teóricas de Bergala, Fresquet e a pesquisa realizada no BFI contribuíram para o fortalecimento de nosso ideal mas, foi a partir do Grupo Olho e deste projeto que pudemos, de fato, nos debruçar sobre a realidade de uma escola e configurar nossos objetivos de acordo com a experiência prática.

V.I Oficinas formuladas:

A construção das oficinas se baseou na Lei 13.006 e nos 4 Cs, priorizando o filme sem estar na posição de um “tapa-buracos” dentro do currículo, ou apenas exibido, sem qualquer exploração de seus potenciais. Logo, apresentamos a relevância da aplicação da oficina na cidade de Campinas-SP, mediante as dificuldades encontradas, como:

- influência de abordagens baseadas nos efeitos negativos do cinema, como o divertimento, que tendem a bani-las da educação por falta de interação entre a aprendizagem racional e lúdica;
- falta de espaço na escola para um acervo de filmes nacionais;
- falta de acesso do professor aos materiais audiovisuais necessários;
- falta de estímulo da própria escola para a aplicação de um projeto que envolva cinema e educação.

Assim, vimos nessa oficina a possibilidade de uma capacitação para os

professores que desejassem atenuar tais lacunas como maneira de aprimorar não só sua atuação como docente, como também seu próprio crescimento intelectual. Uma vez que tais possibilidades tornam-se intrínsecas, o docente produz a partir daquilo que a Lei proporciona, estimulando seus próprios alunos no sentido artístico-criativo, produzindo novas metodologias de aprendizagem a partir do currículo vivido.

Entretanto, mesmo quando a escola assume a postura de incorporar os preceitos da oficina, outros obstáculos podem surgir, interferindo na dinâmica do procedimento educativo. De tal forma que também procuramos com essa oficina estimular o professor a ultrapassar os seguintes desafios:

- A escola preservar um acervo de filmes alternativos aos de cinema de consumo, estimulando o acervo de filmes nacionais para que os alunos possam ter autonomia de ver e rever um filme e ter acesso com mais facilidade;
- O professor deve promover encontros dos alunos com filmes que os alunos não estejam habitualmente acostumados – para que haja conhecimento amplo não só de gêneros, como também de distintas construções narrativas;
- O professor deve utilizar o filme de forma séria, criativa e prática, para que o aluno não veja tal atividade apenas como uma espécie de escape da aula convencional.

Também temos noção do surgimento de elementos de cunho político que podem interferir no desenvolvimento desse tipo de atividade, dificultando a aplicação de um projeto escolar e o aperfeiçoamento do mesmo a longo prazo. De qualquer forma, a aplicação das oficinas procurou ampliar as possibilidades metodológicas a partir de um contato com produção nacional de filmes, contemplando uma interação entre a educação e o cinema brasileiro.

Assim, nos detivemos em possíveis dispositivos por meio de filmes que pudessem despertar o interesse pela aplicação de atividades em sala de aula, já que “o gosto pelo cinema não pode ser ensinado” (FRETAS, 2015:93). Defendemos ainda a ideia de que a possibilidade de realização de oficinas pode provir não só algum conhecimento acerca do audiovisual, como também incorpora uma inovação capaz de ser aplicada no currículo vivido, de maneira que o cinema e a escola mesclam-se sob o mesmo ambiente e tramitam sobre a aprendizagem, aplicando na prática a Lei 13.006 “tanto na preparação para a docência, como no trabalho continuado na escola” (FRETAS, 2015:96).

Acreditamos que ao experimentar o dispositivo, tanto os professores quanto os monitores poderão replicá-los em sala de aula com seus alunos, criando uma cadeia de experimentações que não se findam nas oficinas de formação docente, tampouco que fazem uso do filme como algo exclusivamente ilustrativo. Assim, no decorrer das reuniões com o Grupo Olho, foi estipulado o formato que a oficina deveria ter, bem como o período de aplicação da mesma.

Logo, nossa primeira ideia foi desenvolvida da seguinte forma:

V.I.I Oficina de *Film Literacy* – Primeira aposta

Proposta principal: O objetivo principal é o estímulo do “fator-experiência”, ou seja, a partir do ato de experimentação do aluno, chegamos ao despertar do conhecimento sem que o professor imponha diretamente o que o aluno precisa “ver”. De tal forma que aqui trabalharemos com curtas-metragens brasileiros que, embora sejam de cunho independente e de baixa produção, permitem a dinamização no uso das novas tecnologias, no caso fazendo uso do Youtube⁶⁰, além do fato de nenhum ultrapassar 10 minutos (com recortes da introdução e créditos) e serem capazes de ilustrar o que se propõe.

A ideia é que o curta seja possível de se ver inteiramente em sala de aula, e aí a ênfase em sua curta duração, para que o aluno veja o trecho que venha a lhe “despertar” o olhar e o fator-experiência, e, em uma segunda leitura do filme, com o curta inteiro apresentado, haja uma ressignificação do primeiro olhar.

Aula 1: Como o filme se constitui

Proposta: Noções básicas de uma narrativa: tomada, plano e cena.

Atividade com filmes: Vimos os primeiros 15 segundos do curta-metragem “Suspiros e café”, de Gabriel Dib e Diogo Senhoroto.

Discussão: Os planos foram contados juntamente com os alunos, logo após uma conversa sobre o que se tem de ideia de um plano e uma cena. Aqui, o enfoque foi em deixar o grupo se manifestar, sem apresentar uma resposta pronta sobre esses elementos técnicos.

⁶⁰ Alguns outros sites que possuem curtas brasileiros e que podem ser utilizados quando há internet disponível são: <http://portacurtas.org.br> com mais de 1.348 filmes e <http://curtaocurta.com.br>, com 819 filmes no acervo.

Dispositivo: Em grupo, foi feito um filme de 1 minuto, no máximo, com planos de 5 segundos, resultando em um total de 12 planos, remetendo a um único cenário.

Releitura: Após a discussão, mostramos o filme inteiro (8:00), com a ideia de ver como os diferentes planos se encaixam na narrativa e geram a sequência no filme.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-o6_slhra-U

O primeiro contato nesse momento se configurou como a aproximação com a linguagem audiovisual em termos técnicos. Além disso, a ideia também era apontar para os professores como se dá a fluidez de uma cena, mesmo que tenha inúmeros planos. Uma vez que outros produtos audiovisuais como novela também possuem essa configuração, tentamos aproximar algo da rotina dos professores para conectar ao conteúdo.

A ideia de apresentar esse trecho também se relacionou aos conceitos de plano e contraplano⁶¹ mas sem colocá-los em uma análise técnica detalhada, já que devido ao tempo de cada aula, não poderíamos nos deter nessa questão. Vale ressaltar que, mesmo ilustrando tal conceito, este poderia ou não ser usado na atividade prática, uma vez que o dispositivo se deteve ao tempo final de filme e o número final de planos. Por fim, após a produção, poderíamos discutir quantas tomadas foram realizadas para o plano correspondente e o porquê das escolhas de determinadas cenas.⁶²

Aula 2: Filme e música

Proposta: Evidenciar a música na criação de humor, atmosfera e sentido no filme.

Atividade com filmes: Vimos o trecho do curta-metragem “A Galinha ou Eu”, de Denízia Moresqui, entre 4:20 e 4:42. Houve uma edição de nossa parte, com diferentes trilhas musicais para a mesma imagem, fazendo variar a atmosfera da cena conforme a música.

Discussão: questionar como a música gerou diferentes significados para a mesma imagem.

Dispositivo: Em grupo, realizou-se um plano para um som. Foram disponibilizados

⁶¹ Se refere ao método de vai e volta muitas vezes usado para conversas. HUNT, Robert; MARLAND, John, RAWLE, Steven. **A linguagem do cinema:** coleção fundamentos de cinema. 2013, p.153

⁶² Explicações utilizadas: plano: sucessão de imagens sem interrupção; tomada: quantas vezes se dá a repetição do mesmo plano; cena: local onde as imagens acontecem.

3 sons, gerando 3 planos. Esses sons atuaram ou não como música diegética.⁶³

Releitura: Após a atividade, vimos o filme inteiro (10:00) e como a música contribuiu para o contexto e gênero do curta.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YG6Qmh9jRA0>

A segunda aula repete a ideia da primeira, focando em um aspecto que não se distancia dos produtos audiovisuais que fazem parte da rotina pelos professores. Tal escolha se deve ao intuito de aproximar elementos já conhecidos (como a trilha sonora), para uma discussão que se conecta à criatividade e cultura do grupo. Além disso, também se falou sobre o que se tem noção de trilha sonora, uma vez que é facilmente confundida com “a música de um filme ou novela”, conforme destaca Carrasco (2010):

O conceito de trilha sonora é amplo e, quase sempre, usado equivocadamente em nosso cotidiano. Normalmente as pessoas usam o termo trilha sonora para se referir à música de um filme, ou de uma novela, por exemplo. Tecnicamente falando, trilha sonora é todo o conjunto de sons de uma peça audiovisual, seja ela um filme, um programa de televisão ou um jogo eletrônico. Ou seja, a trilha sonora não se limita à música, mas compreende também todo os outros sons presentes nessa peça audiovisual. (CARRASCO, 2010, p.1)

Assim, além de reforçarmos que trilha sonora é todo o som presente na imagem, também destacamos que o intuito de “brincar” com diferentes sons (editados) para a mesma cena do filme, foi o de elucidar que, primeiramente, não há um “som certo” para uma cena e que, mudando o som, eu mudo o contexto e humor intencional. Chamamos de “brincadeira” porque nenhum som apresentado era, de fato, o original do filme, reforçando aos professores a ausência de uma preocupação sobre erros ou acertos.

Além disso, é crucial o diálogo sobre como os sons interagem com a imagem, mesmo indiretamente. Acreditamos que ao falar sobre o que foi visto e sobre a opinião de cada um sobre a imagem, há estimulação sobre quais elementos se poderia ter na atividade prática e como os sons poderiam ser utilizados, sempre com o propósito de reforçar o elemento da comunicação.

Por fim, o dispositivo aqui foi elucidado como 3 sons para 3 diferentes planos. A ideia central foi de apresentar à turma as diferentes possibilidades de imagens,

⁶³ Apresentamos o conceito de música diegética como sendo o som que conseguimos enxergar e apontar sua origem, participando diretamente com os envolvidos na imagem.

partindo dos mesmos sons estabelecidos aos grupos, mas que norteariam diferentes interações, narrativas e contextos.

Aula 3: Cinematografia – Usando a câmera de diferentes formas

Proposta: Evidenciar alguns tipos de ângulos

Atividade com filmes: Vimos o trecho de 0:25 a 1:24 do curta-metragem Solidão, de Wallace Siqueira.

Discussão: Como a câmera atuou sobre a matéria – personagens – e lugar.

Dispositivo: Realizar dentro de um mesmo espaço um plano aberto, um plano médio e um plano fechado, fazendo com a câmera atue de diversas formas.

Releitura: Após a atividade, vimos o curta inteiro (5:20), observando como o uso dos diferentes ângulos influenciaram na temática do filme.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OOp0QFAnTS4>

As duas aulas iniciais foram projetadas para estimular a comunicação e a colaboração entre os colegas, bem como a quebra de receios em fazer uso do celular no que diz respeito à falta de familiaridade com os recursos da câmera. Assim, a partir da terceira aula, já com algumas dúvidas sanadas (posição do celular para filmar e local de arquivo no celular depois da filmagem), procuramos nos deter em 3 tipos de enquadramento no que se refere aos ângulos⁶⁴, não nos aprofundando em suas variações:

O posicionamento do participante representado como próximo ou distante do leitor pode criar uma relação que varia entre níveis de maior intimidade, de vínculo apenas social ou de maior impessoalidade. Essa disposição do participante, estabelecendo tais relações, é realizada por meio do tipo de plano escolhido para captar a imagem: plano fechado – (íntimo), plano médio – (social) e plano aberto – long shot (impessoal). (NASCIMENTO; BEZERRA; HEBERLE, 2011, p.540)

De maneira que a ideia central dessa atividade foi de estimular a criatividade e subjetividade do sujeito ou do objeto. Assim, o desafio se encontrou na formulação de uma produção com diferentes planos, estimulando a criticidade de escolhas dos respectivos planos e da criatividade em fazê-los na composição do filme, conforme decisão do grupo sobre que tipo de aproximação se teria para com o objeto.

⁶⁴ O plano aberto foi explicado como sendo bem distante do objeto principal, mostrando todo o ambiente; o plano médio foi colocado como se tendo uma visão média do objeto principal, mas mostrando um pouco ainda do ambiente; plano fechado foi explicado como estando a câmera bem próxima do objeto, sem mostrar o restante do ambiente.

Aula 4: Cinematografia – A Luz

Proposta: Evidenciar um pouco sobre a luz do filme e como isso influencia na atmosfera que se deseja transmitir ao espectador.

Atividade com filmes: Vimos os primeiros 3 minutos do curta-metragem “Contágio”, de Rafael Nani.

Discussão: questionar sobre o que está sendo visto, e como o olho da câmera distancia o olhar à fabricação de um olho, que neste caso está sendo agenciado por uma fonte de luz. Aqui, a imagem é formada devido à luz artificial que obriga a câmera a ver em forma de cone.

Dispositivo: Em grupo, realizou-se diferentes filmagens com tipos de iluminação ou remetendo a cores claras e escuras que possuíam significado simbólico.

Releitura: Vimos o curta-metragem inteiro (7:54) e como a escolha de luminosidade influenciou para a atmosfera e clima do filme.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v= H1RIAERcA>

A terceira e a quarta aula se detiveram em elementos técnicos, procurando refletir como a criticidade interage na criatividade de escolhas perante o dispositivo. Aqui, a luz foi a temática central da atividade prática:

Sem a luz não há imagem. Mas no cinema, assim como na fotografia e, antes disso, como nas artes plásticas, a luz desempenha um papel de construção de atmosferas, de modulação de climas emocionais, e como delimitadoras (onde o mostrado e o não mostrado constroem sentido). (AS CORES E A LUZ NO CINEMA – IAR – Unicamp, 2018, p.3)

Assim, o principal objetivo desta aula foi elucidar como a luz age diretamente na maneira como o olho da câmera atua, uma vez sendo a luz da câmera a única fonte luminosa na imagem. De maneira que o principal objetivo do dispositivo foi a experimentação de como o olho humano é guiado pelo olho da câmera, e como isso se atrela nas escolhas daquilo que se quer mostrar para o espectador. As escolhas de luz e escuridão poderiam vir, assim, acompanhadas de questões subjetivas, reflexivas e tematizadas

Aula 5: Elementos de um filme de ficção – O Protagonista

Proposta: Evidenciar como o protagonista é o elemento central para a história do filme – como suas características se envolvem com a narrativa, gerando um contexto.

Atividade com filmes: Vimos o trecho de 0:30 a 3:33 do curta-metragem “Ninguém”, de Jefferson Ferraz.

Discussão: questionar as características do personagem e como sua postura se relaciona com a narrativa, qual o propósito na atuação do protagonista enquanto elemento central do filme.

Dispositivo: Criar uma situação e, a partir desta, fazer com que haja a criação de um personagem OU criar um personagem e a partir deste, criar uma situação.

Releitura: Vimos todo o curta-metragem (8:00) e como a atuação do personagem é intrínseca à temática e mensagem que o filme transmite.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IZPFZSADae4>

A partir da aula 5 o enfoque ficou na discussão sobre alguns gêneros de filmes ficcionais (drama, romance, terror, aventura, ação, comédia e documentário) e como cada personagem age de acordo com o respectivo gênero:

Ao discutir a questão personagem—pessoa, os autores procuram salientar dois aspectos fundamentais: o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras; as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. (BRAIT, 1985, p.11)

Assim, os professores deveriam configurar um personagem, colocando-o como norteador da narrativa, tomando por base suas características culturais, comportamentais e discursivas. O dispositivo se deteve nessa primeira perspectiva, mas também se deixou a possibilidade da construção de um contexto para aí então se refletir sobre um personagem central. De qualquer forma, o desenrolar dos elementos da imagética deveriam se relacionar diretamente com as ações e discurso do personagem, colocando-o como o centro do filme.

Aula 6: Elementos de um filme documentário

Proposta: Evidenciar como o filme documentário é relevante enquanto papel informativo e criador de um contexto social e quais suas principais diferenças em relação ao filme de ficção.

Atividade com filmes: Vimos o trecho de 0:50 a 2:12 do curta-documentário “Desaparecidos”, de Marco Amaral.

Discussão: questionar o que o trecho possui de diferente em relação ao que foi visto até agora e como isso interfere no que o filme quer transmitir.

Dispositivo: Criar uma situação que se remeta ao modelo de um documentário, criando uma narrativa em voz off ou uso de entrevistas, com a mesma ideia da oficina 5, em que o personagem é construído a partir de uma determinada situação.

Releitura: Vimos todo o curta-metragem (5:46), ilustrando como toda a montagem do documentário difere do gênero ficção e quais as principais características que se relacionam com o propósito do filme.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3hzQPBLJR8>

Já se aproximando ao final da oficina, propusemos a composição de um filme em formato de documentário, com a ideia de que há um amadurecimento gradativo por parte da turma, no que diz respeito a escolhas de enquadramento, reflexões sobre a temática que se quer transmitir, bem como os elementos imagéticos que reforçam a ideia representada. Assim que nesse momento nos posicionamos com a construção de um filme a partir de alguns elementos presentes no documentário, tais como: voz off⁶⁵ e entrevistas:

Uma diferença marcante entre o documentário e o cinema de ficção é aquele não poder ser escrito ou planejado de modo equivalente a este último; o percurso para a produção do documentário supõe uma liberdade que dificilmente se encontra em qualquer outro gênero. Um documentário é construído ao longo do processo de sua produção. Mesmo existindo um roteiro, o formato final somente se define com as filmagens, a edição e a montagem. (MELO, 2002, p.26)

Nos baseando no texto de Melo, reforçamos o fato de que até a sétima aula, houve uma desenvoltura de estar à frente da câmera, possibilitando que os professores não temessem tal atividade como algo desconfortável. Além disso, os moldes das oficinas foram desenvolvidos para serem de complexidade gradativa, envolvendo familiaridade com os recursos do celular; construção de uma colaboração e comunicação entre os colegas; criatividade na escolha do que deveria ser filmado e estímulo contínuo da criticidade durante o processo construção do filme.

⁶⁵ O conceito de voz off foi apresentado como sendo caracterizado pela presença de um narrador.

Aula 7 e 8: Conclusão e uma ressignificação do olhar

Proposta: Assistimos todos os trabalhos desde a oficina 1 até a 7, valorizando a releitura da atividade individual. A partir do momento em que o aluno se distancia da atividade, e se propõe a uma releitura de seu próprio trabalho, há a formação de uma nova experiência com aquilo que se tinha por conhecimento no momento em que foi feito e a reconstrução do que fora criado com o desenrolar das oficinas posteriores.

Rever todos os filmes realizados desde a primeira aula possibilitou ter o olhar ressignificado sobre a própria produção. Conforme já falamos sobre a ideia de rever o mesmo trecho do filme (em I.II), aqui há uma revisão com um distanciamento proposital para que o aluno enxergue as principais mudanças ao longo das produções.

A exclusividade de ter uma aula para se debater sobre as produções também foi colocada para dar espaço sobre o que se percebeu no decorrer das aulas. Os alunos são estimulados em todas as aulas a opinarem sobre o filme, mas percebe-se uma diferença quando a fala é sobre a própria imagem construída, já que se basearam em escolhas do grupo, no qual cada um coloca parte de si para a formulação de um todo.

Assim, na atividade prática explicitamos como deveria ser conduzida, criando um norte para o aluno em sua produção, mas sem interferir nos seus elementos imagéticos. Aqui, valorizamos a questão da existência de diversos olhares e construções de ideias a partir de um dispositivo que é definido “por sua condição de novidade e criatividade” (DELEUZE, 1999, p.159), por sua capacidade de transformar-se, de romper os próprios limites.

Tal foi nosso primeiro esqueleto de aplicação metodológica, com enfoque em *Film Literacy*. Este termo foi inicialmente utilizado por nossa aproximação com as ideias do BFI. Entretanto, por uma tradução muito ligada ao “letramento ou literacia fílmica”, preferimos não fazer mais uso do mesmo, evitando uma confusão com certo tipo de alfabetização audiovisual.

O termo é usual para o BFI, uma vez que o cerne da metodologia inglesa está em estimular a prática da escrita e leitura durante o processo de alfabetização escolar. Em nossa metodologia também há preocupação com tal estímulo, mas procuramos chamar de “filmeducação”, para que outros elementos fossem também explorados, sem haver confusão com outras ideias remetendo a “alfabetização

audiovisual”.

De maneira que cada molde das 8 aulas foi projetado nos 6 pilares mencionados, sempre com o propósito de deixar os professores livres para a criação, pensando como eles poderiam replicar o respectivo molde em suas aulas.

V.I.II Oficina *Para Aprender e Ensinar: Filmar* – Segunda Aposta

A segunda ideia de oficina foi construída após a experiência com a primeira, com alteração do título para evitar qualquer tipo de confusão com alguma espécie de “literacia”. Entretanto, não houve alteração em todas as aulas, uma vez que percebemos elementos que funcionaram e, por isso, decidimos fazer uso das mesmas ideias:

Aula 1: O outro - um primeiro encontro entre os colegas de sala

Dispositivo: A partir de um filme sobre o outro, criar um olhar de maneira que isso crie uma atmosfera de contato e aproximação dentro do grupo;

Filme brasileiro (trailer): Trailer de Rua de Mão Dupla, de Cao Guimarães.

Discussão: Como o outro é visto a partir de seus pertences?

Experiência: Formamos grupos pares, em que cada grupo entregou um objeto de um integrante. Após a troca dos objetos entre os grupos, cada grupo fez um filme de 1 a 2 minutos falando sobre como imaginava ser o dono do objeto.

Perspectiva para a sala de aula: Ideia de dinâmica para primeiro dia de aula, para os colegas se conhecerem e criar uma atmosfera de trabalho em equipe desde o primeiro encontro.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvWjBjCD-OM>

A motivação do documentário de Cao Guimarães se deu a partir da visualização do dispositivo utilizado pelo filme, cujos personagens se preocupam em apresentar o outro, ou seja, o filme “não quer que eles se voltem para si, que falem de suas vidas, que se revelem para a câmera” (LINS; MESQUITA, 2008:59). E tal veio com o propósito de ser utilizada no primeiro dia de oficina, para que com isso houvesse um tipo diferente de “apresentação” da turma e, principalmente, vimos no dispositivo do filme um potencial de atividade social.

“Como é o outro?” A partir desse questionamento, montamos um dispositivo de tentar adivinhar o outro por seu objeto. Diferente do filme, aqui não houve espaço

para um maior detalhamento de artefatos alheios que descrevem uma rotina e, outro diferencial, foi a aplicação para uma pessoa que se convive. O objetivo central foi de estabelecer uma conexão social entre os participantes, um estímulo para a aproximação como um todo sem forçá-la abruptamente.

Aula 2: Trilha Sonora – Uma imagem para um som

Dispositivo: Criar uma imagem para um som fornecido.

Curta brasileiro: Trechos do filme A Galinha ou Eu, de Denízia Moresqui.

Discussão: Quais mundos são criados a partir de um som?

Experiência: Em grupo, realizou-se uma filmagem a partir do som fornecido, ou seja, os alunos deveriam formular uma imagem para um som pronto, contextualizando-o na imagética.

Perspectiva para a sala de aula: Os alunos podem realizar uma filmagem registrando os sons do momento da aula. O professor também pode levar sons do cotidiano para que os alunos construam uma imagem sobre os mesmos. Isso pode ser uma boa maneira para ilustrar as áreas urbana e rural, como também permitir que os alunos expressem a imagem mental do som.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YG6Qmh9jRA0>

Continuação da Aula 2: Câmera parada

Dispositivo: Câmera parada, sem interferência. O filme será o que está acontecendo na frente da câmera.

Curta brasileiro: Fantasmas, de André Novais Oliveira

Discussão: Qual a perspectiva criada por uma câmera passiva?

Experiência: em grupo, criar situações em que a câmera não possa se mexer. Trabalho com enquadramento.

Perspectiva para a sala de aula: Propor que os alunos criem um filme sobre um tema da disciplina sem que a câmera se mexa. Exemplos: talk show sobre uma história de um livro; um filme ensaio sobre a viagem das férias relatando em voz off os principais pontos turísticos; um jornal com as principais “notícias” sobre um tema matemático; interpretação de um poema; a criação de uma narrativa com personagens que se utilizam do extracampo para compor a história. A ideia é dar liberdade para que os alunos pensem sobre como podem usar a câmera em um tripé.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z8x4JQB32xU&t=2s>

Semelhante à aula da primeira ideia, aqui a produção é focada no som. Entretanto, o dispositivo se remete à construção de um contexto a partir de um som predefinido, ou seja, os alunos deveriam refletir sobre como o som pode caracterizar um objeto ou ação, mesmo que não seja necessariamente o som “real” destes. Podemos dizer que foi um processo inverso ao *foley*, em que um som é construído a partir da imagem, sonorizando-a, aqui colocamos um som pronto para uma construção imagética – a imagem é formatada a partir do som estipulado.

Câmera parada:

Quando realizamos o curso “Estudos em Educação Visual: Imagens e Educação”, tivemos acesso ao dispositivo chamado “minuto Lumière”. Segundo Fresquet (2009), tal ideia foi idealizada por Alain Bergala Nathalie Bourgeois como sendo “atividades pedagógicas da Cinémathèque française (FRESQUET, 2009:2). E, ainda de acordo com a autora, mesmo sendo apenas um minuto, há significativa potencialidade, uma vez que “fazer um plano nos situa no coração do ato cinematográfico. No simples ato de captar um minuto, está toda a potência do cinema e, no enquadramento, descobrimos um mundo que sempre nos surpreende.” (FRESQUET, 2009:2).

Assim, a experiência se baseou com a visualização de um filme brasileiro realizado inteiramente com a câmera parada, com a ideia de provocar os diferentes olhares para um filme que se propõe a se desenvolver sem interferência de movimento da câmera e sem corte de planos.

Aula 3: Cinematografia – Usando a câmera de diferentes formas

Proposta: Evidenciar os alguns tipos de ângulos

Atividade com filmes: Veremos o trecho de 0:25 a 1:24 do curta-metragem Solidão, de Wallace Siqueira.

Discussão: Como a câmera atuou sobre a matéria – personagens – e lugar.

Dispositivo: Realizar dentro de um mesmo espaço um plano aberto, um plano médio e um plano fechado, fazendo com a câmera atue de diversas formas na decomposição de um compor, sem movimento de câmera.

Releitura: Após a atividade, veremos o curta inteiro (5:20), observando como o uso dos diferentes ângulos influenciaram na temática do filme.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OOp0QFAnTS4>

Aula 4: Luzes e cores – quais os seus significados?

Proposta: Evidenciar um pouco sobre a luz do filme e como isso influencia na atmosfera que se deseja transmitir ao espectador.

Atividade com filmes: Veremos os primeiros 3 minutos do curta-metragem “Contágio”, de Rafael Nani.

Discussão: questionar sobre o que está sendo visto, e como o olho da câmera distancia o olhar à fabricação de um olho, que neste caso está sendo agenciado por uma fonte de luz. Aqui, a imagem é formada devido à luz artificial que obriga a câmera a ver em forma de cone.

Dispositivo: Em grupo, realizou-se diferentes filmagens com tipos de iluminação ou remetendo a cores claras e escuras que possuíam significado simbólico.

Releitura: Vimos o curta-metragem inteiro (7:54) e como a escolha de luminosidade influenciou para a atmosfera e clima do filme.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v= H1RIAERcA>

Aula 5: Aplicativo VideoShow

A aula foi baseada na compreensão das principais funções do aplicativo, bem como a confecção de um filme fazendo uso de, pelo menos, uma das funções: locução, trilha musical ou legenda.

Com o propósito de levar aos professores um aplicativo fácil de edição de vídeo, escolhemos o “Videoshow”, para android e iphone.⁶⁶ A ideia era orientar os professores em uma ferramenta que ampliasse as possibilidades de criação, bem como incentivar o uso de alguns elementos presentes na linguagem audiovisual. Assim, durante a aula auxiliamos como inserir: o título do filme, a trilha musical, a locução, as legendas e os créditos, uma vez que tendo como interferência apenas a logomarca do aplicativo, estas opções são gratuitas para serem inseridas, sem limite de tempo para o filme.

⁶⁶ Furtado, Teresa. **VideoShow**. 25/03/2014. Até o momento da matéria, o aplicativo estava sendo disponível apenas para android. Atualmente está disponível para android e iphone. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/videoshow.html> Acesso em: 29/04/2019.

Aula 6: O protagonista

Dispositivo: Criar uma situação e a partir desta formular um personagem OU a partir de uma narrativa, criar um personagem.

Curta brasileiro: Miopia, de Matheus Serafim.

Discussão: Questionar as características do personagem e como sua postura se relaciona com a narrativa.

Experiência – Film Literacy: em grupo, criou-se um personagem a partir de uma situação hipotética ou criou-se uma história para um personagem contextualizado.

Perspectiva para a sala de aula: Aqui há diferentes aplicações, tais como: focar em dados históricos, indicando um acontecimento e personagem específico; a partir de um livro, sugerir que os alunos interpretem o personagem que mais gostaram da narrativa; a partir de um personagem que sofre *bullying*, criar uma narrativa que desenrole esse tema.

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=eRCMqSPaGis>

Aula 7: Elementos de um filme documentário

Dispositivo: A partir de um contexto social, construir um personagem ou criar um contexto social a partir de um personagem.

Curta brasileiro: Favela da Central, de Michael Miranda.

Experiência: Evidenciar como o filme documentário pode possuir tanto caráter informativo quanto criador de um contexto social, apresentando diferenças de um filme de ficção.

Perspectiva para a sala de aula: O professor pode utilizar para trabalhar com temas sociais, em que os alunos podem entrevistar os colegas, professores e a comunidade escolar, apresentando opiniões e fatos; além de uma alternativa para a aula 1, em que o aluno fala de si mesmo ou um jeito diferente de fazer a brincadeira de “amigo-oculto”.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Al-pwHtklpo>

Aula 8: Conclusão e uma resignificação do olhar

Proposta: Assistimos todos os trabalhos desde a aula 1 até a 7, valorizando a releitura da atividade individual. A partir do momento em que o aluno se distancia da atividade e se propõe a uma releitura de seu próprio trabalho, há a formação de uma nova experiência com aquilo que se tinha por conhecimento no momento em que foi

feito e a reconstrução do que fora criado com o desenrolar das oficinas posteriores.

Com o propósito de inserir novas ideias em algumas aulas, também destacamos aqui uma parte para a perspectiva em sala de aula, com o propósito de orientar os professores diretamente sobre como poderiam replicar a atividade, de acordo com suas respectivas disciplinas. Assim, cada aula teve um propósito desenvolvido com encontros e desencontros entre o professor e seus alunos, bem como conversando com as disciplinas e suas possibilidades:

V.I.III Oficina “Filmeducação”: um cinema possível na escola contemporânea – Terceira aposta

Esta oficina foi confeccionada após o retorno de Londres e conclusão da pesquisa no BFI, incorporando os conhecimentos lá adquiridos. De maneira que nesta última aposta, utilizamos as principais aulas das oficinas anteriores que tiveram um feedback positivo, além de algumas ideias da metodologia inglesa adaptadas para a escola pública brasileira, detendo-se na premissa do uso do celular para a produção de imagens:

Aula 1: Câmera parada

Dispositivo: Câmera parada, sem interferência. O filme será o que está acontecendo na frente da câmera.

Curta brasileiro: Fantasmas, de André Novais Oliveira

Discussão: Qual a perspectiva criada por uma câmera passiva?

Experiência: em grupo, criar situações em que a câmera não possa se mexer. Trabalho com enquadramento.

Perspectiva para a sala de aula: Propor que os alunos criem um filme sobre um tema da disciplina sem que a câmera se mexa. Exemplos: talk show sobre uma história de um livro; um filme ensaio sobre a viagem das férias, relatando em voz off sobre os principais pontos turísticos; um jornal com as principais “notícias” sobre um tema matemático; interpretação de um poema; a criação de uma narrativa com personagens que se utilizam do extracampo para compor a história. A ideia é dar liberdade para que os alunos pensem sobre como podem usar a câmera em um tripé.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z8x4JQB32xU&t=2s>

Opcional para outro formato de aula 1, havendo mais de 6 pessoas na turma:

Aula 1: O outro - um primeiro encontro entre os colegas de sala

Dispositivo: A partir de um filme sobre o outro, criar um olhar de maneira que isso crie uma atmosfera de contato e aproximação dentro do grupo;

Filme brasileiro (trailer): Trailer de Rua de Mão Dupla, de Cao Guimarães.

Experiência: Formamos grupos pares, em que cada grupo entregou um objeto de um integrante. Após a troca dos objetos entre os grupos, cada grupo fez um filme de 1 a 2 minutos falando sobre como imagina ser o dono do objeto.

Perspectiva para a sala de aula: Isso é uma maneira dos colegas se conhecerem em um primeiro momento e criar uma atmosfera de trabalho em equipe desde um primeiro encontro.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvWjBjCD-OM>

Aula 2: Trilha Sonora – Uma imagem para um som

Dispositivo: Criação de uma imagem para um som definido.

Curta brasileiro 1: Rua das Tulipas (animação), de Alê Camargo

Curta brasileiro 2: Cidade Improvisada, de Alice Riff

Trecho do filme: O Auto da Compadecida, de Guel Arraes

Experiência: Em grupo, criou-se um contexto imagético para um som predefinido.

Perspectiva para a sala de aula: Os alunos podem realizar uma filmagem registrando os sons do momento da aula. O professor também pode levar sons do cotidiano para que os alunos construam uma imagem sobre os mesmos. Isso pode ser uma boa maneira para ilustrar as áreas urbana e rural, como também permitir que os alunos expressem a imagem mental do som.

Nessa aula foram usados dois filmes para exemplificar a música como extradiegética e outra como diegética⁶⁷ e característica regional cultural.

Link do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=HvsmuJDTNFo>

⁶⁷ Entende-se como música diegética a música que faz parte da cena, no qual conseguimos identificar a origem sonora. E, como música extradiegética aquela em que o personagem não interage nem reage a ela.

Aula 3: Esquema 5x1

Dispositivo: A produção se desenvolve a partir do esquema 5 a 1, utilizando os números para determinar os elementos e temas da imagem.

Curta brasileiro: Solidão, de Ciro MacCord.

Experiência: o professor propõe um esquema de 5 a 1, predeterminando os elementos da imagem, sem impor como esses elementos devem ser feitos.

Perspectiva para a sala de aula: O professor pode aplicar esse esquema em qualquer disciplina, dependendo de sua área. Exemplo 1.: 5 personagens, 4 posições de câmera (esse curta ilustra essa ideia de maneira clara), 3 formas geométricas, 2 exemplos práticos dessas, 1 área do currículo: formas geométricas. Exemplo 2: 5 planos (falar sobre o que é um plano a partir do curta), 4 posições de câmera, 3 situações da rotina escolar, 2 razões para existir essa rotina, 1 tema: rotina escolar. Isso pode ser usado inclusive pelos professores para apresentar nas reuniões com os pais.

Link do youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=OOp0QFAnTS4>

Durante o segundo semestre de 2017 realizamos o curso online Filmmaking and animation in the classroom, desenvolvido pelo IntoFilm através da plataforma FutureLearn.⁶⁸ Neste, foi introduzido o chamado “five-shot film”, consistindo em uma atividade de produção fílmica de 5 planos, formatando o restante dos números de acordo com o conteúdo e vinculando-os a uma área do currículo⁶⁹, por exemplo: 5 planos, 4 exemplos de aliteração, 3 exemplos de retórica, 2 exemplos de hipérbole, 1 área: figuras de linguagem.

Entretanto, durante a aplicação dessa ideia, não nos detemos no limite de 5 planos, apenas deixando como base do dispositivo o esquema 5,4,3,2,1, possibilitando flexibilidade para os professores que são de diferentes disciplinas.

Aula 4: Aplicativo VideoShow

A aula será baseada na compreensão das principais funções do aplicativo, bem como a confecção de um filme fazendo uso de, pelo menos, uma das funções: locução, trilha musical ou legenda.

⁶⁸ FutureLearn é uma plataforma online que disponibiliza cursos on-line de universidade ou institutos internacionais. Disponível em: <https://www.futurelearn.com> Acesso em 29/04/2019.

⁶⁹ Introducing the five-shot film. Disponível em: <https://www.futurelearn.com/courses/filmmaking-animation-classroom/0/steps/23212> Acesso em: 29/04/2019.

Aula 5: Filme-carta

Dispositivo: filme-carta; a partir de um destinatário, qual mensagem será transmitida? O filme será a sua carta.

Filmes-cartas brasileiros: Lívia. Vídeo produzido durante oficinas de produção de filmes cartas do Movimento Comer Pra Quê?, realizadas entre abril e maio, no Rio de Janeiro (RJ).

Experiência: os alunos devem pensar em um destinatário (fictício ou não) e, a partir dele, pensar no que gostariam de contar.

Perspectiva para a sala de aula: quando várias turmas de uma mesma escola estão realizando essa proposta, pode haver compartilhamento dos vídeos, no qual uma pode ser destinatário da outra, apresentando a rotina escolar, o que estão aprendendo, como é vivenciar aquele ano escolar, etc.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VVX3pV8I5dM>

A ideia do filme-carta se deu devido ao interesse da turma em participar da Mostra Kino Campinas, cuja categoria se denomina “Kino Carta”, configurando-se como:

Um filme-carta não é uma carta lida, mas um filme que é uma carta em si, nem precisa ter texto. Escolha um destinatário. Poderá ser um personagem fictício, um lugar, outro período da história, um coletivo, um grupo, uma classe social, etc.⁷⁰

Assim, ao apresentar um filme produzido nesse formato, estimulamos os professores a replicá-lo compreendendo que o seu dispositivo se baseia no formato de uma carta, além de nos determos em estimular a turma na participação da Mostra.

Aula 6: Plano-sequência

Dispositivo: criar um plano-sequência de até 2 minutos;

Filme brasileiro: A Última Fábrica, de Felipe Nepomuceno

Experiência: incentivo da criatividade dos alunos quando é necessário que apenas um plano seja construído;

Perspectiva para a sala de aula: aqui o professor pode trabalhar juntamente o esquema 5x1, especificando que o 1 será referente ao número de planos.

⁷⁰ Ibidem. Kino Carta. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/3mostrakino/paginas/apresentacao.html>. Acesso em 27/05/2019.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xlIM-r28Z-Q>

O plano-sequência veio com a ideia de explorar a criatividade da turma, uma vez que até então estavam acostumados com a formulação de um filme constituído por vários planos de poucos segundos. De maneira que o plano-sequência serviu para estimular os professores a pensarem em uma ideia formulada com início, meio e fim, sem qualquer tipo de corte e dentro do contexto de um plano-sequência de até 2 minutos.

Aula 7: Kino objeto ou Documentário

Dispositivos: “Faça um plano único deste objeto com a câmera parada e converse com este objeto para saber como ele quer ser visto.”⁷¹

Em grupo, fazer uma entrevista com alguém que conheça da escola, mas que não converse muito. As perguntas e respostas serão o filme, de no máximo 2 minutos.

Trecho de filme brasileiro: Trecho do filme “Reflexões de um liquidificador”, de André Klotzel.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IAbfWett9ss>

Filme brasileiro: Favela da Central, de Michael Miranda

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AI-pwHtklpo>

Experiência: os alunos devem optar por uma das ideias, deixando transparecer a visão sobre um objeto rotineiro ou se aproximando de alguém que também faz parte da rotina escolar, mas com quem nunca teve a chance de conversar.

Perspectiva para a sala de aula: permitir que os alunos interajam com pessoas que fazem parte da escola, ou estimular a imaginação e a criatividade a partir da concepção que se tem acerca de objetos que fazem parte de seu cotidiano.

Semelhante à aula 5, a ideia do kino objeto também teve sua inspiração na Mostra Kino Campinas, em que os alunos deveriam interagir com um objeto que fazia parte de seu cotidiano. A ideia central foi de transformar o olhar sobre algo rotineiro, explorando o olhar criativo.

Já em um segundo momento, propusemos o formato de documentário no formato de entrevista, procurando aproximar professores de funcionários ou com qualquer outro membro escolar. Um novo jeito de conhecer o outro, de se aproximar

⁷¹ CATEGORIAS DE INSCRIÇÃO. **Kino Objeto**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/3mostrakino/paginas/apresentacao.html>. Acesso em: 27/05/2019.

de alguém que se vê todo dia, e esse alguém ter a chance de contar de si.

Ao longo dessas apostas de oficinas, vários filmes foram produzidos pelas diferentes escolas em que participamos. Assim, no próximo capítulo detalharemos as principais reações e mudanças na rotina escolar a partir do momento em que a escola abriu as portas para a entrada da produção fílmica. Tais exemplos de vivências serviram para que tivéssemos noções sobre as possibilidades do filme entrar em sala de aula de maneira participante junto ao currículo escolar vivido, bem como fazer parte do cotidiano de professores e alunos.

De maneira que apresentaremos os principais resultados obtidos a partir da formação de professores das seguintes escolas de Campinas: CEI Regente Feijó, CEI Cha Il Sun, EMEF Julio de Mesquita Filho e EMEF Brígida Costa, participantes do projeto Cinema e Educação, da prefeitura municipal de Campinas.

VI Aplicação da metodologia na formação de professores de Campinas-SP

VI.I Primeiro caso: formação de professores do CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun⁷²

Período: setembro de 2016 a dezembro de 2016

Área dos professores participantes: Educação Infantil

Nossa primeira experiência com a formação de professores se deu com a oficina de Film Literacy: Partiu-se inicialmente da ideia de que não haveria um discurso de quem sabe para quem não sabe. A intencionalidade na produção era justamente a ausência de uma hierarquia de saberes, uma vez que o empoderamento viria a partir do sensível e de suas infinitas possibilidades. Assim, a metodologia aplicada foi pensada para que não houvesse escolarização do filme, ou seja, não haveria uma fala inicial do que deveria ser visto na imagem. Entretanto, frisamos que a linguagem audiovisual sempre esteve presente, de modo que o dispositivo a faria ser efetivada, e não o contrário: “porque se existe a regra, existe a exceção. Existe a cultura, que é de regra, e existe a exceção, que é a arte.” (BERGALA, 2008, p.30) Com essas palavras de Bergala, explicita a ideia de que, embora houvesse um norteamento em estabelecer uma temática vinculada à linguagem audiovisual, não houve a ideia de que os filmes produzidos deveriam copiar, reproduzir ou seguir as mesmas regras estabelecidas pela imagética. A riqueza aqui se encontra na diversidade de significados partidos do mesmo filme, diversos olhares e construções de diversos mundos a partir de um mesmo dispositivo.

Seguindo a oficina proposta, também se destacou a questão de não haver “didatismo”, ou seja, apontar na imagem o que o autor quis “mesmo” dizer; ou entender o que aquela imagem “representa” ou quer “representar”. Não há uma resposta correta, já que não são feitas perguntas ou ensinamentos direcionados. Trata-se apenas de apresentar fragmentos de filmes e, tomando as palavras de

⁷² Todos os filmes produzidos estão na pasta “CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun – formação de professores”.

Foucault (1998, p.65), "por mais que se tente dizer o que se vê, o que se vê jamais reside no que se diz", ou seja, há infinitas possibilidades de olhar para além das imagens, e mesmo que haja o embasamento da linguagem e de suas diferentes vertentes como luz e posições de câmera, ao lidarmos com diferentes personas e sensíveis, essas possibilidades se tornam livres para serem demonstradas a partir das experiências individuais, aqui colocadas como indo além de um registro escolar e se aproximando de uma estética cinematográfica:

Pelas palavras da Orientadora Pedagógica do CEI Regente Feijó, Marta de Almeida Oliveira, "alguns filmes foram o registro de uma atividade, o que chamo de documentação pedagógica. Já outros tinham uma estética cinematográfica: provocaram sensações, nos levaram pra um lugar além da escola ou apresentavam a escola de uma forma mais poética."⁷³

De maneira que assim se deu o desenrolar das oficinas:

Aula 1: Como o filme se constitui

Vimos o filme inicialmente contando os planos, sem minha participação como formadora. Depois, expliquei que na primeira imagem não havia cortes e por isso era um plano só. Vimos novamente o trecho contando com essa nova informação. Após isso, as professoras fizeram a atividade com os 12 planos.



Perguntei a elas quantas vezes elas apertaram o botão de rec e stop/pause. Foi observado que em alguns grupos o número passou de 12 planos, então expliquei a elas o conceito de tomada. Também foi perguntado em quais lugares elas foram, então foi mencionado o



conceito de cena. Após essa atividade, vimos 4 dos 5 vídeos feitos pelas professoras,



observando quantas cenas apareciam. Vimos o filme novamente e foi observado como uma só cena pode ser feita de inúmeros planos, e que o mesmo ambiente pode ser explorado de diferentes formas.

Após isso, vimos erros de gravação da animação "Vida de Inseto", uma vez

⁷³ Entrevista concedida pela orientadora pedagógica do CEI Regente Feijó, Martha de Almeida Oliveira, durante as oficinas realizadas no período de setembro a dezembro de 2016.

que servia de exemplo para elucidar a claquete com números de tomada e plano. Observou-se então que os conceitos de planos, cena e tomadas haviam sido perfeitamente entendidos.

Obs.: Foi colocada por uma das professoras a seguinte frase: “Nossa, e nós usávamos a palavra “cena” pra tudo.”

Aula 2: Trilha Sonora

Primeiramente vimos os trechos editados por mim, em que foi perguntado no que eles se diferenciavam. Além disso, foi perguntado qual dos trechos elas achavam que realmente faziam parte do filme. Após responder que nenhum dos trechos era de fato do filme, elas perceberam que a música poderia mudar todo o contexto de uma mesma imagem, e que não havia uma “resposta certa”.



Assim, foi disponibilizado para a confecção do vídeo dois áudios prontos e um terceiro que elas deveriam compor utilizando os instrumentos de percussão. Foram formados 3 grupos, com a confecção de 3 vídeos cada um. Assim, percebeu-se que o mesmo som poderia ter diversos contextos, ou seja, percebemos que para uma mesma imagem se pode criar vários sons, e para o mesmo som, várias imagens.



Aula 3: Cinematografia – Usando a câmera de diferentes formas



Vimos o trecho do filme, e as professoras apontaram o que havia de diferença entre as posições da câmera. Logo após, foi sugerido que todos os grupos realizassem a filmagem no mesmo espaço e, como a temática sugerida foi a profissão de professor, o local escolhido foi a sala de aula.

Percebemos que as professoras tenderam à narratividade, embora alguns planos possam ser colocados como subjetivos também. Após a filmagem houve discussão do que fora feito, e os grupos concordaram que a falta de ordem foi um ponto em comum nas imagens (ausência de roteiro). Com isso vimos o filme inteiro, e houve discussão das cenas também, como o vazio era incorporado na temática solidão, e como as diferentes posições da câmera contribuíram para nortear a temática do filme. Com o tempo restante da aula, os grupos realizaram um segundo dispositivo, dessa vez com a câmera parada, com diferentes posições sob o mesmo tema: alunos e professores.

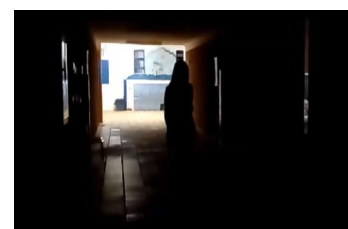


Aula 4: Cinematografia – A Luz

Cortinas blackout não foram utilizadas. As professoras tiveram que compor um cenário com pouca luz a partir do espaço disponível. Assim, assistindo alguns minutos iniciais do filme, elas já perceberam que a luz era reduzida em relação aos filmes vistos anteriormente. Logo, foi proposta a criação de um contexto com luz e outro sem luz, havendo correlação entre esses dois contextos distintos. Logo após a produção, vimos os 3 filmes e suas maneiras diferentes de trabalhar com a luz.



O grupo 1 usou um contexto para demonstrar como a ausência de luz cria uma interpretação completamente diferente da cena com luz, embora fazendo uso da mesma contextualização de cena, personagem e música. O grupo 2 criou um contexto aparentemente sombrio que se revelou cômico ao final do filme. A ideia era gerar diferentes interpretações para algo que só seria definido no final. Por fim, o grupo 3 relacionou a ideia da escuridão à ignorância de conhecimento, colocando elementos percussivos que dialogam com os elementos imagéticos. Da mesma forma o fizeram com o oposto, ao relacionar a luz à sabedoria e cultura.



Aulas 5 a 8: mudanças em função da II Mostra Kino Campinas

A partir da aula 5 as professoras confeccionaram vídeos com seus alunos, já pensando nas categorias propostas pela Mostra Kino. A ideia de dar esse espaço se



deveu principalmente para incentivar a

produção fílmica, bem como possibilitar diálogos que enriqueceriam as futuras produções, além de incentivar as outras professoras a participarem a frente ou por trás da câmera.



Assim, vimos em quais respectivas categorias se encaixavam os filmes confeccionados, e produzimos os faltantes. Das 11 categorias propostas, as professoras realizam produções que se encaixaram em 10: Kino Carta, Kino Objeto, Kino Animação, Kino Lumière, Kino Literatura, Kino Mudo, Kino Máquina, Kino Diversidade, Kino Doc e Kino Roteiro.

Ainda segundo Marta, “o filme *Quem quer casar?* Traz um tempo que pode ser passado, presente ou futuro, já que retrata a infância de uma forma atemporal. *Pelos Olhos de Heitor* traz a narrativa de um pequeno de 1 ano e 11 meses, a escola de um ponto de vista desconhecido por nós adultos.



“O filme *Os caçadores* transformou o registro de uma atividade no meio natural da escola em uma aventura. Nesse, o que me impressionou, foi a postura daqueles meninos vindo com a lupa no meu celular. Não estava nada combinado. Com isso penso: já interpretam? Representam? Vestem a personagem do caçador pesquisador. A interação com a câmera desses meninos demonstra que eles sabem algo sobre como se portar diante dela.”⁷⁴

⁷⁴ Menção de Martha de Oliveira durante as oficinas realizadas no período de setembro a dezembro de 2016.

VI.1.1 Resultados e conclusão:

Com a oficina finalizada ao longo do segundo semestre de 2016, alguns acontecimentos foram denotados, tais como:

- Participação de 18 professoras envolvendo as duas escolas;
- Produção de 52 filmes, sendo 26 filmes inscritos na II Mostra Kino de Campinas;
- Todas as professoras se inscreveram na II Mostra Kino de Campinas;
- Foi criado um canal no youtube com as produções das professoras: https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4n_HGEH4fDvK3A

A partir da oficina realizada e do envolvimento das professoras, as escolas viram a necessidade da criação de um cineclube com a exibição tanto de filmes criados pelas professoras durante as aulas da oficina, quanto os produzidos fora da oficina e com a participação de seus alunos. Além disso, com a criação de um cineclube, há uma intencionalidade de exibição de filmes fora do chamado “cinema comercial”, de maneira que isso ative o processo criativo dos alunos da educação infantil.

A partir das regras do dispositivo, procuramos apresentar um pouco da linguagem cinematográfica, uma vez que a experiência individual e estímulo do sensível efetiva a compreensão da linguagem, e não o contrário. Portanto, concluímos que com os pilares de: dispositivo, fragmento de curta-metragem brasileiro, e experiência, houve a possibilidade de gerar outras formas de cinema a partir da escola, potencializando o cinema enquanto relação e o expandindo em seu significado. Vislumbramos um cinema construído pela escola, inventado pelas professoras e por seus alunos que deu origem a um Cineclube a partir de suas próprias produções.

A escola se tornou outra coisa, reinventou o cinema a partir dela mesma, criou novos mundos, imagens e olhares. Isso porque a imagem não se ilustrou àquilo que se corresponde, possibilitando a abertura de sentidos que não se findam em si, não representou algo por não pretender definir algo e não se fechou naquilo que se contempla: “as práticas artísticas não constituem “uma exceção” às outras práticas. Elas representam e reconfiguram as partilhas dessas atividades.” (RANCIÈRE, 2005, p.69).

VI.II Segundo caso: formação dos monitores do CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun⁷⁵

Período: junho de 2017 a agosto de 2017

Área dos monitores participantes: Educação Infantil

A turma de monitores foi dividida em dois turnos (manhã e tarde), de maneira que aplicamos a mesma oficina para ambos, neste caso com o modelo da segunda aposta: Para Aprender e Ensinar: Filmar.

Aula 1: O outro - um primeiro encontro entre os colegas de sala

Mesmo tendo apresentado apenas o trailer do filme de Cao Guimarães, os alunos compreenderam a ideia central de tentar descrever alguém a partir de seu objeto pessoal. Assim, após assistirmos o trailer, pedi para que os grupos fossem divididos e que um componente colocasse seu objeto em cima da mesa, sem que os outros grupos vissem quem havia colocado. Após assistir cada filme, o dono do objeto se revelava, causando na maior parte do tempo surpresa, uma vez que a maioria dos filmes não acertaram o palpite. Essa dinâmica teve como propósito aproximar o grupo de monitores, desde o incentivo do trabalho em equipe até a aproximação da turma como um todo:

Turma manhã: a turma se caracterizou por ser mais tímida em comparação à turma de professoras. Pudemos observar que isso se refletiu nas primeiras produções, em



que nenhum grupo se sentiu à vontade

para estar frente à câmera. Todos os grupos optaram por filmar apenas o objeto e fazer uso da voz-off.



⁷⁵ Todos os filmes produzidos estão em na pasta “CEI Regente Feijó e CEI Cha II Sun – formação de monitores”.



Turma tarde: diferente da primeira turma, o grupo de monitores da tarde se mostrou mais descontraído e falante. Isso também se refletiu durante o processo da produção filmica, em que todos os grupos apareceram diante da câmera.

Observamos com isso a diversidade de filmes a partir de um único dispositivo, e a importância de permitir que os alunos pudessem fazer suas próprias escolhas sobre o que deveria ou não constar na imagem.



Aula 2: Trilha Sonora – Uma imagem para um som

Repetimos o experimento da turma de professoras, apresentando um trecho do filme com diferentes sons com o propósito de mostrar que além de não ter uma resposta certa de um som para uma imagem, um som diferente resulta em um clima diferente para o contexto. Assim, disponibilizamos 3 sons, e cada grupo deveria escolher pelo menos 1 para construir uma imagem. Além disso, ao final desse experimento, os alunos deveriam construir o som para a imagem, realizando o processo inverso ao primeiro.



Turma manhã: se deteve em imagens com câmera parada, principalmente. Um grupo filmou os alunos que estavam brincando no momento, utilizando a ferramenta GoPro. Em comparação ao primeiro dia, observamos que aos poucos a turma se sentiu menos desconfortável com o processo fílmico, desde o manuseio com o celular até a exposição com a câmera.

Turma tarde: observamos que os filmes procuraram estabelecer um contexto narrativo, com detalhes voltados ao drama ou cômico. Conforme mencionamos anteriormente, os componentes da turma se sentiam à vontade para com a câmera, assim, em muitos momentos, se dispunham a atuar perante a mesma, contribuindo para a



construção do contexto pretendido.

Aula 3: Cinematografia – Usando a câmera de diferentes formas

A ideia central foi explorar a câmera atuando de diferentes maneiras, com diferentes ângulos e contextos, mas a partir de um só elemento que foi escolhido pelo grupo. Alguns exemplos foram: a caminhada de um personagem, uma rotina ou uma brincadeira das crianças. Ressaltamos que tal elemento foi enunciado a partir da visualização do trecho do filme *Solidão*, em que a câmera gira em torno do personagem principal.

Turma manhã: se deteve em modo geral em mostrar a rotina escolar, os espaços da escola bem como as principais atividades vivenciadas pela Educação Infantil.

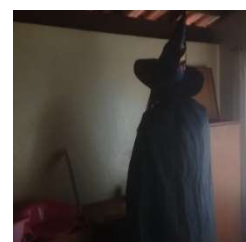


Turma tarde: demonstrou também como é a rotina de professor da Educação Infantil, além de destacar algumas brincadeiras recorrentes das crianças.

Pelas fotos dos filmes dos monitores, observamos que eles compreenderam e procuraram explorar as diferentes posições de câmera, desde um plano fechado até um plano aberto, sempre norteado pelo elemento central escolhido pelo grupo, exemplificados pelas fotos como: brincadeira de criança, a horta da escola e espaço escolar.

Aula 4: Cinematografia – A Luz

Semelhante ao processo realizado com as professoras, os monitores também procuraram remeter as cores com simbologias. Entretanto, ambas as turmas (manhã e tarde) também se preocuparam em desmistificar o “escuro” como algo ruim, apresentando ideias como uma festa surpresa no escuro ou uma bruxa vestida de preto que cantarola uma canção festiva. Foi interessante observar que isso permitiria em uma atividade replicada com às crianças uma desassociação estagnada em “escuro-ruim,” “claro-bom”, possibilitando novos olhares sobre as



cores e seus possíveis significados.

Aula 5: Aplicativo VideoShow

Como algumas monitoras estavam utilizando uma ferramenta de edição de vídeo durante as produções, pensamos em explorar esse conhecimento, instruindo o restante do grupo a utilizar o aplicativo VideoShow. A ideia é que todos poderiam editar e incorporar elementos da linguagem audiovisual, tais como: trilha musical, legendas ou título do filme. De maneira que nessa aula o dispositivo se deteve na confecção de um filme fazendo uso desse aplicativo, utilizando no mínimo a função de trilha musical com algum dos elementos das aulas passadas, como as diferentes posições da câmera.

Para ambas as turmas foi proposto nesse momento um trabalho individual, de maneira que todos pudessem ter autonomia para trabalhar com a ferramenta, explorando ao máximo a criatividade e criticidade de cada um.



Aula 6: O protagonista

Após assistirmos o trecho do filme, deixamos claro que o filme deveria girar em torno do protagonista, do personagem principal. De maneira que o dispositivo se deteve na construção de uma história a partir de um elemento ou pessoa central.

Turma manhã: apresentou a escola como sendo um personagem, retratando-a como se fosse uma pessoa que também possui história e rotina. Outro grupo apresentou a busca dos filhos realizada pelos pais: o momento da saída dos alunos gerou o filme.



Turma tarde: Os dois grupos formados se detiveram na rotina de uma pessoa, no caso de uma professora da educação infantil e de uma cozinheira da escola. Neste último, o filme gerado foi a própria atividade da cozinheira, que permitiu ser filmada enquanto realizada seus afazeres.

Percebemos que a partir do mesmo dispositivo de personagem, os quatro filmes são completamente distintos, reforçando a ideia de que replicar tal atividade em sala de aula com os alunos resultaria em uma troca rica de olhares e conhecimentos a partir de uma mesma área do currículo.

Aula 7: Elementos de um filme documentário

Como filme final, as turmas foram instruídas a construir um filme com formato de documentário, a partir do filme visto. Foi interessante observar que as perguntas formuladas bem como o recorte do assunto foram realizadas pelo próprio grupo, de maneira que não influenciemos na temática, apenas no dispositivo de documentário (entrevista) e seu tempo de duração.



Turma manhã: Os dois grupos entrevistaram duas professoras participantes da oficina de 2016, questionando a primeira sobre o projeto de cineclube na escola e a segunda sobre o módulo do berçário. Foi possível observar a escolha do enquadramento do entrevistado, bem como a escolha do grupo em deixar a pergunta subtendida ou explícita no vídeo.

Turma tarde: Também procurou entrevistar pessoa de fora do grupo de monitores. No primeiro caso, entrevistaram um monitor que trabalha com a Educação Infantil, destacando o tabu da presença masculina na área. No segundo, os monitores entrevistaram as crianças, questionando-as sobre o que mais gostavam de fazer na escola.

Nos quatro vídeos, dadas suas características, observamos que os grupos se detiveram em coletar informações sobre a vivência escolar, bem como as opiniões sobre algumas situações escolares que deixaram em evidência a relevância do conhecimento sobre a comunidade



escolar como um todo, desde os professores que apresentam suas problemáticas até as crianças que elucidam suas brincadeiras preferidas.

VI.II.II: Resultados e conclusão

A motivação em realizar a oficina com os monitores se deu através da oficina anterior, realizada com os professores. De maneira que os monitores passaram a fazer parte do movimento de Cineclube, tanto no CEI Regente Feijó, quanto no CEI Cha Il Sun. A partir da parceria realizada entre monitores e professoras, a produção fílmica manteve seu fluxo de realização, permeando a rotina escolar dos alunos, de suas atividades e no currículo vivido por cada monitor e professora. Assim, concluímos que a oficina possibilitou uma aproximação entre monitores e professoras, culminando com parcerias em prol do projeto desenvolvido pelas escolas de Cineclube. O que resultou na participação em Mostras, conforme mencionado pelas professoras e publicado no site da Prefeitura Municipal de Campinas, no dia 05/10/2018:

As professoras Rozeli Melo e Sandra Amaral, do Centro de Educação Infantil (CEI) Regente Feijó, na Vila Boa Vista, contam com empolgação os detalhes do trabalho de cinema realizado com as crianças, em especial a produção de curtas, filmes com duração inferior a cinco minutos. A dupla diz, por exemplo, que quando seus alunos assistem aos filmes, costumam levantar questões que não apareceriam em uma aula tradicional. Mas não são só os estudantes que se beneficiam do Cinema e Educação. Graças à iniciativa, as duas professoras tiveram a oportunidade de se aprofundar, e já são grandes entusiastas da produção de filmes. “A arte abre horizontes”, fala Sandra com convicção.

Outro benefício que a equipe da escola não antevia quando entrou para o programa, em 2017 (*2016 – correção nossa*), é o grande envolvimento dos pais. “É importante que uma geração superconectada com telas e produtos audiovisuais, como os alunos da Regente Feijó, entenda todas as etapas de produção dos vídeos, além de ter acesso a filmes sem o viés comercial”, afirmam Rozeli e Sandra. O Regente Feijó foi uma das 12 escolas da rede municipal de Campinas que exibiram pequenos filmes na 13ª Mostra de Cinema de Ouro Preto (CineOP), realizado em junho. Para Sandra, foi “um reconhecimento da nossa arte e do nosso trabalho”.⁷⁶

VI.III Terceiro caso: Formação dos professores da EMEF Júlio de Mesquita Filho e CEI Brígida Costa

Período: outubro de 2018 a novembro de 2018

O terceiro modelo de oficina, “Filmeducação”: um cinema possível na escola contemporânea, foi aplicado durante o segundo semestre de 2018, tendo variações entre o conteúdo da aula, uma vez que estávamos atuando em uma escola de

⁷⁶ Escolas exibem, produzem e debatem filmes no programa “Cinema e Educação”. Prefeitura de Campinas. 05/10/2018 Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=35078> Acesso em: 30/05/2019.

Educação Infantil e outra de Ensino Fundamental. A ideia de variarmos a temática e dispositivo se deu pelas possibilidades de réplica em cada escola, uma vez que as rotinas e currículos são distintos. De modo que apresentaremos os detalhes de cada escola separadamente, observando as diferenças entre as aulas:

VI.III.I EMEF Júlio de Mesquita Filho:⁷⁷

Período: 03/10/2018 a 14/11/2018

Área dos professores participantes: Ensino Fundamental I e II: Português, Matemática, Artes e Libras

Aula 1: Câmera parada



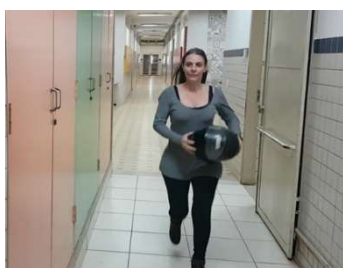
A escolha de iniciar a oficina com essa dinâmica se deu pelo baixo número de professores inscritos. Assim, após assistirmos ao filme “Fantasmas”, os alunos compreenderam que o dispositivo se daria pela produção de um filme a partir de uma câmera sem movimento.

Entretanto, a turma também compreendeu que poderia haver duas possibilidades: captação do inusitado, sem qualquer tipo de interferência com a câmera ou a interação com a câmera, pensada e desenvolvida conforme planejado.

O trabalho foi feito individualmente, e observamos que ambas as ideias foram adotadas, tanto de captar o que não estava previsto, quanto pensar em algo para interagir com a câmera. Além disso, orientamos os professores a replicarem tal atividade na mesma semana com seus alunos.



Aula 2: Trilha Sonora – Uma imagem para um som



Após assistirmos os 3 filmes (tanto o filme completo quanto os trechos), propusemos que os alunos deveriam adotar uma dessas dinâmicas, ou seja, construir um filme com música característica regional, construir uma letra que fosse ser a música diegética na imagem ou usar uma trilha

⁷⁷Todos os filmes produzidos estão na pasta “EMEF Júlio de Mesquita Filho – formação de professores”.

musical e construir uma imagem a partir dela. Os grupos optaram pelo terceiro dispositivo e, observamos que houve uma preocupação em construir uma narrativa que se contextualizasse com a música disponibilizada. Já em um segundo momento, sugerimos que os alunos construíssem a partir de uma música com letra, uma imagem. Os três proponentes do grupo se alternaram na atuação perante a câmera, com narrativas distintas, uma vez que a partir desta aula, apenas três professoras se fizeram presente até o final da oficina.

Aula 3: Plano-sequência:

Após assistirmos o exemplo fílmico de um plano-sequência, propomos às professoras que mantivessem em mente tal dispositivo: sem cortes, apenas um plano de até 4 minutos, com início, meio e fim. A ideia se baseou na formulação de um pré-roteiro, uma vez que o filme apresentado teria que ter uma coesão.



Assim, as professoras se basearam na própria rotina de um dia letivo, novamente se propondo a atuar e demonstrar um pouco de como é a vivência de um professor na escola. Também, a partir do filme produzido, apresentamos algumas explicações sobre as diferenças entre um plano aberto e fechado e o conceito de *travelling*. Foi interessante observar que a partir da dinâmica, as professoras entenderam e instauraram no filme elementos técnicos, mas sem a minha imposição.

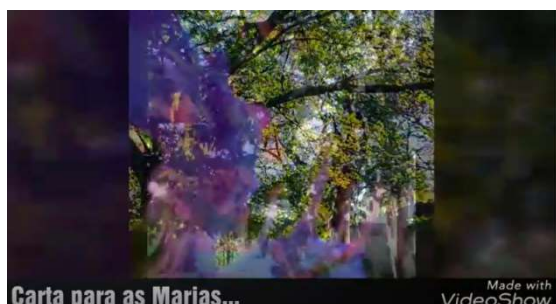
Aula 4: Aplicativo VideoShow

Assim como foi feito com as professoras, também nos propusemos a explicar sobre as ferramentas disponíveis no aplicativo VideoShow. O trabalho foi feito individualmente, para que tivéssemos conhecimento do quanto o grupo havia compreendido. Foi interessante observar que a professora de Libras teve forte interesse pela função legenda, uma vez que isso possibilitaria a inclusão de seus alunos em atividades com filmes que não são legendados.

O grupo utilizou essa aula para tirar dúvidas e fazer pequenos testes com o aplicativo, se propondo a produzir um filme com as funções na aula seguinte.

Aula 5: Filme-carta

Durante a realização da oficina, o grupo de professoras (um total de 3), se interessou em se inscrever na IV Mostra Kino Campinas (com inscrições feitas em novembro de 2018 e realizada em dezembro de 2018). De maneira que propomos aprender um pouco sobre esta categoria, já pensando em inscrever o filme produzido. Após visualizarmos alguns exemplos de filmes-carta, as 3 professoras confeccionaram um filme com tal dispositivo, além de fazer uso dos recursos do



e na edição.

aplicativo VideoShow. Foi interessante observar o trabalho em equipe, uma vez que cada uma se dispôs a uma função específica, seja na escolha das fotos (de um projeto que foi realizado pela EMEF Júlio de Mesquita Filho), na escolha da trilha musical

Aula 6: Esquema 5x1

Uma vez que a escola atua com o Ensino Fundamental, propusemos o esquema 5x1, ou seja, de 5 elementos até 1, mas deixando livre para que o professor desenvolvesse cada constituinte, uma vez que estávamos trabalhando com uma professora de Libras, uma de Artes e uma de Português. Abaixo elucidamos um dos esquemas pensado pela professora de Libras, exemplificando como isso poderia ser aplicado em sala de aula com seus alunos:

5 verbos (que serão escolhidos pelos alunos)

4 alunos

3 jogadores (e 1 será o diretor)

2 minutos de filme

1 área do currículo: verbos



Tal esquema exemplifica as possibilidades de variação de verbos, uma vez que a professora deixa livre para que os alunos façam sua escolha. De maneira que observamos o estímulo à criticidade dos alunos (a partir de suas escolhas), bem como o estímulo da criatividade em como apresentar esses 2 minutos de filme, e a

cooperação e colaboração quando o trabalho se dá em equipe.

Aula 7: Ressignificação do olhar e escolhas dos filmes para a IV Mostra Kino e VIII Mostra Estudantil de Cinema



Seguindo o cronograma proposto pela Prefeitura Municipal de Campinas, dentro do projeto Cinema & Educação – Educação Conectada, realizamos um total de 7 encontros, sendo este último destinado a uma revisão geral dos filmes produzidos, tanto na oficina quanto em sala de aula com os alunos das respectivas professoras. De maneira que essa resignificação do olhar serviu para selecionar quais filmes seriam inscritos na IV Mostra Kino e VIII Mostra Estudantil de Cinema, mediante as categorias propostas. Foram inscritos três filmes, dentre as categorias Kino Lumière e Kino Carta, sendo um selecionado para ser apresentado durante o evento.



VI.III.I.I Resultados e conclusão:

Aplicar a oficina “Filmeducação”: um cinema possível na escola contemporânea, na EMEF Júlio de Mesquita Filho possibilitou ampliar nosso olhar perante a funcionalidade dos filmes no Ensino Fundamental I, aqui focado no estímulo da escrita durante o processo de alfabetização e na inclusão de alunos surdos em projetos culturais da escola. Pelo contato com as professoras e do conhecimento das principais lacunas e dificuldades vivenciadas por elas nas suas respectivas turmas, propomos dispositivos que pudessem ser replicados em sala de aula e que pudessem estimular os alunos a partir das dificuldades vividas. Assim, durante o período de outubro e novembro de 2018, as professoras procuraram realizar atividades fílmicas com seus alunos, fazendo uso do que estavam aprendendo na oficina.

Infelizmente, observamos uma baixa demanda da escola em relação ao número de professores, uma vez que a oficina foi realizada em um período oposto ao trabalhado, podendo ser uma das razões para a baixa participação do corpo docente. As professoras também ressaltaram que, devido à necessidade de cumprir

o currículo proposto em um determinado período, não há espaço para uma mudança de dinâmica em sala de aula como a incorporação da produção fílmica em sala de aula em um número considerável de atividades. Tal conhecimento serviu para termos noção dos contratempos vivenciados na escola e como isso se reflete quando há tentativa de conciliar cinema e educação a longo prazo.

Por fim, acreditamos que através dos conhecimentos adquiridos e do estímulo da produção fílmica e de suas possibilidades quando realizada, as professoras serão capazes de replicar suas experiências para com seus alunos. Entretanto, tal realidade só será possível se houver continuidade das atividades por parte das professoras mesmo com a finalização das oficinas, demonstrando que o incentivo por parte da direção e coordenação da escola é de suma importância para que tal iniciativa não se perca nem se finde nos sete encontros realizados.

Canal do youtube da EMEF Júlio de Mesquita Filho:
https://www.youtube.com/channel/UCa-2fxxzKAc7z_gy7KI07vA/videos

VI.III.II CEI Brígida Costa:⁷⁸

Período: 09/10/2018 a 13/11/2018

Área dos professores participantes: Educação Infantil

Aula 1: O outro - um primeiro encontro entre os colegas de sala + Câmera Parada



Devido a um número maior de participantes, optamos pela realização da dinâmica de primeiro dia de oficina a partir do dispositivo do filme de Cao Guimarães, juntamente com o dispositivo da câmera parada. A ideia de estimular o trabalho em equipe desde o início foi uma das prioridades, demonstrando que para haver prosseguimento após o período das aulas, seria necessário a participação da equipe como um todo. Assim, após assistir ao trailer de “Rua de mão dupla”, 3 grupos foram formados com a troca de objetos entre si, havendo interação do grupo como um todo a partir das produções fílmicas e revelação do dono do objeto. Com



⁷⁸ Todos os filmes produzidos estão na pasta “CEI Brígida Costa – formação de professores”.

o tempo restante da aula, sugerimos a produção de um filme com a câmera parada, porém com intervenção de voz off dialogando com a imagem em questão.

Aula 2: Trilha sonora – Uma imagem para um som

Repetimos o processo realizado com a EMEF Júlio de Mesquita Filho, apresentando os trechos de filmes e curtas brasileiros correspondentes às situações do som na imagem, tanto como música diegética quanto para contextualizar um sentimento ou regionalismo. Assim, a partir de 3 sons disponibilizados, as professoras deveriam escolher 1 para a construção da imagem e, após a realização desta, contextualizar um som para uma ideia de imagem.



Aula 3: Aplicativo VideoShow



Como tínhamos um número de aula reduzido (apenas 6 aulas), optamos pela aplicação da oficina com a explicação das funcionalidades do aplicativo na terceira aula, para que as nas próximas aulas houvesse o uso da ferramenta. Ao contrário do que vivenciamos nas outras escolas, as professoras optaram nessa aula pela produção em grupo, uma vez que algumas professoras demonstraram maior facilidade com as funcionalidades do que outras. Os dois filmes produzidos captaram momentos com as crianças, ilustrando a interatividade dos pequenos para com a câmera.



Aula 4: Kino objeto ou Documentário

Por meio da entrevista exemplificada pelo filme “Favela da Central” e da interatividade com o objeto a partir do trecho do filme “Reflexões de um liquidificador”, propomos às professoras a escolha perante os dois dispositivos. As professoras optaram pela entrevista e por não se dividirem em grupo, determinando funções específicas entre as componentes, tais como: escrita das perguntas para a pessoa entrevistada, edição, direção e entrevistadoras. A escolha se deu pela participação de Gilda, uma das



cozinheiras da escola e, ao final da produção do filme, foi convidada para assistir ao filme projetado na sala.

Aula 5: Filme-carta



Assim como a EMEF Júlio de Mesquita Filho, a CEI Brígida Costa também se interessou em participar da IV Mostra Kino e VIII Mostra Estudantil de Cinema. De maneira que optamos apresentar as características do dispositivo do Filme-carta, caso elas optassem pela inscrição neste formato. De maneira que o filme produzido foi a declamação e interpretação imagética do poema de Carlos Drummond de Andrade, “Carta”.

Aula 6: Ressignificação do olhar e escolhas dos filmes para a IV Mostra Kino e VIII Mostra Estudantil de Cinema

Revisamos todos os filmes produzidos e, perante as categorias propostas pela Mostra, a turma escolheu quais deveriam participar. Infelizmente, nenhum dos três filmes inscritos foram selecionados para exibição no evento, porém foi interessante observar como este foi um estímulo para a produção dentro da escola. Mesmo após o resultado, a escola se propôs a continuar produzindo filme com as crianças, ilustrando algumas atividades realizadas pelos pequenos.

Canal do youtube da CEI BrígidaCosta:
<https://www.youtube.com/channel/UCduj34yx86irf9324P6L63Q/featured>

VI.III.II.I Resultados e conclusão:

Apesar do pequeno número de aulas, percebemos que houve comprometimento das professoras e uma tentativa de movimentar a escola a partir das produções fílmicas. Alguns filmes foram produzidos com suas respectivas turmas (conforme em anexo na pasta “CEI Brígida Costa – formação de professores”), demonstrando que houve interesse em replicar os conhecimentos. Entretanto, assim como se deu na EMEF Júlio de Mesquita Filho, é necessário que haja estímulo a longo prazo da coordenação da escola em manter o projeto ativo, bem como incentivo para com o corpo docente de seguirem aplicando na sala de aula a produção fílmica.

Conclusão: um cinema possível na escola contemporânea

Ao longo de nossa trajetória de formação, observamos que a escola é um espaço que abre as portas para o cinema. Não àquele cujo filme possui um trailer exibido em grandes salas com uma produção de tirar o fôlego, mas a um cinema que se dispõe a dialogar com um espaço que, até então, possuía uma certa rotina de ensino. É um cinema que propõe aproximar pessoas que convivem diariamente, mas que se distanciam pela hierarquia entre “os que ensinam” e “os que aprendem”.

Ficou evidente a mudança na rotina escolar do CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun ao longo dos dois anos de formação. Isso ocorre porque professores e alunos também mudam suas posturas de quem ensina e de quem aprende, de maneira que o conhecimento e a troca de saberes interagem com a experiência de produzir um filme, por curto e simples que ele seja. Através dos filmes produzidos pela CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun, observamos professoras que se desdobram em brincadeiras e interações criativas com a câmera, de maneira que a liberdade criativa vivenciada seja um mote para a reprodução da experiência com as crianças do ensino infantil, ilustrando que:

O que torna a aprendizagem humana singular não é a assimilação direta da realidade, mas o contato e a troca com outras consciências e sensibilidades. A escola se firma como o espaço e tempo dos encontros entre os muitos sujeitos culturais que a fazem existir; assim, como educadores, faz parte de nossa tarefa levarmos em conta fundamentalmente aqueles que pretendemos educar. (CARRANO, 2005, p.156).

O espaço propiciado pelas atividades propostas pelas professoras proporciona aos alunos a aprendizagem mencionada por Carrano (2005), na qual estes podem expressar como “enxergam o mundo da escola” e a sensibilidade permeada pela infância. Entretanto, ressaltamos que o encontro entre culturas e sujeitos só é viável porque a escola e seus educadores permitem que esse cinema se torne possível. A essência da sensibilidade já está inserida no sujeito cultural, mas sua expressão por vezes impossibilitada de se manifestar, muitas vezes se deve ao fato de que “[...] estamos sempre querendo saber o que o aluno sabe ou deixa de saber” (CARRANO, 2005, p. 156).

Assim, temos o CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun como nossa primeira

aposta na ideia de exaltar um cinema resultante do espaço escolar, daqueles que dele fazem parte, da permissão de uma câmera em sala de aula e de suas interações entre atividades, educandos e educadores. Sabendo e ressaltando a ideia de que:

O trabalho com produção de imagens e cinema nos convida a ir além de uma reflexão sobre os modos de olhar, ver e se afetar pela imagem, isto é, acreditamos que há uma reflexão mais ampla que se torna aí necessária na medida em que esses modos de olhar, ver e se afetar implicam políticas de gestão da vida, de controle da existência ao criar modos de ver, olhar, sentir e ser na vida. (LEITE; CHRISTOFOLETTI, 2015, p. 42).

Neste sentido, concordamos com os autores ao ressaltarem o convite da produção de imagem e o que causa quando é permitida uma maior atenção a ela. A partir do momento em que a CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun criam um cineclube com as produções de suas professoras, monitores e alunos, e apresentam os filmes para os pais, estão desenvolvendo e permitindo novos modos de olhar para a infância do filho, do aluno, para a visão da criança sobre ela mesma e sobre as brincadeiras que a cercam, além da perspectiva das professoras enquanto educadoras rodeadas por infâncias únicas.

Ter tido esse espaço como formadora serviu para firmarmos nossa crença nas possibilidades desse cinema, que se desenrola a partir de dispositivos e de filmes brasileiros, de diálogos sobre distintas vivências e culturas. Esse cinema que se transformou em um cineclube porque se tornou muito grande para ficar apenas entre as professoras e seus alunos e que, graças à abertura para a implantação do projeto, permitiu irmos além das aulas de formação, se instaurando como parte integrante da escola. Este cineclube, diferente daqueles com filmes prontos e discutidos por cineastas, se deslumbra na contemplação da infância e de suas vertentes derivadas da vivência escolar, demonstrando que “[...] nas escolas a exibição de filmes ganha novos sentidos. [...] A educação pode assim inventar outras educações visuais/estéticas, não sobre, mas com o cinema” (MIRANDA; GUIMARÃES, 2015, p. 155).

A partir desse pensamento seguimos com as outras formações nas escolas EMEF Júlio de Mesquita Filho e CEI Brígida Costa. Entretanto, tínhamos a intenção de replicar a experiência obtida na primeira aposta, entretanto, nos demos conta de

que não há espaço para generalização. Assim, concordamos com Carrano (2005) quando afirma que “[...] as escolas não são iguais; elas possuem distintas condições físicas, professores com diferentes níveis formativos, interesses, práticas e ideologias” (p.160).

Percebemos que o cinema que nasce da/na/pela escola não possui um formato exato, tampouco uma fórmula pronta para seu desenrolar. Apostamos numa aprendizagem com troca de saberes, estando na posição de formadora, e nos posicionamos como um sujeito que se permite aprender com a escola, com outra realidade e vivências. Se reforçamos aos educadores a necessidade de mudança de postura sobre a unilateralidade de conhecimento, cabia a nós o mesmo posicionamento:

Acreditamos que a escola deve ser o lugar de aprender coisas. De fato, ela o é; entretanto, deveria ser também o espaço-tempo cultural onde seríamos estimulados a desaprender (*dediscere*), ou questionar, os vários condicionamentos sociais de que nos afastam da autoconsciência e da solidariedade. (CARRANO, 2005, p.161).

Assim, desaprendemos que o cinema possível na escola contemporânea possui um padrão. Não apostamos na réplica, porque seriam pessoas distintas em realidade escolar outra. Preferimos apostar na ideia de que o cinema se daria pela aprendizagem humana, pela troca de saberes entre os componentes do grupo, pela escolha das funções que cada um teria na produção fílmica e pela percepção individual a partir do mesmo filme brasileiro.

Percebemos que as singularidades de uma escola de Ensino Infantil não se comparam às de uma Escola de Ensino Fundamental I e II, bem como, as experiências e alunos do ano correspondente. Ter vivenciado a experiência em ambas as escolas simultaneamente, nos propiciou observar o quão rico e variado é o cinema que transborda e se desdobra a partir da sala de aula.

Por isso o chamamos de “filmeducação”, em que o filme e a educação se mesclam e interagem em seus processos criativos e de conhecimento. Assim, não estamos dizendo que a educação é filmada ou o filme é educativo, mas que se relacionam numa parceria que acontece junto à formação geral dos alunos e dos professores. Acreditamos que relacionando conteúdos curriculares com a aprendizagem do aluno por meio de sua produção fílmica, de seu filme e de sua “educação”, a assimilação de conhecimentos não se separam; assim como, quando

as professoras filmam uma atividade dos alunos ou simplesmente apresentam um novo olhar sobre a escola.

Nesse sentido se deu a quebra de um modelo sobre a possibilidade do cinema na escola contemporânea. Partindo dos dispositivos e da fruição dos filmes brasileiros, as duas escolas apresentaram resultados distintos, assim como diferentes experiências com os alunos. Nessa experiência, foi importante explorar a versatilidade que os filmes poderiam ter e o quanto poderia ser explorado a partir de suas visões de mundo, partindo-se da ideia de que “[...] o cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas” (DUARTE, 2017, p. 90).

Através de um dos filmes exibidos na CEI Brígida Costa, por exemplo, uma das professoras registrou a melhora de uma deficiência intelectual, em que algumas habilidades motoras foram se desenvolvendo em um determinado período de tempo, enquanto outra registrou uma atividade extraclasse, uma brincadeira no parque. A EMEF Júlio de Mesquita Filho fez uso da ferramenta de legenda para proporcionar a inclusão de alunos surdos e a produção de um filme em que eles se tornaram protagonistas de uma mensagem para outros surdos. Partindo de uma gravação feita por celular, sem qualquer pretensão de se assemelhar a um filme comercial, foram possíveis diálogos, comprovando o fato de que “[...] de alguma forma os filmes criam zonas de discussão, espaços possíveis onde as palavras podem circular longe de verdade predefinidas, dadas; o que circula, o que faz são palavras, campos de sentidos, percepções e modos de afetação” (LEITE; CHRISTOFOLETTI, 2015, p. 43).

Então, o que seria esse cinema? Chamamos de cinema toda relação e aprendizagem humana construída desde o planejamento do professor, incluindo sua ideia de dispositivo, de temática e de filme brasileiro. Chamamos de cinema o diálogo antes do filme e depois dele, bem como, aquilo que o filme não chegou a falar, mas despertou em quem o assistiu. Chamamos de cinema o ato de pegar o celular e filmar, seja para uma finalidade artística ou como uma atividade relacionada ao currículo vivenciado. Chamamos de cinema a discussão antes, durante e após a produção fílmica, em que os alunos demonstram em sala de aula o resultado da interação de suas culturas particulares, da comunicação e do trabalho em equipe. Chamamos de cinema a troca de saberes, a construção de conhecimento resultante

da interação entre educador e educandos, ultrapassando velhos costumes relacionados à “decoreba” e, parafraseando Rancière (2007), e ao impulso ao saber que não vem de algo pronto, pois “[...] o aluno deve tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à tríplice questão: o que vê? O que pensas disso? O que fazes com isso? E, assim, até o infinito” (p. 35).

Logo, tal cinema se torna possível quando a escola, no limite de suas possibilidades, permite que ele se desdobre por entre as salas de aula, corredores, professores, alunos e funcionários. O cinema não apresenta uma ideia fechada, estando livre de padrões, uma vez que seu propósito é fazer parte da construção da aprendizagem e não ditá-la a partir de um modelo.

Esse é o cinema que achamos ser possível na escola contemporânea. As oficinas estruturadas e apresentadas aos professores serviram para ilustrar as possibilidades e variações fílmicas a partir dos mesmos dispositivos, porém, não se estabeleceram como metodologia fechada. Acreditamos que os exemplos baseados na metodologia, que resultaram nas três apostas de oficinas, mostram como elas podem ser aplicadas, independente da área de atuação do professor. Assim, de uma base metodológica sucedem distintos filmes, cada qual com um olhar particular, embasado na bagagem cultural e na área de conhecimento específica. Logo, o cinema se torna possível no ambiente educacional porque a escola consente, sendo que o primeiro se resignifica, deixando de ser visto como um produto audiovisual para a apreciação em sala escura, e a segunda, se coloca como um lugar de atravessamentos.

O conhecimento da trajetória brasileira sobre a relação cinema e educação, nos possibilitou entender o que já havia sido feito e o quanto o país se propõe a instaurar um diálogo entre essas duas vertentes. Ressaltamos os motivos que nos levaram a acreditar na viabilidade de um cinema que atravessa o ambiente e a rotina da escola, que se deixa ser transformada por esse encontro.

Mesmo diante dos benefícios e transformações apresentadas, percebemos que muitos são os obstáculos que dificultam a união entre cinema e educação, portanto, temos consciência de que a escola não pode ser generalizada, assim como, não nos cabe propor a sua salvação. A temática desta tese nos permitiu compreender que a partir da formulação de oficinas fundamentadas numa metodologia baseada em dispositivos, no curta brasileiro, na perspectiva para a sala de aula e na experiência, e permeada pelos 4 valores - comunicação, colaboração,

criatividade e criticidade -, é possível a aplicação de uma prática de cinema na escola atual.

Propusemos o uso de celulares por serem equipamentos bastante comuns e acessíveis, que podem ser usados como substitutos às câmeras ou filmadoras profissionais. Propusemos o uso de um aplicativo gratuito como o VideoShow com o intuito de facilitar a aproximação das ferramentas de edição, viabilizando a utilização desses recursos. Propusemos o uso de curtas brasileiros publicados no YouTube minimizando as dificuldades para a realização dos filmes e para valorizar projetos que foram desenvolvidos de maneira independente.

Por fim, acreditamos que a escola se permitirá cada vez mais estar aberta às relações humanas que a experiência da produção fílmica proporciona, embora existam vários percalços pelo caminho. Poder contemplar essas relações a partir do contato com as escolas, em que as oficinas foram realizadas, foi um privilégio e por isso finalizamos a pesquisa sem a descrença de que cinema e educação não terão espaço para se aproximarem. Pelo contrário, finalizamos com a certeza de que esta parceria possui uma longa jornada pela frente.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? **Revista Outra Travessia**, n.5, UFSC, 2005, pp.9-16. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/viewFile/12576/11743> Acesso em: 02/07/2017.
- ALMEIDA, G. O ensaio fílmico como encontro entre o sujeito e o mundo por meio do cinema. **REBECA: Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**. v.5, n.1, 2016, pp.1-6.
- ALMEIDA, M. Prática educacional como o cinema nas Licenciaturas. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, v.20, n.2, pp.125-134, jul-dez. 2015.
- ALVES, G. **Trabalho e Cinema: O Mundo do Trabalho Através do Cinema**. Ed.Praxis, 2006.
- AMADO, J. Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. **Interacções**. Santarém, v. 13, 2009, pp.301-326.
- AMÂNCIO, A; CHALUPE, H; SALVATIERRA, E; NÚÑEZ, F; NOVA, J; BRAGANÇA, M; FREIRE, R. Novos desafios frente à Lei 13.006/14. . In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp.26-31.
- ANTONIO, J. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular), Professor Digital, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em: <https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>. Acesso em: 13/05/2017.
- BARRAL, G. Liga esse celular! Pesquisa e produção audiovisual em sala de aula. **Revista Fórum Identidades**. ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 6, Vol. 12. jul-dez de 2012
- BERGALA, A. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Trad. Mônica Costa Netto; Silva Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/Uerj, 2008.
- _____,A. “Para as crianças, o cinema é uma possibilidade de experimentar a vida”. **Revista NOVA ESCOLA**, ed. 255, set. 2012. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/922/entrevista-com-alain-bergala>. Acesso em 03/12/2016.

BFI Education. **Look Again:** A teaching guide to using film and television with three to eleven-year olds. Disponível em: <https://www.bfi.org.uk/sites/bfi.org.uk/files/downloads/bfi-education-look-again-teaching-guide-to-film-and-tv-2013-03.pdf> Acesso em: 26/04/2019.

_____. **Moving Images in the Classroom:** film education a secondary teacher's guide to using film & television. Disponível em: <https://www.bfi.org.uk/sites/bfi.org.uk/files/downloads/bfi-education-moving-images-in-the-classroom-2013-03.pdf> Acesso em: 12/04/2019.

BFI SOUTHBANK. Disponível em <https://www.geleiacultural.com/londres/cinema-teatro/bfi-southbank/> Acesso em 23/04/2019.

BRADFORD CITY OF FILM. **FILM: 21ST CENTURY LITERACY.** Disponível em: <https://www.bradford-city-of-film.com/learn/film-literacy/> Acesso em 08/04/2019.

BRAIT, B. **A personagem.** São Paulo: Ática, 1985.

CAMPOS, C. Aulas em campo ajudam alunos a entenderem assuntos estudados. Entrevista concedida a Lourenço Filho. In. **O Povo Online.** 17/02/2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/especialpublicitario/lorencofilho/2018/10/como-as-aulas-de-campo-auxiliam-no-aprendizado.html> Acesso em: 08/04/2019.

CAMPOS, R. Cinema, Geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro SP, 2006, pp.1-22.

CARRANO, P. Identidades juvenis e escola. In: UNESCO. **Construção coletiva:** contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO/MEC; RAAAB, 2005. p. 153-163.

CARRASCO, Ney. Trilhas: o som e a música no cinema. **ComCiência**, Campinas, n. 116, 2010.

CORREIO BRAZILIENSE. O papel da tecnologia. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/escolhaaescola/papel-da-tecnologia-escolha-a-escola/> Acesso em: 08/04/2019.

CORROCHANO, M; PISTILLI, P. Gerações em diálogo: cinema e produção audiovisual no Ensino Médio. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação:** a lei

13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp. 157-166.

DELEUZE, G. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, E; DREYFUS, H; DELEUZE, G. **Michel Foucault**, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____, R; ALEGRIA, A. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**, 33 (1), 2008, pp.59-80.

FAMA EDUCATIVA. **Projeto Curta na Escola**: O potencial do uso do audiovisual na educação. 10/03/2015. Disponível em: <http://famaeducativa.com.br/projeto-curta-na-escola-o-potencial-do-uso-do-audiovisual-na-educacao/> Acesso em 18/04/2019.

FANTIN, M. Fragmentos e imagens de crianças no cinema: a inversão do olhar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu-MG. *Anais eletrônicos...*, Caxambu: Anped, 2004. In: FONSECA, M. Cinema na escola para quê? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v.13, n.31, 2015, pp. 32-55.

FERNANDES, A. A professora disse que hoje não vai ter aula e que é filme – A obrigatoriedade de filmes e o cineclube como acesso formativo aos filmes: Um desafio a partir da legislação. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp.99-107.

FONSECA, M. Cinema na escola para quê? **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v.13, n.31, 2015, pp. 32-55.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa: Edições 70, 1998.

_____, M. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. pp. 243 – 27.

FRANCO, M. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. In. FRESQUET, Adriana (Org). **Dossiê cinema e educação #1: uma relação sobre a hipótese de alteridade de Alain Bergala**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

FRESQUET, A. **Cinead Brincante**: O minuto Lumière. Projeto de oficina do projeto

“Cinema para aprender e desaprender”. Disponível em: https://www.eefd.ufrj.br/files/Resumo_Adriana_F_2009.pdf Acesso em: 16/04/2017.

_____, A. **Cinema e educação**: reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e “fora” da escola. São Paulo: Autêntica, 2013.

FRETAS, M. O cinema na formação de professores: uma discussão. . In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação**: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp. 92-98.

FURTADO, TERESA. VideoShow. **TechTudo**. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/videoshow.html> Acesso em: 29/04/2019.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo. v. 35, n.2, 1995, pp.57-63.

HUNT, R; MARLAND, J; RAWLE, S. A linguagem do cinema: coleção fundamentos de cinema. Porto Alegre: Bookman, 2013.

IAR – UNICAMP. **As cores e a luz no cinema**. Disponível em: https://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cinema%20V%EDdeo%20e%20TV/Pesquisa/as_cores_e_a_luz_no_cinema.pdf Acesso em: 08/11/2018.

IDOETA, P. 4 coisa ainda desanimadoras da rotina do professor no Brasil – e 3 coisas que estão melhorando. 15/10/2017. **BBC Brasil**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41520242> Acesso em: 08/04/2019.

IMAGENS EM MOVIMENTO. O projeto. Disponível em: <http://imagensemovemento.com.br/o-projeto/#apresentacao> Acesso em: 24/04/2019.

INVENTAR COM A DIFERENÇA. Disponível em: https://www.redekino.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Inventar_com_a_Diferenca_UFF.pdf Acesso em: 25/04/2019.

LARA, T. **Cinemateca Brasileira**: cinema, educação e inclusão social - As ações educativas do Departamento de Cinema Infanto-juvenil (1954 - 1966). 2015. 1 recurso online (158 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de

Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/321412>. Acesso em: 26/04/2019.

LEITE, C; CHRISTOFOLETTI, R. Pra que cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteiras de encontros. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas.** Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp.40-50.

LINS, C; MESQUITA, C. **Filmar o real:** sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

MAINSTREAM. **Cambridge Dictionary.** Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mainstream> Acesso em 02/05/2019.

MANO, Maíra. O cinema como um aliado. **Revista NOVA ESCOLA** ed.37, set. 2016. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7591/o-cinema-como-um-aliado>. Acesso em: 05/04/2019.

MARCELLO, F. O encontro entre cinema e escola. In: **Pátio: Educação Infantil.** Ano VII Março/Junho 2009.

MATELA, R.C. *Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo.* Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2008. In: FONSECA, M. Cinema na escola para quê? **Revista Educação e Cultura Contemporânea.** v.13, n.31, 2015, pp. 32-55.

MELO, C. O documentário como gênero audiovisual. *Comun. Inf.*, v. 5, n. 1/2, 2002, pp.25-40.

_____, C. Produção cultural brasileira: dificuldade e resistência. In. **Jornal (online) A Verdade.** 03/10/2016. Disponível em: <http://averdade.org.br/2016/10/producao-cultural-brasileira-dificuldade-e-resistencia/> Acesso em: 08/04/2019.

MIRANDA, C. Fazer Cinema Na Educação – Uma Utopia em Construção. **Revista Contemporânea de Educação,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2010, pp.39-52.

MIRANDA, C; GUIMARÃES, L. Cinema na escola: da formação de professores para prática escolar. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas.** Belo Horizonte: Universo Produções, 2015,

pp.149-155.

MORAN, J. Mudar a forma de ensinar e de aprender: Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. **Revista Interações**, São Paulo, 2000. vol. V, pp.57-72.

_____, J. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas,SP: Papyrus, 2000.

_____, J. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2] jan./abr. pp.27-35, 1995.

MORGADOURO, C. Formação audiovisual dos professores. **Instituto Net Claro Embratel** – Educação. 14/06/2016. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opiniao/formacao-audiovisual-dos-professores/> Acesso em: 23/04/2019.

MUMFORD, S. The Benefits of Film Education in Schools. **We are Ive**. Disponível em: <https://weareive.org/the-benefits-of-film-education-in-schools/> Acesso em: 12/04/2019.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____, M. **Como usar a cinema em sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NASCIMENTO, R; BEZERRA, F; HEBERLE, V. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem & Ensino**. Pelotas. v.14, n.2, 2011, pp.529-552.

O GLOBO. **Pelo menos 43 mil escolas brasileiras não têm equipamentos para exibir filmes**. 14/07/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pelo-menos-43-mil-escolas-brasileiras-nao-tem-equipamentos-para-exibir-filmes-13249911> Acesso em: 08/04/2019.

OLHO – **Grupos de Pesquisa da Faculdade de Educação**. Laboratório de Estudos Audiovisuais. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/ep145/restrito/gpfe.htm>. Acesso em: 18/04/2019.
PACHECO, R. Reflexões sobre o campo do cinema e educação. **Revista Teias**:

Cinema e educação em debate. v. 17, n. 47, 2016, pp. 85-100.

_____, R. Cinema, cem anos de juventude: um programa internacional de educação ao cinema implementado em Portugal. **Revista Entreideias**, Salvador, v.6, n.1, 2017, pp.79-100.

PEIXOTO, A. Um Sonho, um Belo Sonho. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 5,14 set. 1929. In: DUARTE, R.; ALEGRIA, A.. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**, 33 (1), 2008, pp.59-80.

PIMENTEL, L. **Educação e Cinema**: dialogando para a formação de poetas. São Paulo: Cortez, 2011.

PINHEIRO, J. E se eu assistir a duas horas de filme brasileiro por mês na escola? In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação**: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp.77-79.

PLANALTO. **Entenda o que muda com a nova Base Nacional Comum Curricular**. 20/12/2017. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/mandatomicheltemer/acompanhe-planalto/noticias/2017/12/entenda-o-que-muda-com-a-nova-base-nacional-comum-curricular> Acesso em 09/04/2019.

_____. **Lei 13.006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm Acesso em: 04/04/2019.

PREFEITURA DE CAMPINAS. **Escolas exibem, produzem e debatem filmes no programa “Cinema e Educação”**. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=35078> Acesso em: 30/05/2019.

PROGRAMA CINEMA & EDUCAÇÃO. **Educação Conectada**. Disponível em: <http://educacaoconectada.campinas.sp.gov.br/programa-cinema-educacao/objetivos/> Acesso em 24/04/2019.

PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO AUDIOVISUAL. **Kino Clube**. Disponível em: <http://alfabetizacaoaudiovisual.blogspot.com/2019/04/kino-clube-cineclube-escolar.html>. Acesso em: 24/04/2019.

RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... o que é mesmo documentário? São Paulo: Senac/SP, 2008. 447p.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: Estética e Política. Tradução Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org./Editora 34, 2005.

_____, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. São Paulo: Autêntica, 2007.

REID, Mark. Film Literacy in a contemporary landscape. **Bradford Film Education Symposium** 25/03/2019. Disponível em: https://www.slideshare.net/markreid1895?utm_campaign=profiletracking&utm_medium=sssite&utm_source=ssslideview. Acesso em: 25/04/2019.

ROZEMBEG, E. Conheça os 5 maiores desafios do professor. **SomosPar**. 13/07/2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/maiores-desafios-do-professor/> Acesso em: 08/04/2019

SANTOS, M; BARBOSA, M; LAZZARETI, A. À luz da Lei. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação**: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp.32-39.

SANTOS, E; FARIA, M. O filme como material didático: uma experiência intervencionista desenvolvida no estágio de regência. **RDIVE**, João Pessoa -PB, v.1, n. 1, 2016, pp.123-141.

SEMENTE CINEMATOGRAFICA. Quem somos. Disponível em: <http://www.sementecinematografica.com.br/quem-somos/> Acesso em: 25/04/2019.

_____. CARTOGRAFIA DE IMAGENS: FILME CARTA, FORMAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO. Disponível em: <http://www.sementecinematografica.com.br/rumos-itaucultural-cartografia-de-imagens-filme-carta-formacao-e-experimentacao/> Acesso em: 25/04/2019.

_____. Formação de professores. Disponível em: <http://www.sementecinematografica.com.br/o-que-fazemos/formacao-de-professores/> Acesso em: 25/04/2019.

SILVA, L; SANTOS, M. A linguagem cinematográfica na formação de professores e na escola: análise de uma experiência. **Educação e Diversidade**. v.1, n.1, 2017,

pp.31-48.

SILVA, Ricardo Augusto da. Com telas e robôs ou lousa e giz, o importante é a qualidade do ensino. **Blog UNICAMP A Pedra**: educação, tecnologia e movimento “open”. 29/09/2016. Dados disponíveis em: <https://www.blogs.unicamp.br/apedra/2016/09/29/com-telas-e-robos-ou-lousa-e-giz-o-importante-e-qualidade-do-ensino/> Acesso em: 09/04/2019.

SOUSA, C. O encontro entre cinema e educação: olhares sobre um trabalho pedagógico na escola. **Imagens da Educação**. v.5, n.2, pp.45-56, 2015.

SOUZA, A; LINHARES, R. Luz, câmera e educação: a pedagogia do cinema na formação de professores. **Interfaces Científicas**. Aracaju, v.1, n.1, 2012, pp.9-20.

STECZ, S. Cinema na escola: muitos desafios no horizonte. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação**: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp. 140-148.

TEIXEIRA, I; AZEVEDO, A; GRAMMONT, M. O cinema pela escola: aproximações à Lei 13.006/2014. In: FRESQUET, A. (Org.). **Cinema e educação**: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, pp. 82-91.

_____. “Me ajuda a olhar!” O cinema na formação de professores(as). **Revista Educação em Foco**. UEMG. Ano 17, n. 24 - dezembro 2014 - pp. 123-143.

VIEGAS, A. Como aproveitar o uso de celular em sala de aula. **PAR** – plataforma educacional. 27/06/2018. Disponível em: <https://www.somospar.com.br/uso-do-celular-em-sala-de-aula/> Acesso em: 23/04/2019.

VIEIRA, L. Infraestrutura deficiente é obstáculo a filme em escola. 17/07/2014. **Compromisso Campinas**. Disponível em: <https://compromissocampinas.org.br/infraestrutura-deficiente-e-obstaculo-a-filme-em-escola/> Acesso em: 08/04/2019.

WUNSCH.L.P; BLASZKOWSKI, D. A. A. M. ; CUCH, L. R. ; CRUZ, M. B. Anais do XIII Congresso Nacional de Educação Educere. **Comunicação, Colaboração, Criatividade e Criticidade**: Os 4C e os saberes do docente na Educação Básica. 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24758_13961.pdf Acesso em: 23/04/2019.

APÊNDICES

Apêndice A

Projetos contemporâneos: principais atividades e realizações



O Cinema vai à escola:⁷⁹

O projeto O cinema vai à escola – o uso da linguagem cinematográfica na educação, em continuidade à política da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de subsidiar a rede pública de ensino com materiais, equipamentos e acervos didáticos, fornece às escolas de Ensino Médio um conjunto de filmes de diferentes categorias e gêneros, em DVD, acompanhado de materiais de apoio à prática pedagógica.

Com esse acervo, pretende-se facilitar o acesso dos alunos a produções cinematográficas que contribuam para a formação crítico-reflexiva do jovem e do adulto, a ampliação do seu repertório cultural, o desenvolvimento da sua competência leitora e o diálogo entre o currículo escolar e as questões socioculturais mais amplas.

Justificativa:

Na contemporaneidade, é importante que a Educação Escolar ofereça aos alunos oportunidades de conhecer e aprender por meio de uma das principais linguagens da atualidade: a linguagem cinematográfica. Seu uso, como prática educativa, facilita significativamente o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais.

Por intermédio da leitura e análise de imagens e de ferramentas utilizadas pelo cinema, o trabalho com essa linguagem, entre outros aspectos, contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica do mundo e das novas tecnologias, tendo em vista os benefícios que proporciona à formação do aluno. A cada exibição cinematográfica, novos olhares, sensações e experiências se renovam e se fortalecem e ainda podem gerar reflexões que se prolongam por toda a vida. Os universos reais e fictícios projetados na tela simulam contextos e cenários que retratam valores individuais e coletivos, que poderão ser discutidos e ampliados por

⁷⁹ Dados disponíveis em: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/cinema/cinema.aspx>

meio do debate com a comunidade escolar.

Com sua expressiva versatilidade, a linguagem cinematográfica compreende, além de um corpo de conhecimento notável, mecanismo de interfaces com outras linguagens, dialogando com várias expressões: o teatro, a dança, a música e as artes visuais. Assim, pelo exposto, justifica-se a execução desse projeto nas escolas estaduais de Ensino Médio, criando-se também nova oportunidade para uma concepção mais abrangente da intersecção educação/cultura.

Vale registrar que o projeto poderá ser ampliado com as ações conjuntas que vêm sendo realizadas com a Secretaria Estadual da Cultura.

Objetivo:

Favorecer o acesso de educandos e educadores do Ensino Médio das escolas estaduais do Estado de São Paulo à produção cinematográfica de diferentes categorias e gêneros, com apoio de material para a prática educativa. Que o aluno possa:

- conhecer a linguagem cinematográfica como mais um elemento constitutivo de sua formação;
- analisar produções cinematográficas, estabelecendo o diálogo entre a narrativa do cinema, os conhecimentos adquiridos ao longo da escolaridade básica e os demais conhecimentos;
- incorporar a arte do cinema ao seu repertório cultural, ampliando, assim, sua potencialidade no exercício de uma postura crítica e reflexiva na vida e no trabalho.

Público-alvo:

Alunos de Ensino Médio das 91 Diretorias de Ensino da Rede Estadual de SP.

Produção de materiais de apoio didático:

I. Caderno de Cinema do Professor:

Esta publicação trata de alguns referenciais teóricos e de orientações didático-metodológicas para o trabalho com a linguagem cinematográfica na escola, por meio de textos produzidos por especialistas e entrevistas com cineastas e educadores. Além disso, oferece informações técnicas

como sinopses e créditos dos filmes, glossário e referências bibliográficas.

II. II. Vídeo: Luz, Câmera... Educação!

Integra o conjunto um DVD com vídeo especialmente produzido para o projeto, que aborda a linguagem cinematográfica, seus códigos e artifícios, com o intuito de apurar o olhar reflexivo do aluno espectador. A partir de uma cena original, são desvelados e analisados vários aspectos de uma produção cinematográfica, tais como o uso da câmera, das lentes, da iluminação, a direção de arte, o figurino, o som direto, a trilha, a montagem, a dramaturgia entre outros.

Dessa forma, o principal objetivo desse vídeo é favorecer o uso da linguagem cinematográfica na escola, transformando o trabalho pedagógico em oportunidades para que os alunos possam aprender uma das principais linguagens que fazem parte da cultura contemporânea.

Seleção do conjunto de 20 filmes em DVD:

A definição dos critérios de escolha dos filmes considerou o interesse e as necessidades do público jovem e jovem adulto, tendo em vista o currículo do Ensino Médio e a prática docente.

Os dados da consulta, por amostragem, aplicada na rede estadual aos alunos do Ensino Médio, em 2007, revelaram a preferência dos seguintes temas e assuntos de filmes:

- ética e cidadania;
- meio ambiente;
- sexualidade;
- educacionais;
- drogas;
- violência;
- históricos;
- preconceito;
- conflitos da adolescência;
- reflexões sobre a realidade;

- saúde e qualidade de vida.

Além disso, também foram considerados alguns princípios norteadores:

- produções de distintas épocas e escolas cinematográficas;
- diversidade de gêneros: documentário, ficção, cinebiografia, comédia, drama, suspense, etc.;
- produções cinematográficas de diferentes países;
- filmes não exibidos exaustivamente pela televisão.

Cineduc-RJ⁸⁰:

O Cineduc – Cinema e Educação é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1970 e declarada de utilidade pública por lei municipal do Rio de Janeiro em 17 de janeiro de 1984. É o representante brasileiro junto ao CIFEJ (Centre International du Film pour l' Enfance et la Jeunesse), órgão da UNESCO com sede em Montreal. Em seus 40 anos de existência, o Cineduc passou por três fases bem distintas.



1ª fase: de 1970 a 1980

- O trabalho se desenvolveu basicamente dentro das escolas particulares. Os cursos duravam 3 anos e terminavam com a produção de um filme Super-8. Mais de 1500 alunos eram atendidos a cada ano e foram realizados 110 filmes.

2ª fase: de 1980 a 1990

- Patrocínios possibilitaram estender o trabalho às escolas públicas e foram também criados cursos livres. O filme Super-8 desapareceu. A solução foi usar películas de 35mm para as crianças produzirem diafilmes.
- A experiência do Cineduc foi levada a outros estados brasileiros e a vários países da América Latina através do OCIC-AL (Organização Católica de

⁸⁰ Dados disponíveis em <https://www.cineduc.org.br/>.

Cinema da América Latina), com cursos de Formação de professores para o Plan Deni (Plan de Niños) em Lima, Peru; La Paz, Bolívia; Assunção, Paraguai; Montevideo, Uruguai.

- 1980 - Primeira edição de Cinema: Uma Janela Mágica, de Bete Bullara e Marialva Monteiro, primeiro livro sobre cinema escrito no Brasil para crianças e jovens.
- 1981 - Criação do programa Olho Mágico, veiculado durante 2 anos pela TVE.
- 1986 - Criação do Troféu Cineduc premiando filmes de qualidade para jovens no 1º FestRio.
- 1989 - Fundação do Cinema Criança - Festival Internacional de Filmes para a Infância e Juventude.

3ª fase: a partir de 1990

- A filiação ao CIFEJ (Centre International du Film pour l'Enfance et la Jeunesse), órgão da UNESCO, trouxe o reconhecimento internacional. O Cineduc começa a ser solicitado em festivais, seminários e mesas-redondas no Brasil e no exterior.
- Desta forma, colabora ativamente para a formulação de pontos de vista teóricos sobre imagem/educação e sobre a criança e os meios de comunicação.
- Foram produzidos nesse período o vídeo Cinema para todos, o filme Derrube Jack, curta em 16mm, o programa de TV Trama da imagem, e os dois conjuntos de exercícios Kitimagens.
- Desde o seu início, o Cineduc teve como parceiros entidades como Riofilme, SESC-RJ, Cinemateca do Museu de Arte Moderna, Casa de Rui Barbosa, Fundação Banco do Brasil, Casa França-Brasil, Instituto Goethe e secretarias de educação de vários estados e municípios.

Realizações atuais

- Sessão Criança, aos sábados e domingos, no Centro Cultural Banco do Brasil.

- Curadoria da Mostra Geração do Festival Internacional do Rio e apresentação do Programa Vídeo Fórum.
- Cineducando, na Caixa Cultural RJ.
- Consultoria para a Secretaria Municipal de Educação.

Cursos, oficinas mostras e festivais

- Mostra de Tiradentes – Oficinas para crianças e jovens "Por trás da câmera" (vídeo) e "Introdução ao desenho animado".
- Curso para professores de sala de leitura, Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.
- Mostra de Ouro Preto – Oficina para professores e Sessões Escola (apresentação de filmes e debates).
- Festival de Gramado – Oficina de Linguagem Cinematográfica para professores e de Criação e Produção de Vídeo para jovens.
- Mostra CineBH – apresentações de Sessão Escola (apresentação de filmes e debates).
- Mostra Godard 80, na Caixa Cultural RJ.
- Mostra O Cinema de Eric Rohmer, na Caixa Cultural RJ.
- Mostra XXI – Filmes Franceses Contemporâneos, na Caixa Cultural RJ.
- CCBB Itinerante, com sessões para crianças nas cidades de São Luís, Joinville, Florianópolis, Curitiba, Natal e Belém.

Rede Kino⁸¹:



Surgimento:

Criada em 2009, a Rede KINO surge do desejo de educadores, pesquisadores, cineastas, produtores e gestores da educação em compartilhar experiências e somar esforços para tratar questões relativas à articulação entre cinema e educação e viabilizar ações conjuntas.

⁸¹ Dados disponíveis em: <http://www.redekino.com.br/>

Interesses:

Superar a distância entre produção artística e formação humana; articular cinema e educação na formação intra e extra escolar de crianças e jovens; articular cinema e educação na formação de professores e exercício da docência; colaborar com a educação estética audiovisual; articular projetos em cinema e educação no âmbito latino-americano; oferecer subsídios para que a produção audiovisual latino-americana incorpore a preocupação com a educação; oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas no que diz respeito ao acesso da população brasileira à produção cinematográfica; estimular produções audiovisuais em espaços educativos.

Realizações:

Em 2015, os integrantes da Rede KINO, presentes na 10ª Mostra de Cinema de Ouro Preto – CineOP, de 18 a 22 de junho de 2015, reunidos no VII Fórum da Temática Educação, manifestaram-se, através da “Carta de Ouro Preto 2015”, sobre a promulgação da Lei 13.006, sancionada em 26 de julho de 2014, que torna a exibição de filmes de produção nacional componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola e determina a obrigatoriedade de pelo menos 2 (duas) horas mensais de exibição de filmes nacionais na educação básica.

A Rede KINO entende que a nova lei, ainda a ser regulamentada, incorre em um conjunto de ações de órgãos públicos, instituições e autoridades representantes da sociedade civil, responsáveis pela criação, implementação e fortalecimento das políticas públicas da educação e do cinema brasileiro e, indica que sejam ouvidas atentamente as demandas daqueles que também ocupam as salas de aula, as coordenações pedagógicas, as universidades, as direções escolares e também os cineastas, cineclubistas, produtores e agentes do setor.

A partir destes princípios a Rede KINO se coloca então no debate público para o fomento de discussão, ideias e experiências para o trabalho educacional com o cinema nacional na escola. Coerente com a sua criação e com sua forma de funcionamento a Rede Kino publicou em 2015, na 10ª Mostra de Cinema de Ouro

Preto – CineOP, a obra “Cinema e Educação: a Lei 13006” que apresenta um conjunto de 20 reflexões e propostas teórico-metodológicas sistematizadas por 40 profissionais de diferentes grupos de pesquisa das universidades brasileiras, professores da educação básica, cineclubistas, que vem trabalhando na interface do cinema e educação.

Vale ressaltar que nos dias atuais a Rede Kino é formada por estudantes da graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores de diferentes Estados do país. Há pelo menos representantes em 10 Estados brasileiros que se reúnem durante o CineOP para discutir possibilidades e fronteiras da relação cinema e educação, conforme os valores descritos na carta abaixo:

Carta de Criação da Rede Latino Americana em Educação, Cinema e Audiovisual: Rede Kino:

Considerando a importância do cinema e do audiovisual no campo da educação e da cultura nas sociedades contemporâneas e a necessidade da ampliação e consolidação de discussões e práticas relativas a esta temática e à educação do olhar, em especial, reuniram-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dias 7 e 8 do mês de agosto de 2009, professores, pesquisadores, produtores, estudantes e representantes de outras organizações do âmbito do cinema e audiovisual, abaixo assinados, para a criação da Rede Latino-Americana em Educação, Cinema e Audiovisual, Rede Kino. A iniciativa surge de encontros proporcionados pela participação dessas pessoas em seminários, congressos acadêmicos e mostras de cinema dentro e fora do país e também do desejo de compartilhar experiências e somar esforços para tratar questões relativas à articulação entre educadores, pesquisadores, cineastas, produtores e gestores da educação no sentido de viabilizar ações conjuntas para:

- 1) superar a distância entre produção artística e formação humana;*
- 2) articular cinema e educação na formação intra e extra escolar de crianças e jovens;*
- 3) articular cinema e educação na formação de professores e exercício da docência;*
- 4) contribuir para a formação de público para o cinema brasileiro;*
- 5) colaborar com a educação estética audiovisual;*
- 6) articular projetos em cinema e educação no âmbito latino-americano;*
- 7) oferecer subsídios para que a produção audiovisual latino-americana incorpore a preocupação com a educação;*
- 8) oferecer subsídios para a formulação de políticas públicas no que diz respeito ao acesso da população brasileira à produção cinematográfica;*
- 9) estimular produções audiovisuais em espaços educativos;*

Belo Horizonte, 8 de agosto de 2009.

*Adriana Fresquet (UFRJ)
Ana Lúcia Azevedo
Ariadia Ylana Ferreira (UFMG)
Ataídes Braga
Cleuber Inácio Amaro (UFMG)
Claudio Marcio Magalhães
Daniela Giovana
Elisabete Bullara (Cineduc)
Eugênio Magno
Herbert Glauco de Souza (UFMG)
Inês Teixeira (UFMG)
José Henrique Vilela (UFMG)
Milene Gusmão (UESB)
Pedro Ortiz (USP)
Rosália Duarte (PUC-Rio)
Vitor Ferreira Lino (UFMG)*

Rede de Pesquisas “Imagens, Geografias, Educação”:⁸²

As buscas dos participantes do grupo de pesquisa visam rasurar o entendimento já dado para a imagem, almejando outras possibilidades para a mesma. Contudo, por estarmos inseridos no contexto de uma prática cultural de pensamento que tende a majoritariamente colocar a imagem como



elemento informativo e de reprodução da realidade já dada, essa busca por novas possibilidades caminha na tensão e na deriva com essa concepção maior. Nesse contexto, a abordagem do grupo perante a imagem possui trilhas diferenciadas que mutuamente se enriquecem a partir da crítica e da resistência ao usual, sendo:

- a) inovar a metodologia de abordagem da imagem, ou seja, fazer uso de novas ferramentas técnicas e metodológicas para interpretar o que a imagem quer dizer enquanto informação e representação do real;
- b) buscar pensar a imagem através da própria imagem, portanto, instaurar novos sentidos espaciais com a potencialidade das imagens em nos afetar e tensionar o pensamento para outras possibilidades.

CINEAD:⁸³



O projeto tem por objetivo pesquisar experiências de introdução ao cinema com professores e estudantes de Educação Básica, dentro e fora da escola. Os principais fundamentos desta proposta articulam autores dos estudos de cinema – em particular da pedagogia do cinema – com autores do campo de saberes e práticas da educação – em particular da psicologia e da filosofia da educação. O site do projeto também disponibiliza materiais didáticos, publicações e divulgação de projetos em andamento na área acadêmica.

⁸² Dados disponíveis em: <https://5coloquioimagensblog.wordpress.com/rede-de-pesquisa/>

⁸³ Dados disponíveis em: <http://www.cinead.org/>



Cine Tela Brasil:

O Cine Tela Brasil tem o objetivo de levar cinema brasileiro de qualidade até localidades carentes situadas às margens ou próximas às rodovias mantidas pelo grupo CCR, como as rodovias administradas pela CCR ViaOeste.

O projeto consiste em uma grande tenda de 13m x 15m, onde são instaladas 225 cadeiras, equipamento profissional de projeção 35mm (cinemascope), som stereo surround e ar condicionado de última geração. Toda a estrutura é itinerante. Ou seja, montada e desmontada a cada visita, sendo transportada por um caminhão que também se transforma em cabine de projeção durante as sessões.⁸⁴

⁸⁵No ano de 2014 foi lançado um livro sobre os 10 anos de atuação do projeto, “Cine Tela Brasil e Oficinas Tela Brasil: 10 anos levando cinema a escolas públicas e comunidades de baixa renda”. A publicação buscou inspirar educadores e políticas públicas e retrata os projetos que colecionam números impressionantes. Foram percorridos 116.509 km em estradas, levando cinema brasileiro a 759 bairros de periferia, onde foram realizadas 7.439 sessões de cinema para 1.355.403 brasileiros. Dezoito Estados e o Distrito Federal foram visitados pelo Cine Tela Brasil, que colocou brasileiros de várias idades pela primeira vez numa sala de cinema.

O livro ainda trouxe o histórico e reflexões sobre a experiência em torno das Oficinas Tela Brasil, que impactaram mais de três mil estudantes de baixa renda, em 121 oficinas, onde foram realizados 407 curtas-metragens.

Na realização do livro, todos os curtas foram novamente assistidos e classificados, a fim de que um raio-x da produção pudesse mostrar ao leitor quais histórias são contadas pelo jovem brasileiro, morador de periferia, quando este jovem tem uma câmera nas mãos.

⁸⁴ Dados disponíveis em: <http://www.viaoeste.com.br/sustentabilidade/cultural/cine-tela-brasil?id=316>

⁸⁵ Dados disponíveis em: <http://revistadecinema.com.br/2014/11/cine-tela-brasil-e-oficinas-tela-brasil-10-anos-levando-cinema-a-escolas-publicas-e-comunidades-de-baixa-renda/>

Apêndice B

Eventos atuais envolvendo Cinema e Educação:

CineOP – Mostra de Cinema de Ouro Preto:⁸⁶

Realizada na cidade patrimônio mundial da humanidade, a CineOP



representa uma iniciativa pioneira no circuito de festivais e mostras de cinema a agregar valor de patrimônio à sétima arte e contribuir com um olhar para a história a partir do contemporâneo, em diálogo com a educação e em intercâmbio com o mundo.

Idealizada em 2006 para estar a serviço da preservação do patrimônio cinematográfico brasileiro, foi acolhida de imediato por instituições, técnicos, pesquisadores, historiadores, colecionadores, jornalistas e colaboradores, que a elegeram fórum de reflexões e encaminhamento de ações do setor da preservação. Tornou-se palco de encontros, discussões e decisões do setor de preservação, que clama por atenção e políticas públicas em um mundo hiperacelerado e tecnológico, que muitas vezes se esquece ou negligencia sua própria história.

Estrutura sua programação em três temáticas de atuação: Preservação, História e Educação, que convergem a cada edição em suas preocupações conjuntas para o aprofundamento de fatos históricos, do saber audiovisual e da preservação junto à sociedade brasileira. Preocupam-se com estratégias, instrumentos, agentes e políticas que viabilizem transformações necessárias a uma sociedade mais justa, ativa e preocupada com seu patrimônio humano, histórico, cultural e artístico. Cada temática com um enfoque e discussões próprias que se aproximam em mesas e atividades propostas.

Assim, o CineOP representa uma iniciativa pioneira no circuito de festivais e mostras de cinema a agregar valor de patrimônio à sétima arte e contribuir com um olhar para a história a partir do contemporâneo, em diálogo com a educação e em

⁸⁶ Disponível em: <http://cineop.com.br/>

intercâmbio com o mundo. Promove o diálogo entre a classe cinematográfica, a educação, representantes dos arquivos e acervos, com os poderes públicos e privados, com a proposta de focar o cinema com patrimônio, capaz de revelar e promover a identidade do Brasil.



***Pequeno Cineasta:*⁸⁷**

O principal propósito do Festival Internacional Pequeno Cineasta é mostrar o olhar das crianças e jovens através das lentes do cinema. Criado pela atriz e produtora Daniela Gracindo, acontece anualmente no Rio de Janeiro desde 2010, sendo pioneiro e único no Brasil. O festival exibe filmes feitos exclusivamente por cineastas de 8 a 17 anos do mundo inteiro, e conta com Mostra Competitiva e Mostra Não Competitiva. Além disso, o evento oferece outras atividades como Workshops, Mesa Redondinha, entre outras oportunidades para o desenvolvimento através da sétima arte.

***Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ:*⁸⁸**

Na VIII edição (2018), o festival apresentou alguns trabalhos das Escolas de Cinema criadas pelo projeto CINEAD - Cinema para aprender e desaprender - em escolas públicas do Rio de Janeiro, a partir da experiência da Escola de Cinema do Colégio de Aplicação UFRJ, criada em 2008, com o apadrinhamento de Nelson Pereira dos Santos e da consultoria do professor e cineasta Alain Bergala. Desde 2011 o projeto abre chamada para escolas públicas de Ensino Fundamental federais, estaduais ou municipais. Além disso, realiza curso de formação dos professores e trabalho nas escolas com as crianças, a partir de quatro principais exercícios e experimentações: Minutos Lumière, filmado/montado; construção de um espaço fictício/real e plano comentado.



⁸⁷ Disponível em: <https://pequenocineasta.com.br/festival/>

⁸⁸ Disponível em: http://www.cinead.org/encontros/Encontro_VII

Possui patrocínio do MCT/SEBRAE/FINEP, além do apoio da ASSMAM (Associação de Amigos do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro); CINÉDIA Estúdios Cinematográficos Ltda, Booklink Publicações Ltda., VANTOEN Produções Artísticas, Fotográficas e Cinematográficas Ltda.

Seminário Internacional de Educação e Cinema:⁸⁹

Em sua terceira edição (2018), o Seminário contou com a temática *Luz na docência*, com o objetivo de valorizar o trabalho dos educadores que se engajam na função de manter vivo o lugar do cinema na escola, explorando seus atravessamentos na formação dos estudantes, na prática docente e na estrutura escolar. Realizado pelo Programa de Alfabetização Audiovisual, de Porto Alegre-RS, o Seminário tem como valores o compartilhamento dos desafios, práticas e reflexões envolvidos nas relações entre Escola, Cinema e Docência. Além disso, promove discussões, constrói conhecimento e formula questões atuais e específicas do campo.



Forúm da Rede Kino:⁹⁰

O I Fórum da Rede Kino, no Rio de Janeiro aconteceu durante o III Encontro Internacional de Cinema e Educação da UFRJ. A partir do ano seguinte, o fórum vem sendo acolhido na Mostra de Cinema de Ouro Preto, evento representativo no circuito alternativo de exibição. A inclusão do fórum junto à Mostra ressalta a preocupação com a preservação do cinema nacional, além de exaltar o interesse em abrir o diálogo com educadores e pesquisadores envolvidos com atividades de pesquisa, ensino e extensão no âmbito do cinema e do audiovisual.

⁸⁹ Disponível em: <http://alfabetizacaoaudiovisual.blogspot.com/2018/03/3-seminario-internacional-de-educacao-e.html>

⁹⁰ Dados disponíveis em: <http://www.redekino.com.br/memoria/>

Forcine – Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual:⁹¹



FÓRUM BRASILEIRO DE ENSINO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

O Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual (Forcine) é uma sociedade civil sem fins lucrativos que congrega e representa de forma permanente as instituições e os profissionais brasileiros dedicados ao ensino de cinema e audiovisual. Visando, desde sempre, o desenvolvimento e o fortalecimento dessa atividade.

Conforme visto no panorama histórico, houve ao longo dos anos um aumento de pesquisa no meio acadêmico acerca do audiovisual e da atividade cinematográfica. Com o número de cursos dessa área aumentando exponencialmente, em especial, nos últimos dez anos, houve também um aumento no número de profissionais especializados no mercado de trabalho e também de professores e material teórico, destinados à formação do novo profissional do audiovisual brasileiro. Assim que, todo este movimento, dedicado ao ensino de cinema, pedia uma representatividade mais coesa e, sobretudo, consciente das necessidades e potências da atividade. Nesse contexto, portanto, a criação do Forcine – que congrega profissionais e instituições ligados ao ensino de cinema no Brasil – foi da maior importância. O FORCINE é filiado SOCICOM - Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação - e ao CBC - Congresso Brasileiro de Cinema.

**Mostra
Campinas:⁹²**

Kino

A Mostra Kino
Campinas é uma
iniciativa para



fomentar o debate do cinema na escola e em outros espaços educativos. O cinema

⁹¹ Dados disponíveis em: <http://www.forcine.org.br>

⁹² Dados disponíveis em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/mostrakino/>

que, em sua heterogênesse, coloca o pensamento em arte, linguagem e tecnologia. Corpo e tempo e corpo e espaço, percepção e memória. Cinema que ensina desejar e querer, que transversa consciência, conhecimento, saberes e criação.

A Mostra também tem o propósito de conversar com a prática da câmera e com as ideias nas escolas públicas e privadas, nas ações educativas formais e não-formais; na educação infantil, no ensino fundamental e médio (Educação Básica). Tal é a proposta que parte de provocações para criação com o cinema nacional. Além disso, a Mostra se posiciona como não competitiva, uma vez que o principal propósito é proporcionar uma reunião para pensar e contribuir com a Lei 13006/2014, sendo assim, uma Mostra para conversar sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNC).

Recria Cine – Mostra de Cinema para Crianças e Adolescentes:⁹³

A Recria Cine é a primeira mostra de cinema do município de Ervália - MG. Em sua programação, o evento gratuito exhibe filmes de todo o país para divertir e educar as crianças e adolescentes da cidade, além de oferecer a elas diversas atividades recreativas, exposições de arte, oficinas de formação e apresentações culturais.



O evento propõe utilizar a cultura e a arte como ferramenta de transformação, trabalhando a partir da coletividade, da cooperação, da união, do respeito, da diversidade, do empoderamento, do pertencimento local e do amor, baseado em valores éticos, humanistas e democráticos, visando o bem-estar, a qualidade de vida e o progresso da comunidade envolvida. Enxerga na escola um equipamento cultural de uso comum da comunidade, um espaço de lazer, formação e fruição cultural, um espaço aberto às mais diversas manifestações artísticas e culturais da cidade e região.

A Recria Cine é um evento totalmente colaborativo e é realizado pelo Refazenda, um coletivo de cultura, comunicação e arte que se articula através de

⁹³ Dados disponíveis em: <https://www.facebook.com/RecriaCine/>

redes, com base na economia colaborativa e solidária. O coletivo busca movimentar a cena artística cultural de Ervália, Minas Gerais, construindo novas formas de se relacionar cultura, arte, comunidade e meio ambiente, em busca de um desenvolvimento sustentável - humano, social, econômico e ambiental - que promova e fomente os artistas e agentes culturais locais.

CBPVE - Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil:⁹⁴



Em 2016 foi realizado o I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE) na cidade de Pelotas-RS organizado pela UFPel com o intuito de debater a produção de vídeo feito por professores da Educação Básica. Desde o I CBPVE foi dada ênfase à participação de professores da educação básica.

Já no ano de 2017 foi realizado o II CBPVE na cidade de São Leopoldo-RS com o apoio da Unisinos. Foi criada a exibição de vídeos da prática pedagógica, no qual professores podiam apresentar vídeos de uma aula ou ação de vídeo com os alunos.

E, em 2018, o congresso se realizou em conjunto com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e o Instituto Federal da Bahia (IFBA), parceiros na coordenação do evento.



Projeto Cineminha:²⁴

O projeto “Cineminha” acontece desde 2013, com a realização de mostras gratuitas de curtas-metragens brasileiros voltados para o público infanto-juvenil, educadores, familiares e comunidade em geral.

As mostras contemplam sessões de filmes, oficinas de desenho de animação através de brinquedos óticos, oficina de produção audiovisual para jovens e oficina expressa de curta-metragem. No ano de 2019 está em sua 4ª edição, realizado em Campinas-SP. Além disso, já contou com algumas parcerias, oferecendo atividades

⁹⁴ Dados disponíveis em: <https://videoestudantil.com.br/>

na Mostra Curta Audiovisual de Campinas, Mostra de Cinema de Dourados, Caravana da Luz da Cifrater em Alto Paraíso de Goiás.

Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis:²⁵

Em sua 18ª edição no ano de 2019, a Mostra tem como principal objetivo exibir filmes que traduzem a multiplicidade cultural do Brasil e do mundo. A diversidade é fundamental para o desenvolvimento da consciência e, conseqüentemente, da cidadania. É no contato com as diferenças que nos enxergamos.



O projeto também defende a ideia de que as imagens exercem um grande poder na formação das crianças. Assim, a qualidade do conteúdo que é apresentado a elas, sejam filmes, programas de TV ou estímulos artísticos ajudam na construção de valores e saberes. O cinema é uma expressão que incorpora a música, a literatura, as artes cênicas e plásticas, além de outras áreas do conhecimento, como história, geografia, ciência. A sétima arte pode ser um suporte para a formação cultural de um indivíduo mais crítico e consciente.

A Mostra acredita que o cinema que valoriza a cultura (a “nossa” e a do “outro”), incentiva a autoestima, gera curiosidade e, acima de tudo, que diverte as crianças, pode ser a chave para um mundo melhor. Um mundo que aceite as diferenças como parte da riqueza cultural.